



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Mestrado em Ciências Sociais
Dissertação de Mestrado

FEMINISMO NA BAHIA
1930 — 1950

MARIA AMÉLIA FERREIRA DE ALMEIDA

SALVADOR - BAHIA
MARÇO - 1986

T/UFBA 305.42 A447

Autor: Almeida, Maria Amélia Ferrei
Título: Feminismo na Bahia, 1930-19



1155094
196069

A João, com amor.

A Angélica e Pedro D'Avila, amigos queridos.

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

142662

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Mestrado em Ciências Sociais

Dissertação de Mestrado

FEMINISMO NA BAHIA

1930 - 1950

MARIA AMÉLIA F. DE ALMEIDA

Salvador-BA.

Março - 1986

UNIVERSIDADE DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA
BIBLIOTECA
No. de Tombo 4002

AGRADECIMENTOS

A todas as minhas entrevistadas, cujas contribuições foram fundamentais para este trabalho. Em particular a Judith Mendes, que me cedeu todo o material do arquivo pessoal de Edith Mendes Gama Abreu, a Lícia Costa e Nair Alves pelo interesse e boa vontade em colaborar comigo nessa tarefa.

Ao diretor da Academia de Letras da Bahia, Carlos Cunha, e demais funcionários, que tão gentilmente me facilitaram o acesso ao material da Federação Bahiana pelo Progresso Feminino aí arquivado:

A Moema Toscano, que indicou pistas de pesquisa, e Rita de Cássia Garcia, que coletou dados valiosos no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

Renato Berbert de Castro, Cid Teixeira e especialmente Hildegardes Viana, forneceram informações sobre o feminismo e a condição da mulher baiana.

Sou grata a Alda Mota, orientadora deste trabalho, pela leitura cuidadosa e pelas relevantes observações.

A Maria Lígia Quartim de Moraes e a Neuzinha Hafner, conhecedoras de perto do feminismo, meu carinho e muito obrigado pelos importantes comentários.

Quero explicitar sobretudo minha gratidão a João pelo estímulo e contribuição, essenciais para a efetivação deste

trabalho. Ele formulou críticas da maior importância e fêz sugestões quanto ao texto. Foi meu permanente interlocutor, com paciência e carinho.

Um agradecimento especial a Mário Almeida pelo partilhar no lento e "quase invisível" trabalho analítico, decisivo para dar conta dessa difícil tarefa de tese.

A Almira, que de forma eficiente cuidou da casa, me propiciando tempo e despreocupação para escrever.

Anatálio, com a amizade e a eficiência de sempre, colaborou com o trabalho de datilografia.

S U M Á R I O

	Pág.
INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1	
A FEDERAÇÃO BAHIANA PELO PROGRESSO FEMININO	14
Rumo ao Feminismo	14
Organização do Movimento	19
Funcionamento e Atividades	29
CAPÍTULO 2	
A CONDIÇÃO DA MULHER EM SALVADOR E AS FEMINISTAS	41
Trabalho Feminino	44
Instrução	47
Cotidiano	52
Bases Sociais da Federação Bahiana	55
CAPÍTULO 3	
A LUTA PELOS DIREITOS POLÍTICOS	74
A Conquista do Voto e o Alistamento Eleitoral	74
Candidaturas Femininas	86

CAPÍTULO 4

O DISCURSO FEMINISTA OCUPA UM ESPAÇO	104
A Fala das Mulheres	105
Com a Palavra os Homens	121
Principais Críticas ao Feminismo	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
APÊNDICES	
1. Cerimonial Visual e Auditivo da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino	145
2. Enquete do Jornal A TARDE com algumas feministas baianas - 1931	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	185



Feministas baianas reunidas.



Edith Mendes Gama Abreu, presidente vitalícia da Federação Bahiana pelo Progresso Feminino.

INTRODUÇÃO

O feminismo que hoje conhecemos é fruto de um longo processo de mobilização das mulheres através da história. Assim, tem assumido conteúdos e formas diversas, segundo os diferentes tipos de discriminação produzidos pelas estruturas sócio-econômicas e ideológicas de cada época e as trajetórias existenciais das mulheres, seus aprendizados e buscas.

Inicialmente, o feminismo não ultrapassou o campo das idéias e reflexões de alguns pensadores e, pouco mais adiante, de pensadoras. É sobretudo com a consolidação do modo de produção capitalista no século passado e a necessidade de incorporar a mulher como força de trabalho, que se esboçam as primeiras perspectivas concretas para sua organização enquanto movimento. Esse momento importou em desdobramentos substanciais para a luta feminista. O primeiro foi a ruptura com o isolamento doméstico da mulher. Em consequência tornaram-se mais evidentes, pelo menos no campo da atividade econômica, as reais discriminações fundadas no fator sexo, que toda a racionalização produzida pela ideologia da sociedade de classes não foi capaz de acobertar. Aliás, essa mesma ideologia, em forma de liberalismo, serviu de alento às reivindicações feministas ao propalar a igualdade de di-

reitos entre todos os indivíduos e formas de representação política igualitárias, a exemplo do sufrágio universal.

O feminismo surgiu, como não poderia deixar de ser, em países de capitalismo avançado como Inglaterra e Estados Unidos. Neste último, em meados do século XIX já existia um movimento estabelecido resultado em parte, do adiantado processo de industrialização, da influência das idéias abolicionistas e daquelas inspiradoras da própria Revolução Americana. A campanha pelo sufrágio, privilegiada no conjunto das reivindicações políticas e trabalhistas, foi expressão maior da condição de cidadania. Na Europa, a partir das reivindicações que Clara Zetkin, delegada das mulheres socialistas em Berlim, leva ao Congresso da IIa. Internacional em 1889 (direito ao trabalho em igualdade de condições com o homem, acesso a educação, ao voto etc.) foi incentivada a organização do movimento feminista "proletário".

O movimento feminista se ampliou no início deste século, e suas aspirações podem ser traduzidas em duas principais correntes: a sufragista, com base no movimento americano e inglês, cuja proposta se caracterizava por um conjunto de reformas na esfera jurídica, a serem conseguidas nos marcos do próprio sistema capitalista; e a socialista, que, atribuindo a origem da opressão feminina ao surgimento da propriedade privada e da sociedade de classes, condicionava a emancipação da mulher à abolição das classes via socialismo.

As primeiras manifestações feministas no Brasil vão

ser fortemente influenciadas pela corrente sufragista, especialmente a americana. A partir da segunda metade do século XIX já se observa o surgimento de uma imprensa feminina, em estados como Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, que expressa o desejo de mudança no status legal, social e econômico da mulher. As campanhas abolicionista, republicana e federalista no final do século levaram algumas brasileiras daqueles estados, e também de Pernambuco e Rio Grande do Sul, a se lançarem na corrente do movimento social. Embora tenham tido um papel pouco relevante nos debates políticos em torno dessas questões, as mulheres chegaram, por exemplo, a criar algumas organizações femininas abolicionistas. Nesse contexto, despontou a reivindicação pelo voto feminino, que, rejeitada pela Assembléia Constituinte de 1890, se arrastaria por mais 40 anos.

É contudo no início do século XX, com o impulso das transformações políticas, econômicas e sociais por que passava o país, e com a paulatina integração das mulheres de camadas médias no mercado de trabalho, que começa a existir um maior espaço para a luta feminista. O movimento organizado foi definitivamente inaugurado em 1922, mesmo ano em que acontece a Semana de Arte Moderna, se funda o Partido Comunista Brasileiro e começam as revoltas militares. Neste ano, é criada no Rio de Janeiro a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, por iniciativa de mulheres de elite e com o apoio decisivo e a legitimização de organizações feministas americanas. A Federação voltar-se-ia principalmente

Feminismo
- 1922 -

para a conquista de direitos políticos — onde o voto figura como objetivo primordial da campanha e também como meio para a conquista de outros objetivos — e de um conjunto de reformas na legislação civil e trabalhista concernente à mulher.

O capítulo dessa história que nos interessa é o do feminismo na Bahia, que se desenvolve a partir de 1931, com a instalação da filial da Federação Brasileira. Salvador teve uma elite de mulheres intelectuais capazes de fazer uma campanha feminista de dimensão e duração significativas — muito provavelmente só suplantada pela do Rio de Janeiro. As baianas, até então praticamente ausentes desse tipo de manifestação, incorporam-se com vigor à luta feminista no ápice da campanha nacional pelo sufrágio feminino.

Resgatar suas idéias e contribuições significa recuperar parte da história das mulheres brasileiras. Focalizamos inicialmente a Federação Bahiana pelo Progresso Feminino, em torno da qual se agruparam as feministas. A forma como estava organizada, seu funcionamento, sua relação com o movimento nacional e principais atividades nos fornece uma idéia da dimensão e da dinâmica do movimento.

O segundo capítulo é uma tentativa de traçar um panorama de fundo da condição feminina em Salvador no segundo quartel deste século, abordando alguns aspectos atinentes ao trabalho, educação e o cotidiano das mulheres de camadas médias e altas. É principalmente desses setores sociais que saem as nossas principais protagonistas, aqui conhecidas mais de

perto através de breves histórias de vida. Para a feitura desse capítulo utilizamos dados dos Censos de 1920 e 1940, e ^{Censo} informações colhidas em entrevistas realizadas com feministas, e outras mulheres e homens que viveram esse período.

No capítulo seguinte, relatamos como as feministas baianas participaram e articularam-se nacionalmente em torno das campanhas do voto e das candidaturas femininas a cargos legislativos. Introduzimos ainda uma breve análise da argumentação feminista sobre essas reivindicações e das respostas socialmente obtidas quanto as mesmas. É o momento mais definitivamente político do movimento.

O quarto capítulo trata do discurso feminista, sua fundamentação, estruturação e seu conteúdo argumentativo. Os textos examinados serão sobretudo aqueles divulgados através da imprensa baiana, por ter sido o principal canal de expressão das idéias feministas. A parte mais significativa do capítulo discute a fala das feministas da Federação. Aliados ou adversários destas, aos homens também foi permitida a palavra nesta tese.

CAPÍTULO 1

A FEDERAÇÃO BAHIANA PELO PROGRESSO FEMININO

Rumo ao Feminismo

Ao contrário das principais capitais brasileiras, até a década de 30 Salvador ainda não havia sido despertada pela onda feminista, pelo menos no que se refere à existência de grupos de mulheres empenhadas na causa. Mesmo o aflorar de novas idéias sobre a condição feminina, presente em alguns estados como Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais na segunda metade do século passado e começos deste, e que serviria de aquecimento ao posterior surgimento de associações e entidades feministas em torno dos anos 20, ficou distante da nossa capital. Distância de uma dimensão até mesmo física.

Tudo indica que a mulher baiana pouco pôde partilhar da efervescência política, econômica e social que experimentava o centro dinâmico do país, iniciada no século passado com o estabelecimento da corte portuguesa no Rio e acelerada pelo **boom** cafeeiro, o clima abolicionista e pré-republicano e as agitações pré-revolucionárias da década de 1920. Eram novos ares, com grande ressonância nos costumes e práticas sociais que, de certa forma, empurravam o sexo feminino porta afora

do mundo doméstico. Por outro lado, as raízes patriarcais pareciam estar mais fincadas em terras nordestinas. As relações de dominação, peculiares da ordem senhorial-escravocrata, vividas aqui em toda intensidade, também se estendiam ao campo do confronto homem/mulher, mantendo esta última alheia a, ou impotente para refletir acerca de, sua própria condição.

Entretanto, enquanto tema de reflexão ou elemento com algum grau de participação social, a mulher não ficou de todo ausente do cenário baiano. Entre o final do século XIX e o início deste, desponta a atuante figura de Amélia Rodrigues, educadora, escritora e poetisa. Inspirada pelos ideais abolicionistas de emancipação, tal como outras companheiras do centro-sul, ela passa a preocupar-se com as questões do sexo feminino. Reconhecia a situação de marginalização vivenciada pela mulher ao longo dos séculos e incentivava sua participação nas obras de cunho educativo, religioso e assistencial, embora reafirmasse os limites da ação feminina, ressaltando os seus naturais e intrínsecos papéis de mãe e esposa. Isto não fugia à tônica predominante do feminismo de então, mas sua reflexão é marcada, de forma acentuada, por um conservadorismo perpassado de princípios cristãos, o que não lhe permitiu aceitar de início o feminismo, nem descortinar um horizonte mais largo para suas conterrâneas.

É provável que ela já estivesse fazendo um trabalho preventivo contra as idéias feministas que estavam chegando. O alarde da imprensa e a forte reação da ala conservadora da sociedade, tornavam essas idéias supostamente ameaçadoras e

*Amélia Rodrigues
do centro-sul*

passíveis de transtornar a ordem social.

Vale a pena acompanharmos um pouco a trajetória das concepções dessa mulher.

Em 1907., num discurso intitulado "A mais bela missão da mulher", proferido na instalação da Associação das Damas de Maria Auxiliadora, vinculada à ordem Salesiana, dizia:

negue a sciencia moderna que o homem e a mulher são iguais, desiguais ou differentes na estructura do organismo, no peso do cérebro, ou na capacidade de intelligência; conceda-se ou recuse-se à companheira do homem o direito de emancipar-se dos deveres do lar e de intervir nos públicos negócios, o que se me afigura incontestável é que as tendências da natureza não serão atrophiadas ou torcidas impunemente pelas influencias do falso progresso. E porque a natureza parece ter marcado entre os sexos essa distincção essencial: — para a mulher — a soberania do coração, esta ordem não poderá ser alterada sem graves danos para a sociedade, para a família ou para o próprio indivíduo que a queira transformar... a Mulher é ainda o que racionalmente deverá ser sempre no seio das nações sensatas: a rainha do lar, o anjo do sacrificio e da ternura envolvendo o trabalho do homem num halo de amor. Deixemos portanto a referver lá fora o fermento dos ideais novos, a utopia das reivindicações femininas, o desejo de que a evolução social produza o phenomeno de masculinizar a mulher, e vamos considerá-la sob o ponto de vista de seu verdadeiro destino, collaboradora do homem, em vez de sua intensa rival.¹

Amélia Rodrigues funda em 1909 a Liga Cathólica das Senhoras Bahianas, mantida sob sua presidência. A associação, com ramificações em algumas dioceses do país, estava ligada ao Mosteiro de São Bento e filiada à União Internacional de Mulheres Católicas. Tinha como finalidade organizar a participação feminina em obras sociais ao tempo em que visava aprofundar a fé e práticas cristãs entre seus membros. Isto

está claro na revista porta-voz da Liga, destinada a "propagar idéias moralisadoras" e cujos temas versavam sobre Igreja, mães, filhos, ensino religioso etc.²

Em 1915, o feminismo e suas reivindicações já constituem uma ameaça próxima e a necessidade de afastar as mulheres de sua órbita de influência aparece em sua fala:

... quando levada por idéias errôneas, atraída pelo tal feminismo dessarrazoado, ella esquece que foi feita para o lar e se faz suffragista, arruaceira, pretendendo nivelarse com o Homem nas lutas políticas é louca e ridícula; quando põe o seu espírito, a sua dedicação, o seu incontestável poder a serviço da verdade e do bem, ella duplica seu valor, duplicando a sua missão, pois que se torna duas vezes productora de vidas: vida de corpos e vida de almas.³

Tempos mais tarde, em 1921, numa conferência intitulada o "Feminismo e o Lar", realizada na Associação dos Empregados do Comércio, Amélia Rodrigues passa a incorporar o feminismo ao seu discurso. Mas o que à primeira vista parecia significar um grande salto em suas concepções, logo se revelaria um feminismo especial, "o feminismo cristão", que se diferenciava do "feminismo revolucionário". Talvez isso representasse uma forma estratégica de incorporar o rótulo do novo e ao mesmo tempo preservar a cristã sociedade de perigosas e desestabilizadoras influências. Suas preocupações se concretizariam ainda mais: "Quem pensaria que as mulheres brasileiras dessem ouvidos à voz de anarchisadoras do lar?... Pois deram". Em seguida, cita organizações feministas "revolucionárias" que estavam surgindo no Rio, dentre as quais a Liga para Emancipação Intellectual da Mulher, criada por

Bertha Lutz e que em 1922 se transformaria na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Num trecho adiante esclarece o seu feminismo:

O ideal do bom feminismo portanto se desenha nítido, bello, sem confusão possível com o outro: é dar meios de existência menos dolorosa ao sexo feminino, sobretudo às pobres desamparadas que precisam ganhar seu pão como operárias e cujos direitos tem sido postergados até hoje, numa injustiça que admira e revolta.⁴

(É interessante este enfoque sobre a operária, por revelar uma preocupação com a questão social).

Numa questão Amélia Rodrigues de fato admitia avançar: a defesa do sufrágio feminino. Muito embora as razões que a impulsionaram a incorporar esta posição derivassem menos do reconhecimento do direito da mulher ao voto enquanto cidadã do que da necessidade de acompanhar o "progresso", não deixava de ter impacto local a opinião de uma mulher notável nos meios intelectuais e católicos. E como não podia afastar-se dos princípios religiosos, ela questionava a possibilidade de conflito entre interesses religiosos e políticos como resultado da instauração do voto feminino no Brasil. Segundo suas próprias hipóteses, estas esferas não corriam muito risco de entrar em choque, porque as mulheres católicas estavam pouco preocupadas com a ação política e, se chegassem a votar, sendo mais religiosas que os homens, votariam em candidatos que representassem os interesses católicos.⁵

Passando a residir no Rio de Janeiro, Amélia funda a "Aliança Feminina", agremiação nos mesmos moldes de sua Liga,

permanecendo afastada do movimento feminista que aí florescia. Morreria um pouco mais tarde, em 1926.

A própria vida de Amélia representava um paradoxo. Mulher atuante na esfera pública, pregava a permanência passiva de suas companheiras de sexo na esfera privada do lar. Investida de representatividade enquanto intelectual, reproduzia a ideologia patriarcal conservadora. Contudo, foi uma figura importante, não só pelo lugar pioneiro e praticamente singular que, enquanto mulher e falando de mulher, ocupou na cidade do Salvador, mas sobretudo pela influência que suas idéias exerceriam sobre as integrantes do movimento feminista no começo da década de 30 na Bahia.

Organização do Movimento

Como foi visto anteriormente, o feminismo que em fins da segunda década deste século surge no Brasil era, acima de tudo, um movimento em prol dos direitos políticos, trabalhistas e civis da mulher, tendo a campanha sufragista como eixo. A então capital da República abrigou suas mais significativas manifestações, não só através da imprensa feminina, como da maior e mais duradoura organização, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, criada em 1922 por Bertha Lutz.⁶ Com a intensificação da luta pelo voto, é criada a filial baiana. A iniciativa parece ter partido das próprias lideranças nacionais do movimento, dentro da estratégia de estabelecer filiais na maior parte dos estados brasileiros, e as articulações que precederam sua efetivação foram feitas por

Bertha Lutz e Moniz Sodré, senador baiano defensor do voto feminino,⁷ que sugere o nome de Edith Mendes Gama Abreu para assumir a presidência da Federação na Bahia.

X A 9 de abril de 1931, em sessão solene no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, tomam posse as diretorias da Federação Bahiana pelo Progresso Feminino (FBPF) e da União Universitária Feminina, uma das suas associações federadas, presididas por Edith Gama Abreu e Dra. Francisca Praguer Frões, respectivamente. Maria Luíza Bittencourt, jovem baiana estudante de direito, membro de destaque da Federação Brasileira e principal incentivadora das idéias feministas no estado, preside os trabalhos concitando as suas companheiras "à colaboração na obra de devoção do sexo, — a obra de pacificação nacional, de reconstrução da Pátria, ainda que a incompreensão dos nobres intuitos da mulher faça que as cubra de ridículo".⁸

No discurso de posse, Edith Gama Abreu, inspirada em forte concepção religiosa, dava um toque pessoal aos propósitos da Federação, porém não foi menos genérica que Maria Luíza: "Lá está a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino num amplo programa de elevação moral e intellectual da mulher, da regeneração social pela partilha equitativa dos direitos, do aperfeiçoamento humano pela evangelização da paz e da caridade".⁹

Estavam presentes ao evento, os mais ilustres representantes do governo, membros do Instituto, intelectuais, senhoras e senhoritas baianas. Segundo noticiado por um jornal,

"todos os discursos foram aplaudidos, apesar da maioria do auditório ser predominantemente masculino".¹⁰

A constituição da Federação foi precedida e acompanhada de intensa propaganda. Tornava-se imprescindível desfazer as "suposições injustas" dos detratores, provar a "elevação dos ideais feministas",¹¹ defender o direito de associação das mulheres, como ocorria com os demais segmentos da sociedade e, prioritariamente, "n'um meio ainda um tanto hostil aos seus ideaes, arrancar a mulher da indiferença costumeira no tocante às reivindicações que tem a fazer e mostrar-lhe, como ao homem, a legitimidade d'essas reivindicações".¹²

A imprensa baiana foi extremamente receptiva, abrindo um grande espaço à veiculação das idéias e atividades das feministas. O diretor do DIÁRIO DA BAHIA, Pacheco de Oliveira, cedeu uma coluna diária do jornal para assuntos relativos ao sexo feminino. Além da acolhida pelos jornais da cidade, as feministas se utilizaram do rádio — com o programa "A 1ª Hora Feminista", na Rádio Sociedade —, palestras, cartas circulares, folhetos para distribuição no interior, etc.. Um verdadeiro trabalho de "doutrinação". Apesar disso, a campanha não conseguiu lograr o êxito desejado.

No dia mesmo da formalização da Federação e da União Universitária, em artigo publicado no DIÁRIO DA BAHIA, Lili Tosta, jornalista e membro da diretoria do grupo, preconizava com a necessária cautela as intenções do movimento:

Que mal haverá em senhoras bahianas, não diplomadas, porém de idéias avançadas, se reunirem em Federação para trocarem idéias e tratarem dos interesses do seu sexo?... Entre

outras causas temos de trabalhar para a paz do nosso Estado, do nosso país e finalmente para a paz universal. Quem ousará dizer que este ideal de paz não este ja em harmonia com as atribuições femininas?... A propaganda pelo progresso feminino, phísico, moral e intellectual, baseado numa moral pura e sadia é o único fim a que se propõe a União Universitária e a Federação. Deve ficar bem claro de que os nossos ideaes são essencialmente moraes e moralizadores.¹³

A organização e funcionamento da Federação comprovam o "bom comportamento" feminino das feministas.

A filial baiana foi inteiramente moldada segundo os parâmetros da Federação Brasileira, da qual obtinha as orientações teóricas e práticas, cujo objetivo estava assim fixado:

- A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino destina-se a coordenar e orientar os esforços da mulher no sentido de elevar-lhe o nível da cultura e tornar-lhe mais efficiente a atividade social, quer na vida doméstica, quer na vida pública, intellectual e política. Com este intuito trabalhará para os seguintes fins:
- 1º) Promover a educação da mulher e elevar o nível de instrução feminina.
 - 2º) Proteger as mães e a infância.
 - 3º) Obter garantias legislativas e práticas para o trabalho feminino.
 - 4º) Auxiliar as boas iniciativas da mulher e orientá-la na escolha de uma profissão.
 - 5º) Estimular o espírito de sociabilidade e de cooperação entre as mulheres e interessá-las pelas questões sociais e de alcance público.
 - 6º) Assegurar à mulher os direitos políticos que a nossa Constituição lhe conferir e prepará-la para o exercício intelligente desses direitos.
 - 7º) Estreitar os laços de amizade com os demais países americanos, afim de garantir a manutenção perpétua da Paz e da Justiça no Hemisfério Ocidental.¹⁴

Estes fins reproduzem os pontos norteadores dos programas das organizações feministas norteamericanas, inspirado-

ras e incentivadoras do movimento brasileiro. Não resta dúvida que a luta por direitos políticos foi o principal móvel do movimento e a conquista do voto feminino, aprovado em 1932 e promulgado pela Constituição de 1934, provocou um certo esvaziamento, reorientando os esforços das mulheres para algumas alterações no Código Civil e na Legislação Trabalhista. Uma importante iniciativa neste sentido foi o projeto de lei propondo a criação do Estatuto da Mulher, encaminhado em 1937 por Berthá Lutz, quando assumiu uma cadeira na Câmara Federal.¹⁵

As baianas, distantes da capital da República, locus gerador do aparato institucional-normativo alvo das novas reivindicações, mais uma vez não puderam participar diretamente dessas campanhas. O grupo local dirigiu suas ações para aspectos da educação feminina e para algumas realizações ligadas à maternidade e à infância, como veremos na exposição de suas atividades. Temas certamente mais ajustáveis a um feminismo conservador e provinciano, expressão de um ideal feminino em que os atributos de mãe e esposa continuavam intocáveis e o altruísmo e a caridade configuravam a missão de mulher.

Retomemos a questão da organização. De acordo com os artigos 4º e 7º de seus estatutos, a Federação seria constituída por um Centro de Sócias na capital da Bahia, com o objetivo de estimular a sociabilidade de suas integrantes, e de filiais, núcleos ou diretórios nos municípios. Contaria com os seguintes órgãos administrativos: Diretoria Central,

composta de uma presidente, duas vice-presidentes, uma tesoureira, duas secretárias e uma consultora jurídica/parlamentar; Conselho Social, composto de um número indeterminado de sócias; e Conselho Fiscal, composto de 3 a 5 membros.

Era praticamente a mesma estrutura do organismo central, que contava ainda com quatro associações federadas: a União Universitária Feminina, formadora da intelectualidade feminina e expressão cultural da mulher, cujo lema era Cultura; a Liga Eleitoral Independente, órgão de opinião feminina e de atuação política da mulher, cujo lema era Lei; a Ala Moça, "renovadora da liderança e propulsora do progresso e da disciplina, para robustecer a mocidade, fortalecendo a sua têmpera, animando-a de um ideal de ressurgimento". Seu lema: Disciplina; e a União Profissional Feminina, que seria transformada em União do Trabalho Feminino, com secção de trabalhadoras intelectuais, comerciais, industriais, domésticas e rurais, e funcionárias públicas. Seu lema: Energia.¹⁶

Essa ambiciosa rede organizacional nunca chegou a funcionar. Quanto aos núcleos municipais, nos dois primeiros anos a filial baiana só chegou a iniciar contatos em Feira de Santana, Cachoeira e Santo Amaro, e mais tarde, em 1937, em Juazeiro e Alagoinhas. Com relação às associações, a União Universitária, criada no mesmo dia da Federação, não teve prosseguimento; a Ala Moça, fundada em 1935, teve alguma atuação e, junto com a Liga Eleitoral em sua rápida existência nos anos de 1936 e 1937, foram atingidas por dissidências internas; a União Profissional, a associação mais incen-

Associação
Universitária

tivada e atuante no Rio de Janeiro, não conseguiu sequer ser instalada na Bahia, embora não faltasse iniciativa neste sentido. Lili Tosta, então 2a. Vice-Presidente da Federação, propõe sua fundação numa reunião da diretoria em novembro de 1935, ano do levante Comunista. Edith sugere adiar esta decisão, no que é seguida pelos demais membros, em "virtude de não confiar em certos elementos que della fariam parte, pelas suas inclinações comunistas". Com o objetivo de congregar mulheres trabalhadoras para lutarem por seus direitos, a União poderia ter seus objetivos confundidos com princípios socialistas, o que a direção da Federação não podia aceitar nem de longe. Isto pode ser confirmado na continuidade da discussão quando uma das participantes diz já ter defendido a separação das duas associações "em virtude da confusão pouco lisonjeira feita por pessoas conceituadas".¹⁷

A forma como estava estruturada a Federação pode, entretanto, ser vista como base de um sistema formal e hierarquizado, característico de todo o movimento feminista da época, inclusive em nível internacional. As associações de 44 países se achavam federadas à "Aliança Internacional pelo Sufrágio Feminino e Igualdade Cívica da Mulher", liderada pela americana Carrie Chapman Catt. A Federação Brasileira, além incluída, reproduzia internamente e em suas relações com as filiais, o mesmo modelo. Numa carta enviada à presidente da filial baiana, Bertha Lutz é clara:

Enquanto não estiver de pé e em andamento o novo plano, não entrem (a senhora e a sua associação) em combinação com nenhuma outra associação para a realização de obras sociais.

Necessitamos manter uma linha cohesa e de ação o que será impossível se houver fragmentação de atividade.¹⁸

Os comandos do Rio não se esgotavam aí e entravam pelas questões de eventuais dissidências internas, chegando à indicação de temas a serem abordados em entrevistas. O efeito centralizador desta prática era notório, mas o tom estava afinado no sentido Salvador-Rio:

Entrando para estas associações com sede no Rio e de caráter internacional temos de nos conformar com seu programa e de obedecer os seus estatutos.¹⁹

Ou ainda:

A Federação Bahiana aguarda o recebimento do neo-plano da FBPF para obedecendo-lhe a orientação formar de vez e sem divergência que importem na falta de disciplina e de solidariedade o guia de actuação.²⁰

As feministas baianas em geral pareciam não se incomodar com este atrelamento: quer por estarem já habituadas a serem conduzidas, quer pela aceitação tácita de quase tudo que viesse do centro-sul, considerado como vanguarda. A orientação era, aliás, desejada e requisitada. (T)

Internamente, na filial, nem tudo era paz. Alguns episódios refletiam o descontentamento das mulheres com relação à centralização do movimento em torno, principalmente da figura de sua presidente. Foi o que ocorreu com a Ala Moça, como revela a ata de uma reunião: alguém afirmou que "A Federação queria entrar-lhe os passos sufocando as iniciativas", ao que Edith retrucou dizendo ser a Ala "a própria Federação, parcela de um todo, sujeita aos estatutos..."²¹ Um dos membros da diretoria da Ala pediu demissão, seguida de

Lili Tosta, que depois reconsiderou o ato a pedido de Maria Luíza Bittencourt. O episódio provavelmente teve alguns desdobramentos, pois meses depois, em nota publicada na imprensa, a presidente severamente encerrava a questão:

Se elementos feministas extremistas — desagregados alguns de nossas fileiras, exatamente por não estarem de acordo com a nossa orientação, e terem como dizem "ideais mais avançados", — se prevalecem do título de feministas para seus desmandos, não responde por elles a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que é, com as suas filiais, o órgão coordenador da opinião da mulher, no que respeita às suas reivindicações perante a lei nesse país. Feministas officiaes são as lideradas por Bertha Lutz...²²

*feministas
oficiais*

Edith demonstrava ser uma mulher de posições marcadamente rígidas, além do que, costumava imprimir um cunho personalista e centralizador às atividades da Federação.

O sistema eletivo para os cargos da Federação e a regulamentação que categorizava as sócias, também refletia as já comentadas centralização e hierarquia. Apesar das eleições para a diretoria e o conselho realizarem-se a cada 2 anos, permaneceriam vitalícias as titulares da presidência e da vice-presidência. A composição de nomes para os demais cargos quase sempre obedecia a uma alternância dentro do mesmo grupo, evidenciando o caráter fechado da organização. Além disso, não havia restrições quanto à reeleição e o direito de voto se limitava aos membros da diretoria e do conselho.

A incorporação de novas sócias era regulamentada por um requisito essencial: indicação por um dos membros da diretoria, o que obviamente restringia o recrutamento. Estranha,

por isso, que as líderes da Federação parecessem preocupadas em aumentar o número de associadas. O esquivamento da mulher baiana ao movimento organizado e a necessidade de ampliar o quadro de sócias foram mencionados diversas vezes pela presidente, pois estas representavam fonte de receita para os empreendimentos sociais da associação.²³

Uma vez dentro do movimento as sócias eram enquadradas nas categorias de:

Beneméritas — as que contribuírem com a quantia de 500\$000 para as despesas da Federação;

Benfeitoras Remidas — as que entrarem com a importância de 300\$000, sem obrigação de mensalidade;

Benfeitoras Contribuintes — as que pagarem a jóia de 50\$000 e a mensalidade de 3\$000;

Contribuintes — as que concorrem com 3\$000 mensaes, tão-somente.²⁴

Apenas as sócias das três primeiras categorias tinham o direito de fazer parte da diretoria. O critério de enquadramento, exclusivamente econômico, deixa claro que a direção do movimento estava reservada a mulheres de posição sócio-econômica mais elevada.

Os homens tinham seu lugar no quadro da Federação, podendo ser alistados como sócios beneméritos e benfeitores, mas não integrantes da diretoria. O Capitão Juracy Magalhães, Dr. Aloísio de Carvalho Filho, Dr. Antonio Moniz Sodré, Senador Pacheco de Oliveira, Dr. Heitor Prager Frões estavam entre os principais nomes da primeira categoria e o Senador Medeiros Neto, Ministro Marques dos Reis, Deputado Magalhães Neto, entre os da segunda. Sem dúvida, homens acima de qual

quer suspeita... Eles compareciam a sessões solenes da Federação e suas poderosas figuras certamente davam respaldo ao movimento. Contudo, a participação de muitos deles não se reduzia a essas ocasiões. Escreviam artigos simpáticos ao feminismo e desempenharam relevante papel nas articulações e encaminhamentos que passavam pelo campo da política institucionalizada, maioria talvez das ações feministas.

As informações disponíveis evidenciam uma relação dos homens com o movimento bastante diferente daquela descrita pelas mulheres. Uma autorizada porta-voz colocava que a Federação era "UNICAMENTE FEMININA, não podendo haver, lá dentro, influência masculina de nenhuma espécie e sob nenhum pretexto", embora, continuava ela, "isto não quer dizer que ella seja contra os homens".²⁵ Como se trata de uma opinião expressa quando o movimento ainda dava seus primeiros passos, é provável que, com o decorrer do tempo, as mulheres tenham mudado ao perceberem que o envolvimento dos homens, especificamente os políticos, era necessário à sobrevivência do movimento.

Funcionamento e Atividades

A Federação existiu de 1931 até 1948, ano da última ata de que temos conhecimento, ainda que nela não esteja registrado o encerramento de suas atividades. Funcionou a maior parte do tempo em sede própria à rua do Rosário, 135, com sala de aula e biblioteca. Segundo sua presidente, por aí passaram cerca de 300 mulheres. Ainda, pudemos verificar que

31-48

este expressivo número se referia sobretudo às participantes dos cursos oferecidos pela Federação a partir de 1934. Das 215 integrantes da Federação no período de 1931-1934, 135 eram alunas e 80 sócias, sendo que 38 destas entraram em 1931 e as 42 restantes nos três anos seguintes.²⁶ Este número não deve ter crescido muito posteriormente. As integrantes dos quadros da diretoria, conselho e comissões especiais eram em torno de 20 e as participantes assíduas às reuniões flutuavam entre 10 e 20.

O funcionamento se dava basicamente através de sessões mensais e sessões solenes. Das primeiras constavam assuntos administrativos, votos de louvor e pesar, e medidas práticas para o encaminhamento das atividades. Muito pouco se refletia sobre a condição da mulher e seus problemas. As sessões solenes ocorriam por ocasião dos aniversários da Federação ou de outros eventos, e constavam de um ou dois discursos, um dos quais sempre a cargo da presidente, intercalados por programação musical com números de piano e violino dedilhados por mãos femininas. A cobertura jornalística ressaltava o brilho de tais eventos, cuja assistência era constituída pelos mais altos escalões da política e figuras de realce da intelectualidade e da sociedade locais.

Um outro aspecto da convivência feminista era o cerimonial, adotado nacionalmente, similar ao de organizações do gênero Lions e Rotary clubs. Não acreditamos que, de fato, tenha desempenhado uma função suficientemente reforçadora de comprometimento feminista, mas o ritual provavelmente impres

sionava as participantes e eventuais convidadas ao configurar uma imagem de organização com características "distintas", em ambas as acepções deste termo; ou ainda, de acordo com suas integrantes, ao servir de canal para o movimento feminino expressar sua ideologia.²⁷ De todo modo, o cerimonial é extremamente interessante enquanto concepção, e mesmo que não tenha saído de cabeças baianas, foi instituído em território baiano quando da 2ª Convenção Nacional Feminista em 1934. (Apêndice 1)

Falemos agora um pouco sobre as atividades da Federação. Os cinco primeiros anos foram os de maior atuação, sendo a luta pelo voto, seguida das articulações em torno das candidaturas femininas, responsáveis por isto. "Após a conquista do voto e com o Estado Novo em 37, o movimento esvaziou".²⁸ Dois anos mais tarde, em 1939, as perspectivas não se haviam alterado e Edith G. Abreu argumentava que naquele momento deviam trabalhar" pela campanha educativa para tratar de regenerar e recuperar o valor feminino, principalmente nesta época em que não podemos tratar de assumptos políticos..."²⁹

Com efeito, excetuando as atividades no campo da política pré-Estado Novo, examinadas no Capítulo 3, o movimento em Salvador voltava-se para a educação feminina e obras assistenciais. Já em 1934, eram inaugurados diversos cursos: Português, Literatura, Línguas (francês, italiano, inglês, alemão), Matemática, Canto, Corte e também Prendas Domésticas e Arte-Culinária. Era preparar a mulher completamente, segundo palavras de sua presidente. A arte-culinária foi realmen

te realçada na época pois "nenhuma verdadeira feminista deve nutrir o desprezo pela arte-culinária... As militantes não afastam a mulher do lar como afirmam muitos dos seus adversários". Os cursos, ministrados gratuitamente — exceto uma pequena taxa de matrícula — se destinavam a uma clientela de "senhorinhas ou senhoras de boa conduta moral, requisito indispensável a quem queira fazer parte daquela sociedade, a-perfeiçãoar sua ilustração..."³⁰ Foram bastante concorridos, alguns com até 200 alunas ao ano. Ainda nos seus últimos anos a Federação mantinha esses cursos. Mesmo considerando a existência de algum traço clientelista e assistencialista nesta atividade, os cursos tiveram um papel relevante, não só atendendo ao propósito de "preparar" as mulheres para "a vida" como propiciando um espaço de encontro, de troca de experiências e informações entre elas.

Muitas outras variadas atividades, de caráter mais passageiro e pontual foram realizadas, a exemplo de: fundação de escola alfabetizante para crianças pobres com assistência dentária, médica e "moral"; fundação de Consultório Jurídico para prestar assistência principalmente a detentas e de Consultório Médico e Dentário para assistência às doentes mentais; campanha de amparo aos flagelados da seca em 1932 e 1935; mensagens de paz aos governos estaduais e estrangeiros; visitas periódicas a instituições educacionais, de caridade e recreacionais; festas litero-musicais para desenvolver o gosto artístico entre os conterrâneos, e concursos de arte feminina que, segundo a Federação, tornar-se-iam "meio prático de se estimular a cultura feminina, além de se constituírem taes

concursos, elegantes e magníficas horas de arte para o 'set' baiano...³¹

Destaque especial deve ser dada à IIª Convenção Nacional Feminista, realizada aqui em Salvador entre 28 de agosto e 19 de setembro de 1934, no exclusivo Clube Bahiano de Tênis, onde transitava a camada mais alta da sociedade. A escolha da Bahia foi assim explicada por uma líder carioca:

Muita gente deve ter ficado surpreendida com a escolha de São Salvador para a sede da Convenção... De fato não se desconhece que o Norte, sob a influência acentuadamente clerical, é mais ou menos refratário ao feminismo. Entretanto, dois fatores determinaram esta escolha: primeiro a iniciativa de D. Edith... O segundo fator — que pesou indiretamente — foi ter-se verificado a necessidade de divulgar os ideais feministas precisamente nos centros em que eles são mais combatidos...³²

As mulheres baianas não deixaram de expressar seu contentamento e orgulho.³³ Afinal, era uma demonstração de que sua iniciativa e capacidade organizativa não ficavam aquém das de suas companheiras do sul do país. Compareceram à Convenção, além de políticos e autoridades civis e militares, mulheres de 18 Estados, sendo que as delegadas oficiais foram nomeadas pelos respectivos governos mediante indicação das filiais da Federação. Pela Bahia foi designada Edith Gama Abreu, através de decreto do interventor Juracy Magalhães.

O Programa da Convenção, com o objetivo de discutir um novo plano de trabalho para a Federação, versava sobre legislação, previdência social, ação política/educação cívica e paz/relações internacionais, mas a tônica foi mesmo a política. Daí saíram os nomes de 12 candidatas por diversos estados — a serem indicadas aos partidos — e a decisão de apoiar as candidatas pró-feministas ao legislativo nacional,

estadual e municipal. Isto aparentemente ia de encontro ao estabelecido no Artigo 6º do regulamento da Convenção, onde se lê que "não serão aceitos indicações ou propostas que envolvam assumptos de politica partidária; controvérsias religiosas e doutrinas subversivas da ordem social".³⁴

Vejamos alguns pontos do programa, propostas e resoluções aprovados, segundo as quatro principais comissões constituídas, o que nos dará um panorama mais detalhado dos interesses e reclamos feministas de então.³⁵

A Comissão de Legislação, composta pelas baianas Marieta do Passo Cunha, Maria Luíza Bittencourt e Edith Gama Abreu, propôs uma série de alterações nos artigos do Código Civil, destacando-se as que aboliam a chefia do marido na sociedade conjugal e o pátrio poder e a que recomendava o casamento com separação de bens sempre que não fosse expresso desejo em contrário — medida que partia da constatação de que a maior parte dos desquites aconteciam por divergências na administração dos bens do casal. Surgiram duas sugestões sobre o divórcio, uma favorável, outra contra. Algumas mulheres consideraram que a questão não era feminista, porque interessava aos dois sexos, e sugeriram que fosse realizada uma consulta à opinião pública em geral, o que foi aceito. É interessante observar que esta proposta não foi mencionada em nenhum material de divulgação externa, constando apenas dos registros de atas. Era um tema que parecia também ir de encontro ao artigo do regulamento acima mencionado. Diante de questões importantes e emergentes, as feministas estavam dispo-

tas a desobedecer às suas próprias regras.

Ainda na Comissão de Legislação discutiu-se uma proposta de regulamentação do trabalho feminino (trabalho igual, salário igual e interrupção do trabalho sem perda de vencimento por ocasião do parto) e outras reivindicações da mulher operária, trazidas por uma representante da União dos Sindicatos, mas que não aparecem mencionadas na documentação examinada.

A Comissão de Previdência Social recomendou a criação de Departamentos da Mulher nas esferas da administração pública para implantar: Serviço de Vigilância Feminina (amparo à infância, adolescência, à mulher delinquente, aos problemas do lar, etc.); medidas de preparação da mulher para a maternidade, proteção à mãe solteira, dentre outras; cursos de higiene, eugenia e puericultura nas escolas em que houvessem mulheres e de educação sexual para crianças do último ano primário, etc.

No que se refere à Comissão de Paz e Relações Internacionais, as recomendações giraram em torno da tradição pacifista da diplomacia brasileira, do melhor aproveitamento das fontes de riqueza, da distribuição equitativa dos produtos do trabalho humano e, especificamente à mulher, medidas para estimular o espírito associativo das organizações nacionais e internacionais.

A Comissão de Educação Cívica e Política foi a que levantou pontos dos mais importantes, como os que se seguem: estabelecimento de um plano geral de Educação Cívica para a

mulher, constando de cursos nas capitais e organização de caravanas para o interior, com a finalidade de conscientizar o eleitorado feminino e instruí-lo no uso eficiente do voto; formação de Ligas Eleitorais femininas locais, filiadas à Liga Eleitoral Independente, da Federação Brasileira, e registradas no Supremo Tribunal Eleitoral. O programa dessas Ligas tinha como principais objetivos lançar candidaturas político-partidárias femininas e apoiar candidaturas femininas e masculinas que encampassem as reivindicações das mulheres; promover a organização de associações de classe femininas ou apoiar as já existentes, incentivando-as a nomear delegadas às eleições para escolha dos representantes dessas classes no Congresso Nacional, Estadual ou nos Municípios; "cerrar fileiras" para defesa e propaganda do programa traçado pela Convenção, exortando a mulher brasileira ao cumprimento de seus deveres cívicos em benefício da causa nacional.

A Convenção foi encerrada com um chá. Algumas dessas propostas/resoluções foram encaminhadas, muitas não foram iniciadas ou sequer aprovadas e outras só viriam a se concretizar através da mobilização feminista dos dias de hoje.

O movimento baiano prosseguiu sem mudança de rumo. Em 1935 receberia elogios de Bertha Lutz por ser a filial que ocupava a "liderança do Norte", e em 1940 por ser a única sobrevivente. Era mesmo de sobrevivência o esforço que o pequeno grupo de mulheres vinha fazendo. As reuniões escasseavam e, em 1945, a presidente já explicitava a desanimação reinante, propondo inclusive que fosse dirigido um apelo ao

governo solicitando uma subvenção, dada a situação difícil em que se encontrava a Federação. Embasava sua proposta com a justificativa de se tratar de uma associação de caráter beneficiente e cultural, ótica descartada nos anos mais quentes das atividades feministas.³⁶

Quanto à participação das mulheres baianas em geral no movimento feminista, podemos dizer que foi limitada, fato transparente nas falas de diversas militantes aqui citadas e até mesmo na percepção das líderes nacionais.

Se eram simpáticas à causa, ou se tinham ao menos conhecimento dela, não podemos assegurar. Poucas escreveram, assim não chegaram até nós suas impressões, e só algumas expuseram suas discordâncias. O mesmo não pode ser afirmado com relação aos homens, que escreveram muito, incentivando, alertando contra os "excessos" do movimento ou repudiando de todo as feministas.

Tampouco podemos assegurar que o movimento provocou mudanças — e não era mesmo sua intenção — na condição de vida da baiana mas, sem dúvida, em algum momento essas mulheres e idéias trouxeram um referencial do novo, da possibilidade de ser e fazer diferente, talvez um prenúncio de dias melhores para suas monótonas e encerradas vidas.

Quem eram as feministas que falaram, atuaram e em especial escreveram numa Salvador que vamos relembrar, é o que se segue.

N O T A S

1. Amélia Rodrigues, Ação Social Feminina, Nicteroy, 1923, pp. 54-56.
2. Revista Paladina, Junho 1911, parte do acervo do Arquivo do Instituto Feminino da Bahia (doravante referido como AIFBa.).
3. A Voz, outubro de 1915, p. 84, AIFBa.
4. Rodrigues, Ação Social Feminina, pp. 15-17.
5. Ibid., pp. 27-28.
6. Sobre a história do feminismo no Brasil ver Heleith Safiotti, A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade, Rio de Janeiro, 1979; Branca Moreira Alves, Ideologia e Feminismo: A Luta da Mulher pelo voto no Brasil, Rio de Janeiro, 1980; June E. Hahner, A Mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937, São Paulo, 1980; Ana Alice Costa Pinheiro, "Avances y Definiciones del Movimiento Feminista", Tese de Mestrado, Universidade Nacional Autônoma do México, 1981; Rachel Soihet, "Bertha Lutz e a Ascensão Social da Mulher, 1919-1937", Tese de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, 1947, dentre outras.
7. Moniz Sodré enviou em 1925 um projeto ao Senado defendendo o voto feminino: "Ficam reconhecidas às Mulheres todos os direitos políticos de que gozam os cidadãos brasileiros": Moreira Alves, Ideologia e Feminismo, p. 116.
8. Maria Luíza Bittencourt in Diário de Notícias, 11.04.1931.
9. Edith Mendes Gama Abreu in O Imparcial, 14.04.1931.
10. Federação Bahiana pelo Progresso Feminino, Coleção de Recortes de Jornais, Arquivo da Academia de Letras da Bahia (doravante referida FBPF/CRJ. Esses recortes de jornais em geral não trazem a data e às vezes sequer o nome do jornal.
11. FBPF, Publicação nº 1, Bahia, 1931, Arquivo Pessoal de Edith Mendes Gama Abreu (doravante referido como AEGA).

12. FBPF, Relatório de Atividades, 1931-1933, AEGA.
13. Lili Tosta in Diário da Bahia, 09.04.1931
14. FBPF, Publicação nº 1, p. 5.
15. Para um detalhamento das propostas contidas no Estatuto ver Soihet, "Bertha Lutz e a Ascensão Social da Mulher", pp. 36-43-53 e 54.
16. Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, Documento interno, AEGB.
17. FBPF, Livro de Atas, 27.11.1935. Agradeço a Renato Berbert de Castro por haver colocado à minha disposição o referido livro, que se encontra sob sua guarda.
18. Bertha Lutz, Carta enviada a FBPF, Livro de Atas, 11.12.1933.
19. Lili Tosta in Diário da Bahia, 09.03.1931.
20. FBPF, Relatório de Atividades, 1931-1933.
21. FBPF, Livro de Atas, 30.06.1935.
22. Edith Gama Abreu in A Tarde, 04.12.1935.
23. FBPF, Relatório de Atividades, 1931-1933 e Livro de Atas, 25.09.1931.
24. FBPF, Estatutos, Bahia, 1931, p. 5. Só para termos uma idéia do montante das contribuições das sócias, um metro de tecido - Crepe Georgete da melhor qualidade - custava 20\$000 e um conjunto de sofá e poltrona 250\$000 (segundo anúncio de jornal na época).
25. Lili Tosta in Diário da Bahia, 09.04.1931.
26. FBPF, Livro Corrente, 1931-1934, Arquivo da Academia de Letras da Bahia.
27. Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, Boletim nº 8, agosto de 1936.
28. Entrevista pessoal de Edith G. Abreu com a autora, outubro de 1981. Infelizmente ela faleceu em janeiro de 1982, antes que pudesse nos contar toda a história da Federação na Bahia.
29. FBPF, Livro de Atas, 21.04.1939.
30. Ô Imparcial, 14.04.1934.
31. Diário de Notícias, 27.04.1931.

32. Jornal do Brasil, 08.09.1934.
33. Hildegardes Vianna, O Imparcial, 04.09.1934.
34. Regulamento da 2a. Convenção Nacional Feminista, AEGA.
35. Resumo do material sobre a Convenção publicado no Boletim da Federação Brasileira, outubro de 1934; A Tarde; 31.08.1934; Estado da Bahia, 31.08.1934; Livro de Atas, 30.03.1934.
36. FBPF, Livro de Atas, 30.06.1935, 28.08.1940 e 27.12.1945

CAPÍTULO 2

A CONDIÇÃO DA MULHER EM SALVADOR E AS FEMINISTAS

O século XX trouxe significativas alterações no perfil das principais cidades brasileiras. Era a época do automóvel, do telefone, do cinema, das novas avenidas, símbolos de modernização e de progresso. A economia urbana se expandia especialmente em algumas capitais onde a industrialização se estabelecera de forma mais intensa, sendo ao mesmo tempo um agente estimulador e beneficiário desse processo. Nas décadas de vinte e trinta ocorreram mudanças estruturais na vida sócio-econômica e política do país: novas idéas, novas classes, movimentos sociais e muita expectativa em torno dos destinos políticos, aberta com a Revolução de 30. A pacata Salvador logo começaria a apresentar uma feição moderna, muito embora a industrialização não tivesse um papel marcante na vida da cidade.

O caráter predominantemente agrário-exportador do estado reservou à sua capital o lugar de centro dinâmico do grande comércio externo, setor hegemônico durante longo período. A atividade industrial que despontara em fins do século XIX não chegaria a configurar um setor de peso, nem para a economia da capital, nem para a estadual. Só para termos uma

idéia, a Bahia, que ocupava o 3º lugar na produção industrial brasileira em 1892, passaria para o 12º lugar em 1912 entre os estados que possuíam "grandes estabelecimentos industriais".¹

Outras fontes revelam que existiam 331 estabelecimentos industriais em 1899 (108 em Salvador) e trinta anos depois 453 (110 em Salvador), com maior concentração nos ramos da química/farmacêutica, alimentos e bebidas, metalurgia e têxtil.² Um campo em franca expansão na capital era o das atividades artesanais realizadas individualmente ou em oficinas, compreendendo o trabalho de alfaiates, chapeleiros(as), costureiras, sapateiros, funileiros, ferreiros, etc.³

Mas por volta de 1930 a cidade dava mostras de um sensível crescimento urbano e diversificação de serviços. Transitavam pelas ruas dezenas de bondes elétricos e automóveis. As cidades Alta e Baixa já estavam interligadas por dois elevadores e dois planos inclinados. O teatro Politeama recebia as grandes companhias líricas em concorridos espetáculos.

Todo esse conjunto de inovações no perfil urbano levou as mulheres das camadas mais altas da população a ocuparem um maior espaço público, determinando algumas modificações nos seus papéis e costumes. Isso repercutiu sobre a estrutura familiar, alterando em certa medida as feições da família patriarcal, esfera decisiva na educação feminina e na geração e/ou manutenção de preconceitos responsáveis por deixar a mulher em posição subordinada. Como bem sintetiza Antonio Cândido "... a urbanização rompe o isolamento tradicional da fa

mília brasileira, rica ou pobre, e altera de maneira decisiva o status das mulheres, trazendo-as cada vez mais para perto dos homens".⁴

A despeito de Salvador não ter experimentado um crescimento urbano e industrial tão intenso quanto outras capitais e, acrescido a isso, ter herdado formas das mais representativas da família patriarcal brasileira — fruto de relações forjadas no forte passado colonial-escravista de todo o estado —, não podemos deixar de considerar que a família urbana foi aos poucos se afastando desse modelo. Saffioti esclarece que a legitimação da autoridade do chefe da família passa a ser menos sustentada "em nome da sua capacidade de homem e da tradição" e no poder político/econômico antes desempenhados, e mais na qualidade de "ganha-pão do grupo familiar".⁵

De todo modo, a autoridade do homem sobre a mulher, esposa ou filha, continuava exercendo uma função coercitiva de iniciativas inovadoras. Um exemplo do quanto a ideologia patriarcal estava arraigada nas práticas sociais, era o fato de que por essa época, os diplomas, certidões, atestados e registros apresentavam apenas o nome do pai. A inclusão do nome da mãe seria inclusive objeto de reivindicação da FBPF.

Em seguida, um breve panorama sobre o trabalho, a educação e o cotidiano de mulheres de grupos sociais mais privilegiados, universo em que estão inseridas nossas personagens feministas.

Trabalho Feminino

Em 1920 a capital possuía 283.422 habitantes, dentre os quais 132.128 homens e 151.294 mulheres, passando para 290.443 em 1940, sendo 132.303 homens e 158.140 mulheres, o que revela a predominância numérica do sexo feminino.

Examinando os dados censitários quanto a posição das mulheres na faixa de população economicamente ativa da cidade, obtém-se algumas referências acerca do trabalho feminino.

Para o ano de 1920, cerca de 72% da população feminina estava, aproximadamente, assim distribuída: 1% na produção de matéria prima (agricultura e pecuária, principalmente); 17% na indústria, sendo que aí se inclui a manufatura de vestuário e toucador, detentora de mais de 85% da mão-de-obra industrial; 3% em atividades típicas do terciário (transporte, comércio, força pública, administração e profissões liberais, notadamente o magistério; 8,5% em serviço doméstico; 70% em profissões mal definidas, não declaradas ou sem profissão e 0,3% tidas como vivendo de renda.

O Censo de 1940 registra a presença de 80% do total de 158.140 mulheres, no quadro referente a "Atividade Principal". Deste percentual, 0,5% dedicavam-se a atividades de agricultura, pecuária e silvicultura; 2,5% estavam na indústria; 15% em atividades típicas do terciário, sendo que aí estavam, inseridos na categoria Serviços de Atividades Sociais, os serviços de confecção, responsável pela absorção da quase totalidade da mão-de-obra feminina no setor; 78% em atividades domésticas (remuneradas ou não) e escolares (discentes e magistério

exercido no lar), o que torna impossível particularizar o percentual das mulheres dedicadas exclusivamente à primeira; 4% corresponde às mulheres em condições inativas e em atividades mal definidas ou não declaradas.

Uma análise comparativa dos dados para os dois períodos é bastante problemática visto que os conceitos e metodologia variam muito. Apesar das diferentes faixas etárias adotadas pelos Censos — que acreditamos não alterar substancialmente os dados —, poderíamos dizer que houve redução na participação de mulheres na agricultura e pecuária entre 1920 e 1940. Para o Censo de 1920 fica difícil uma avaliação da mão-de-obra feminina na indústria. Seu elevado percentual (17%) provavelmente deve-se ao fato de estarem incluídas as costureiras na categoria vestuário e toucador, responsável, como vimos, por alto índice de absorção de mão-de-obra do setor (85%), o que significa quase 15% da população feminina considerada. Retirada esta categoria a participação feminina na indústria cairia para pouco mais de 2%, percentual praticamente idêntico ao encontrado no Censo de 1940.

Nas atividades típicas do terciário houve um acréscimo significativo no percentual de mulheres: de quase 3% em 1920 para 15% em 1940.

No que se refere ao trabalho doméstico, é impossível, não só comparar a posição para o período, como identificar o número de mulheres que o realizavam enquanto atividade remunerada ou não — caso que se refere ao trabalho da "dona-de-casa" realizado em seu próprio domicílio. Para 1920, tudo indica que as 8,5% de mulheres constantes da categoria Serviço

Doméstico executavam a atividade de forma remunerada, porcentagem significativa e apenas superada pelos 15% de mulheres na manufatura de vestuário e toucaçador. As "donas-de-casa" devem constituir a maior parte do expressivo contingente de mulheres com profissão mal definida, não declarada ou sem profissão - 75.146, o que corresponde a 68% da população feminina considerada. ~~Já~~ o Censo de 1940, apesar de registrar o elevado percentual de 78% de mulheres acima de 10 anos dedicadas a Atividades Domésticas e Escolares, além de não diferenciar para Salvador o trabalho doméstico remunerado do trabalho da "dona de casa", agrupa estes dados com os relativos à Atividades Escolares.

Não obstante a ausência de informações mais precisas a nível dos dados censitários, pode-se assegurar que o trabalho feminino predominante era mesmo o doméstico, sobretudo o de caráter não remunerado. Apenas as mulheres de classes alta e média alta estavam livres desse pesado encargo. Administravam as(os) serviçais e só de quando em vez faziam serviços mais leves para passar o tempo.

As atividades exercidas fora do lar se diferenciavam mais ainda segundo a condição de classe de cada uma, e podiam ser também remuneradas ou não. As mulheres de elite, na sua grande maioria, não tinham profissão e algumas se dedicavam a obras de caráter beneficente e assistencial. Raras foram as que tiveram interesse ou conseguiram vencer as barreiras e obter um diploma de nível superior, médicas ou dentistas que atendiam em suas casas ou montavam consultórios na cidade. As mulheres de classe média que exerciam profissão estavam particularmente concentradas no magistério primário ou no comércio lojista. As pioneiras neste último setor foram as de ascendência estrangeira.

A profissionalização da mulher e sua participação nas chamadas atividades produtivas eram contudo inexpressivas no contexto da cidade, durante toda a primeira metade deste século. O desenvolvimento das relações de produção capitalistas, elemento incentivador e desencadeador desses processos no meio urbano, encontrava-se ainda num estágio incipiente e parecia não demandar tanto por braços femininos. A tendência geral que podemos inferir é de que, ao final da década de 40, a população de sexo feminino se dirigia de forma acentuada para atividades do setor terciário, estimulada pelo referido processo de urbanização e conseqüente diversificação de serviços. Tudo aliás dentro dos conhecidos padrões de terciarização típicos da urbanização dependente.

Instrução

No tocante à instrução, os dados censitários não estão discriminados por grau — diferenciando apenas os que sabem dos que não sabem ler e escrever. Em 1920 eles indicam que 52% das mulheres sabiam ler e escrever, contra 60% dos homens. Entre 7 e 14 anos de idade havia uma proporção de 55% de mulheres que sabiam ler e escrever, contra 56% de homens e entre 15 a mais anos, 62% de mulheres e 76% de homens respectivamente. Isto de certa forma evidencia que numa idade de mais avançada era bem maior a quantidade de homens que apresentavam algum nível de instrução. As mulheres em idades correlatas já deviam ter sido afastadas mais cedo dos estudos.

* Em 1940 a proporção de mulheres que sabiam ler e escre-

57% x 62% h memo alf 1920
 1920 NU 1954 x 83 1926 - prof. ...
 letas - br recebida - no esp. doméstico (ler/escrever)

ver era de 57%, contra 62% entre os homens. Considerando que o percentual de crescimento da população feminina no período foi em torno de 6%, o índice de alfabetização decresceu levemente em relação a 1920. Para os homens houve também um leve acréscimo pois a população masculina não cresceu quase nada no período.

Por volta dos anos 30, Salvador já contava com várias instituições públicas de ensino para ambos os sexos, quer de nível médio, a exemplo do Ginásio da Bahia, Instituto Bahiano de Ensino, Colégios São Salvador e Carneiro Ribeiro, quer de nível profissionalizante, como o Instituto Normal da Bahia, antiga Escola Normal, fundada em 1836 e segunda do Brasil. A partir de 1926 a presença feminina já era notada no Ginásio da Bahia, embora a família baiana optasse preferencialmente pelo Instituto Normal, encaminhando as jovens para a carreira do magistério.⁶

No âmbito da iniciativa privada, em 1923 Henriqueta Martins Catharino, mulher da elite baiana, e o Monsenhor Flaviano Pimentel, fundam a Escola Comercial Feminina, com cursos de datilografia, estenografia, línguas e prendas domésticas (corte e costura, arte-culinária etc.). Logo em seguida, a mesma Henriqueta cria o Instituto Feminino da Bahia que, junto com os colégios particulares femininos pertencentes a ordens religiosas, constituiriam as alternativas educativas mais seletivas. Para pais mais abastados e favoráveis à instrução feminina, não parecia de bom tom misturar suas filhas com gente de todas as origens sociais e elementos do sexo

masculino, a clientela dos colégios públicos. A cidade conta ainda com outros espaços para a educação/profissionalização feminina, destacando-se a Casa de Música (também com cursos de trabalhos manuais) e a Academia Remington de datilografia.

Tanto aqui na Bahia, como no resto do país, essas instituições, quer de ensino formal, quer de não formal, utilizavam o que se acreditava serem as diferenças naturais entre os sexos como base de uma educação desigual, em que a mulher era dirigida para profissões mais "adequadas" ao seu sexo (não faltavam nos currículos os cursos de trabalhos manuais e prendas domésticas) e ajustáveis à sua futura e nobre "profissão" de mãe-de-família.

Mesmo dispondo dessas possibilidades de instrução e profissionalização, a educação — termo que aqui expressa uma formação intelectual mais ampla — para as jovens das famílias de elite foi preponderantemente ministrada dentro do ambiente doméstico até os anos 30, ressalvado às vezes o curso primário. Na maioria dos casos os próprios pais se encarregavam da rígida formação moral e religiosa e do ensino de habilidades manuais, este obviamente a cargo das mães.

Os conhecimentos específicos de literatura, língua estrangeira e educação musical eram ministrados por preceptoras européias, presença ainda muito frequente na época. Foi deste tipo de formação que saíram as primeiras profissionais de nível superior. Neste campo do ensino, existiam para os homens desde fins do século passado as faculdades de Medici-

na, Direito e Engenharia. Mas algumas mulheres ultrapassaram o bloqueio e começaram a frequentar os cursos em torno dos 15 anos.

Entre 1879 e 1893 já despontavam no cenário baiano as pioneiras Balbina Rosa de Souza, diplomada em dentista pela Faculdade de Medicina, Amélia Pedroso Benegien, Amélia de Perouse Pontes e Francisca Prager Frões, doutoras em ciências médico-cirúrgicas. Só em 1911 a conservadora e austera Faculdade de Direito concederia o título de bacharel a uma mulher, Marietta Guimarães. Em 1924, apenas uma mulher se formava em odontologia e em 1929 a Faculdade de Direito tinha entre seu alunado cerca de 11 representantes do sexo feminino.⁷ Neste mesmo ano, em todo o Brasil, 1954 homens e apenas 83 mulheres haviam concluído cursos superiores e só a partir de 1940 se observa um número maior de mulheres.⁸

O quadro abaixo ilustra a posição da mulher nas profissões liberais em Salvador, na década de 1920, o que particularmente nos interessa em função da extração social das feministas.

PROFISSÕES LIBERAIS EM SALVADOR, 1920⁹

ESPECIFICAÇÃO	MULHER		HOMEM	
	Quant.	%	Quant.	%
Religiosas	145	6,5	219	5,9
Judiciárias	4	0,2	568	15,4
Médicas*	229	10,2	942	25,5
Magistério	1644	73,3	372	10,1
Ciências, Letras e Artes	220	9,8	1589	43,1
T O T A L	2242	100	3690	100

Fonte: IBGE - Censo de 1920

* Aí incluídos cirurgiões, farmacêuticos e parteiras.

Considerando que o percentual de mulheres com profissão especificada é bastante inferior ao de homens, 23% e 61% respectivamente, é interessante verificarmos que, com referência a profissões liberais, onde supõe-se seja requerido um grau de instrução mais elevado, o número de mulheres é relativamente maior que o de homens, ou seja, corresponde a 6,3% do total daquelas com profissão especificada e o de homens a 4,6%. Entretanto isto deve-se ao fato de ser grande a predominância do sexo feminino no magistério, profissão extensiva do papel feminino de educadora na esfera doméstica, ao passo que, a maior presença de homens está concentrada no campo das ciências, letras e artes.

O Censo de 1940 não discrimina, para Salvador, as profissões liberais e parece ter utilizado conceitos diferentes dos de 1920. Assim, mesmo agrupado com os de outras categorias (culto, ensino particular e administração privada), os números são surpreendentemente inferiores aos daquele ano, tanto para mulheres (1287) quanto para homens (1650). Uma análise comparativa para o período fica portanto inviabilizada.

Sem o cunho profissionalizante, as "letras" eram também uma atividade bastante cultivada pelas mulheres da época. Podendo ler e escrever no preservado espaço doméstico, esta atividade era mais facilmente aceita pelas famílias e representava um dos poucos canais de expressão da cultura e sensibilidade femininas. Houve, contudo, poucas mulheres com notoriedade pública. Tanto eram estreitas as possibilidades de se educarem quanto as de serem reconhecidas. Num estudo sobre a in

telectualidade baiana, Machado Neto relaciona cento e dois intelectuais de cinco gerações que se destacaram nos primeiros trinta anos do século. Aí estão incluídas apenas cinco mulheres: Amélia de Castro Alves, Amélia Rodrigues, Eufrosina de Miranda, Anfrísia Santiago e, começando a despontar, Edith Mendes Gama Abreu.¹⁰ Muitas anônimas, contudo, devem ter escrito em prosa e verso suas percepções da vida.

Em outros campos, nomes de mulheres que obtiveram projeção podem ser lembrados: Zulmira Silvany, pianista e intelectual; Cora Pedreira, ativa participante da política, oradora renomada; Alexandrina Ramalho, incentivadora da música na Bahia, fundadora e presidente da Sociedade de Cultura Artística da Bahia (SCAB) e integrante da FBPF; Marieta Souza, escritora; Alda Leal, professora de português e Gabriela Sá Pereira, professora de alemão, entre outras.¹¹

Cotidiano

Vamos falar um pouco sobre a posição e o cotidiano das mulheres de camadas sociais média e alta, mais especificamente entre as décadas de 20 e 40, em uma sociedade que cuidava muito de tradição e da reputação de suas famílias, o que somava à já discriminada condição de sexo uma preocupação com comportamentos que pudessem vir a comprometer a moral familiar.¹²

A posição da maioria das mulheres na sociedade foi assim resumida na visão de duas das nossas entrevistadas: "A maioria era subjugada" e "naquele tempo mulher não era nada".

A circulação feminina no mundo público era ditada por uma série de regras culturalmente impostas. Mulher que se honrava nunca saía sozinha, mas no mínimo acompanhada de um menino ou amiga. Fazer compras não era uma prática bem vista, tinha efeitos comprometedores para sua reputação. Era "feio" trabalhar fora, mesmo tendo necessidade de ganhar dinheiro para se manter. Segundo Hidelgardes Viana, quando saiam a trabalho, as mulheres tinham no fardamento o salvo conduto para transitar nas ruas da cidade, forma de se distinguirem e de se afirmarem. Para as que exerciam atividades profissionais à noite, como telefonistas, parteiras, costureiras, a farda tornava-se imprescindível à identificação e justificativa às suas saídas. Em geral a indumentária tentava reproduzir características dos modelos masculinos, como camisa, gravata, chapéu, etc. As poucas médicas usavam tailleurs, chapéu, gravata, camisa de homem e maleta e, assim mesmo, ficavam mal conceituadas. E as que trabalhavam no setor público não eram bem vistas por ficarem muito próximas dos homens.

Para frequentar escolas, pretexto até para saídas diárias, além da farda que também servia para aparente nivelção social nos estabelecimentos públicos, ainda era comum ver-se mulheres acompanhadas de empregadas ou parentes que ficavam à espera, inclusive de algumas poucas que frequentavam faculdade. As alunas que se impusessem não eram perturbadas pelo sexo masculino e as "professoras tinham que ser austeras, comedidas nas palavras e nos gestos, enérgicas nas atitudes, muito discretas em sua vida particular".¹³ Uma de

nossas entrevistadas, professora de nível superior e solteira, ressalta, à partir de sua própria vivência, que era muito difícil para a mulher brilhar no campo profissional e intelectual, pois quando isto acontecia eram objeto de maledicência ou ficavam antipatizadas. Em 1948, quando decidiu morar sozinha, atitude seguramente não usual, escandalizou seu meio social, passando a receber propostas de visitas masculinas de intenção duvidosa.

A vida social, em torno dos anos 20, para as solteiras, se resumia a saídas em grupo para cinema, passeios no Campo Grande e Rua Chile, prática que não mais causava vergonha. Já a mulher casada fazia sempre a vida social — frequentava aniversários, recepções ou espetáculos — com o marido.

No campo do namoro, as oportunidades de contato com o sexo oposto eram poucas: restringiam-se ao circuito das amizades da família, aos passeios ou a rápidos encontros no ponto de bonde. Quando tinham a sorte de encontrar um parceiro, o namoro se alimentava de cartas e fortuitos encontros de janela. Andar de mãos dadas já era uma atitude ousada e em qualquer circunstância, era humilhante a mulher antecipar-se na corte ao homem. Talvez estas fossem as práticas mais comuns, não deixando porém de existir brechas para as que ousavam arriscar um namoro às escondidas, desfrutando de maior intimidade. Mesmo entre mulheres, era raro se conversar sobre o "como namorar" e muito menos especificamente sobre sexo. Neste último caso os instrutores seriam os futuros maridos.

Nos anos 40, a 2ª Guerra trouxe repercussões favoráveis a uma abertura no comportamento da mulher de classe média. O trabalho na Cruz Vermelha colocou muitas delas em contato com americanos, o que abriu um espaço para festas e práticas mais avançadas de namoro. "Namoros que fugiam aos costumes consagrados, mas que eram inevitáveis em vista do modo como eram seduzidas suas vítimas por jovens fardados, atléticos, pródigos com os dólares acumulados entre as folgas".¹⁴ De outro lado, o clima de dificuldades e restrições colocava para a mulher dessas classes a necessidade de se movimentar, de resolver coisas na rua.

Entretanto a maior parte do tempo e das energias femininas continuavam a ser vagarosamente consumidas nos estreitos limites do mundo doméstico. "A vida custava mais de passar", e a procura do que fazer era incessante. As visitas e os serões familiares de canto, piano, poesia e de costura coletiva, constituíam uma alternativa para a quebra de rotina sem o sabor da novidade.

Bases Sociais da Federação Bahiana

As alterações no comportamento feminino que vinham ocorrendo nas grandes capitais do país foram responsáveis pela instalação de um maior debate acerca da posição da mulher na sociedade, fato que, aliado à revivescência da luta pelo sufrágio feminino, abriu perspectivas para um movimento organizado pelos direitos da mulher. Neste sentido não se pode deixar de considerar a influência quase que determinante do

movimento feminista que proliferava em diversas nações "mais desenvolvidas", as democracias liberais, e da obtenção do voto feminino em algumas delas.

Para as elites brasileiras afeitas as novidades, pelo menos às que não configurassem risco para sua privilegiada posição, o exercício do voto feminino em outros países parecia não ter afetado as estruturas sociais e familiares, o que de certa forma as tranquilizava quanto as reivindicações aqui feitas por feministas de elevada posição social. Segundo Hahner, "a defesa do sufrágio passou a ser quase elegante em alguns círculos da elite". De uma perspectiva mais abrangente ela coloca que:

Ao contrário da "questão social", que despertou maior atenção e engendrou alarma entre brasileiros temerosos da anarquia e do socialismo, a "questão feminina" aparentemente oferecia menos perigo para a estrutura vigente na nação.¹⁵

Chegando com um certo atraso, a questão feminina passou a ocupar um lugar significativo nos círculos intelectuais e na imprensa de Salvador apenas quando da instalação da Federação. As elites locais se interessavam pelas idéias em debate no Centro-Sul. Não foi muito difícil portanto para as feministas encontrarem certa receptividade à sua atuação. Eram adjetivadas pela imprensa como senhoras de talento, bem intencionadas e sinceras, "as mais distintas e cultas da sociedade, únicas aliás que podem merecer o aplauso incondicional de todos os homens sensatos".¹⁶ A visão que a presidente do movimento tinha acerca das integrantes não diferia: "Nosso feminismo foi uma coisa superior, de mulheres de fa-

mílias nobres, da elite, de moral cristã".¹⁷

Examinemos quais eram as bases sociais da Federação Bahiana e quais suas motivações ou interesses.

De início há que se fazer uma distinção essencial entre as líderes do movimento e as integrantes de suas fileiras. As primeiras, em torno de quinze, em parte eram realmente mulheres da elite social e política, donas de casa e esposas de homens importantes, ou então profissionais de classe média de considerável nível intelectual para a época, professoras sobretudo, vinculadas à essa elite. Eram mulheres que tinham um respaldo econômico que garantia as suas existências e tempo disponível. Lutar pela igualdade de direitos lhes parecia uma causa nobre e justa, forma de obterem iguais oportunidades educacionais e profissionais. A conquista do voto é vista por Hahner "como meio de ação, como um instrumento para superar as barreiras em direção a uma sociedade liberal mais completa. Serviria como instrumento necessário para o progresso e não meramente como um fim em si mesmo".¹⁸

Entre as associadas, também se encontravam mulheres de posição mais elevada que, a despeito de não assumirem a militância, contribuíam, na qualidade de sócias beneméritas ou benfeitoras remidas, com polpudas quantias para as "obras" da Federação e, às vezes, se interessavam pelos cursos visando aperfeiçoar seus conhecimentos.¹⁹

Mas a grande maioria das associadas era mesmo formada de mulheres das camadas médias, donas-de-casa em busca de conhecimentos que lhes acenassem com a possibilidade de ascensão

social, via profissionalização, ou talvez de uma atividade que lhes preenchesse o tempo e desse mais sentido às suas vidas muitas vezes vazias. O sentido de seu feminismo poderia ser justo esse. As questões maiores do feminismo parecem ter sido absolutamente secundárias ou até mesmo ignoradas: as reivindicações sufragistas e trabalhistas não despertaram muito o interesse dessas mulheres, talvez por se lhes afigurar um tanto abstratas à vista de seus limitados níveis de inserção social.

Um aspecto que merece ser ressaltado diz respeito à ausência de renovação geracional no quadro das participantes e fetivas da Federação. As mulheres que inauguraram o movimento foram as mesmas que o carregaram até o fim. Podemos estender à filial baiana a observação feita por Branca Moreira Alves em relação à Federação Brasileira: mostrou ser fechada não apenas em termos de classe, mas também de geração... Sua forma de atuação baseada em cursos e palestras, em sessões comemorativas estava desligada dos interesses da massa feminina.²⁰ Ademais, os próprios limites do ideário e da prática feminista baiana não permitiram sua disseminação entre boa parcela da população feminina.

Agora um pouco da trajetória de vida de algumas das principais lideranças da Federação Bahiana pelo Progresso Feminino.

Edith Mendes Gama Abreu

Edith foi uma mulher de destaque na cidade. Suas múlti

tiplas atividades de professora universitária, escritora — membro da Academia de Letras da Bahia — e presidente vitalícia da Federação Bahiana pelo Progresso Feminino lhe propiciaram uma vida para além da casa, ao contrário da grande maioria de mulheres de sua geração. O fato de não ter tido filhos provavelmente foi um elemento significativo na construção de sua trajetória. Sua família, de boa posição social, deve ter também contribuído para as escolhas que fez, tanto quanto pela formação que pôde ter. O pai fôra coronel da Guarda Nacional, tido como homem culto e de considerável prestígio político (principalmente junto a J. J. Seabra). Chegou a ser prefeito de Feira de Santana, onde possuía terras. Sua mãe, mesmo dedicada exclusivamente ao mundo doméstico, tivera alguma formação no colégio do Desterro, em Salvador.

Desde cedo Edith revelaria seu potencial. Menina bem sucedida na escola, frequentou o colégio Dorotéias (de freiras francesas) e posteriormente o educandário Sagrado Coração de Jesus, onde concluiu o curso pedagógico com distinção. Fez cursos particulares de Filosofia, Ciências Sociais, Literatura, Línguas, Canto, etc.

Em 1937, aos 34 anos, entrava para a Academia de Letras da Bahia, quebrando a tradição nacional destas instituições de não admitir mulheres. Sua situação de classe mais uma vez reforçou as suas possibilidades e ajudou suas lutas individuais. J. J. Seabra e Dr. Praguér Frões fizeram grande campanha e pressão para que fosse aceita. A resistência não foi pouca e alguns academicos recusaram-se a frequentar as

reuniões a partir de então.

Edith foi saudada por Carlos Ribeiro, que num trecho de seu discurso nos fornece uma rápida imagem pública da nova acadêmica: "Linhas somáticas de fecundidade, entretanto não desabrochada, para ostentar-lhe talvez melhor na grande alma de Mãe, iluminando entranhas virgens. Tipo empolgante... Edith nunca foi uma feminista rubra no sentido britânico. Mulher na elegância física e na sublimidade moral".²¹ No discurso de posse, Edith, certamente para não acirrar os ânimos, refere-se apenas de passagem a seu feminismo ao dizer que "sempre teve a avidez de elevar a mulher, esmagada pela inferioridade do sexo" e que iria "servir as letras honrando a Bahia e enaltecendo a mulher". Como literata, sua obra não seria marcada pelo feminismo, exceto a primeira, *Problemas do Coração* (1935), onde defende a instrução feminina por não ser incompatível com a "felicidade do lar".

Edith Gama Abreu tomaria inúmeras outras iniciativas no campo social. Fundou associações artísticas, intelectuais e religiosas e dirigiu diversas instituições assistenciais, ligadas a interesses femininos ou entendidas como de incumbência feminina. Além disso, exerceu atividades jornalísticas, sendo redatora do jornal "O Imparcial" e escrevendo para outros, principalmente sobre feminismo.

A tentativa de ingressar na vida política se deu quando do seu envolvimento feminista, mas não conseguiria eleger-se nem em 1933 nem em 1947 quando candidata a deputada estadual.

Edith era também uma mulher que chamava a atenção por

sua beleza física e sociabilidade. Embora tenha se casado aos 17 anos com o engenheiro e professor da Escola de Engenharia Jaime Cunha Gama Abreu, o casamento não significou um limite à sua liberdade e trajetória.

Como feminista, aos 28 anos seria dentre as baianas a figura de maior expressão local e nacional. Seu domínio da palavra, aliado a sua marcante personalidade, colocaram-na sempre em evidência. A concepção de feminismo que externava era ambígua, como a das outras militantes, ora com idéias e propostas avançadas para a época — a exemplo da tese da mulher não usar o nome do marido, acreditando daí derivar-se a maior humilhação feminina —, ora bastante conservadora. Neste particular, foi significativa a influência da igreja católica sobre ela.

Mulher de grande descortino intelectual e sempre atuante, Edith não conseguiria entretanto acompanhar as mudanças sociais e compreender o novo, pelo menos no que diz respeito ao feminismo: "Hoje não tem mais necessidade de toda aquela atividade, pois obtivemos igualdade civil, política e econômica".

Em plena lucidez e vigor intelectual, Edith G. Abreu faleceria a 20.01.1982, aos 78 anos, acometida de um enfarte enquanto escrevia um artigo para a Revista da Academia de Letras da Bahia.²²

Maria Luíza Bittencourt

"O Brasil, só no regime democrata serve como campo de

trabalho para quem tem, como eu, paixão pela liberdade, que me levou a ser feminista".²³

Podemos dizer que a tônica da vida dessa baiana, nascida em Paripé, foi a política e o feminismo, atividades que nela se tornaram indissociáveis. Ainda muito jovem se engajaria nesses dois caminhos. Integrando, aos 20 anos, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino no Rio, onde residia e estudava Direito, Maria Luíza foi elemento chave para a instalação da filial baiana. Fez diversas viagens para articular o movimento e aqui voltou a residir em 1934, por conta de sua candidatura à câmara estadual. Assumiu o cargo de Conselheira Jurídica da Federação e, pelo seu preparo intelectual, desembaraço e ligação com Bertha Lutz, tornou-se uma liderança respeitada dentro do grupo, até mesmo por Edith G. Abreu. Também sobressaiu-se profissionalmente. Formou-se em 1931 (aos 21 anos) e além de exercer a advocacia em escritório próprio, aperfeiçoou seus estudos em Harvard, onde obteve o título de "Bachelor of Arts".

Seu pai, médico e militar, embora totalmente afastado da política, lhe propiciou condições para que avançasse na sua formação intelectual e profissional. Sua trajetória de vida de mulher fugia dos padrões da época, ela estava além deles.

Em 1975 Maria Luíza assim considerava sua passagem pela política feminista: "eu não era como as deputadas atuais, dirigentes feministas que associam o feminismo ao "Womens Lib" e outras coisas. Isto é ignorância, não sabem o que é femi-

nismo. O feminismo é uma campanha que não é só de mulheres, por isso não é uma campanha feminina. Agora... tem princípios próprios, idéias próprias e trabalho próprio".²⁴

Marieta do Passo Cunha

"Concordo com os homens que a mulher deve cumprir seus deveres do lar, mas que estes devem nos tratar como companheira e não como aia".²⁵

Uma das fundadoras da Federação, Marieta ocupou vitaliciamente o cargo de 1ª Vice-Presidente. Então com 42 anos, era mulher do prefeito da cidade, engenheiro Arnaldo Pimenta da Cunha, homem de prestígio que ocuparia outros importantes cargos públicos. Pertencendo a uma família de classe média do interior, cujo pai era imigrante português e comerciante, estava preparada para frequentar a elite baiana. Estudou no reputado colégio das Irmãs Sacramentinas; onde obteve uma boa educação e aprendeu francês.

Começando a frequentar o meio político por conta da carreira do marido, Marieta logo estabeleceria relações com Bertha Lutz que, junto com Maria Luíza Bittencourt, estimularam sua adesão ao feminismo. Passaria então a empolgar-se com a questão dos direitos da mulher, estudando detalhadamente o código civil e dando sugestões para sua alteração. Católica praticante, não deixava de discutir com os sacerdotes amigos sobre a situação da mulher diante do casamento. Atuou muito na campanha de alistamento eleitoral das mulheres, fazendo um trabalho de conscientização individual de casa em casa. Per-

maneceu no movimento todo o tempo que este durou.²⁶

Laurentina Pugas Tavares

Laurentina teve uma vida marcada sobretudo pela atuação profissional e política. Professora catedrática de matemática no Instituto Normal durante 35 anos, desde cedo sobressaiu pelo seu brilho nos estudos. Inicialmente estudou em Amargosa e mais tarde em Salvador, onde veio morar sozinha para prosseguir sua formação — o que possivelmente representou uma atitude pioneira. Concluiu o curso de professora no Instituto aos 18 anos, na condição de aluna laureada, o que lhe valeu o convite para ensinar. Sua família, de classe média, não colocou entraves para que estudasse e trabalhasse. As resistências que encontrou foram no meio social mais amplo. Já em 1928, aos 21 anos, concorreria à cátedra com um engenheiro, que dirigiu forte campanha contra sua candidatura. Obtendo a mesma classificação que este nos exames, a congregação, por um voto a mais, concedeu o lugar ao homem.

A carreira política de Laurentina começaria cedo, sendo eleita vereadora em 1935. Exerceria depois dois outros mandatos na câmara municipal, onde era ressaltada sua atuação. Alguns se referiam a ela como "o homem da câmara".

Infelizmente não conseguimos obter informações sobre o teor de sua campanha. Provavelmente sua inclinação política teve influência de seu pai, que fora prefeito de Nazaré das Farinhas.

Como feminista, também foi muito participante. Aos 24

anos integrou a Federação na qualidade de sócia fundadora e tesoureira, e participou até o final do movimento, sempre fazendo parte da diretoria.

De sua vida privada, deixou para seus familiares a clara referência de exemplar "dona-de-casa" e mãe de dois filhos. Casou-se com o cirurgião dentista Rui Tavares Freire, com quem teve um bom relacionamento, embora ele não a acompanhasse na sua intensa vida social. Foi uma mulher muito católica (praticante) e caridosa. Ainda segundo seus familiares, era o esteio e a conselheira da família, tinha horizontes largos... "era uma inovadora".

Laurentina parece ter sido uma mulher de enorme vitalidade, conseguindo conciliar o privado, o social e o político.²⁷

Carmem Germano Costa

"A inferioridade da mulher era porque não se dava a ela educação".

Carmem foi filha de uma família de classe média alta, de idéias avançadas pelo menos no que se referia à condição da mulher.

Seu pai, um comerciante, desde cedo lhe proporcionou e incentivou uma educação mais completa. Fez o curso primário no colégio S. Raimundo, de ordem religiosa francesa. Depois, através de aulas particulares, habilitou-se a cursar universidade, formando-se em odontologia aos 19 anos. Era a única mulher da turma. Ressaltando que embora não tenha feito es-

sa escolha por vocação e sim por influência de seu tio (famoso dentista), revelou acabar gostando da profissão, exercendo-a durante muito tempo. Não encontrou problemas por ser mulher, a despeito de não serem bem vistas as mulheres que trabalhavam, principalmente solteiras, como no seu caso.

O casamento não significou um corte em sua vida profissional, fato excepcional para a época. Seu marido, um mestre de construção austríaco, não fazia nenhuma restrição a seu trabalho, nem tampouco a sua participação no movimento feminista. Seu pai, da mesma forma. Quando pedida em casamento, ele teria dito ao pretendente que ela era quem decidiria. Postura inusitada para a época.

Aos 26 anos, seria convidada por Edith Gama Abreu para integrar a Federação, pois seu consultório era vizinho à sede do movimento — exercendo a função de tesoureira em vários mandatos. Carmen Germano sempre privilegiou a educação feminina no conjunto das reivindicações do movimento, segundo ela, "condição indispensável para um casamento bem sucedido".

Com o nascimento de seus dois filhos, resolveu transferir seu consultório do centro da cidade para o lado de sua residência na Barra, o que resultou, devido à distância, em grande perda de clientela. Aos poucos, foi deixando de trabalhar.²⁸

Maria Lícia Costa de Souza

.. "Me sentia subjugada pela família. Tinha que pedir para fazer as coisas, mesmo já sendo adulta... e a gente não

gostava. Era um questionamento porque meu irmão podia fazer coisas e eu não... Não entendia porque eu não. E a luta era para sair disso!

Talvez esse tenha sido o ponto de partida para Lícia engajar-se no feminismo. O "fazer as coisas" significava para ela estudar, trabalhar como professora, ter contato com o mundo lá fora, e os cursos promovidos pela Federação representavam um meio para preencher seus anseios. Filha de bacharel e comerciante de classe média, residente no Politeama, não teve permissão paterna para frequentar colégios. Tinha um vivo interesse pelo movimento e mesmo não integrando a diretoria, estava sempre presente nas reuniões. Era bem mais nova que as demais mulheres - começou a participar em 1936 com 16 anos - sendo referida como a "mascote da Federação".

Desempenhava sobretudo tarefas administrativas e ainda não se interessava por política. Numa das reuniões solenes do grupo foi escolhida para ser oradora. Curiosamente, seu discurso seria escrito por seu pai.

Lícia chegaria a ser professora de datilografia na própria Federação, porém sua experiência de "trabalhar fora" não começara aí. Como sempre manifestara este desejo - "na época muitas das minhas amigas já trabalhavam e queria ser igual a elas" - terminou conseguindo o aceite de seu pai para trabalhar, desde que fosse junto a ele. Iniciou como sua secretária no Banco Auxiliar das Classes, onde era a única mulher, fato que não lhe causou maiores embaraços.

Deixou de integrar a Federação em 1946, quando ficou

noiva, pois, segundo ela, os encargos de confecção do enxoval absorviam todo o seu tempo. Casando-se com um comerciante, teria suas atividades profissionais do lado de fora cercadas pelo marido "por orgulho ou por machismo". Em casa continuaria a trabalhar como professora de datilografia, mas sua atividade principal, e que lhe consumia mais tempo, foi a de dona-de-casa, para criar quatro filhos.²⁹

Nair Alves

"Creio que o ressentimento de ver as portas da universidade aberta aos meus irmãos e fechadas pra mim gerou o perfil verdadeiro da inferioridade feminina jogando-me nos braços da luta pelos direitos da mulher".

Foi esse o caminho que levou Nair até a Federação Bahiana aos 18 anos de idade. Aí integrou a Ala Moça, chegando a presidí-la, e foi professora de inglês. Procurou desenvolver trabalhos em favor de causas sociais e, segundo ela, "o salto de uma sala de reuniões para o asfalto foi muito drástico... algumas das senhoras pertencentes à Diretoria se sentiram amedrontadas com a pujança democrática da Ala Moça e confundiram este calor"! Esses desentendimentos culminaram em sua renúncia e desligamento do movimento... Mas sua luta pela emancipação da mulher não se interromperia. Escreveu artigos para O IMPARCIAL e dirigiu a página "A mulher vence" dos DIÁRIOS ASSOCIADOS.

Além do discurso feminista, Nair tentava fazer do feminismo sua prática de vida. Muito embora sua formação não

tenha fugido aos padrões da classe média alta — cursara colégio de freiras e o pai lhe vetara cursar Universidade —, procurou de todo modo avançar. Fez o curso comercial, aprendeu línguas, interessou-se pela literatura inglesa, estudou violino e, bem cedo, antes dos 18 anos, começou a trabalhar "numa época em que só desciam o Plano Inclinado 4 moças". Trabalhou no Consulado Argentino e, depois, durante 10 anos, numa firma de exportação de fumo, como secretária e tradutora.

Em 1939 seu casamento com o médico Menandro da Rocha Novaes alteraria o curso de suas atividades. Com o apoio do marido começou a desenvolver um trabalho de cunho social mais amplo. Participou de campanhas e serviços de guerra, de instituições culturais e beneficentes, muitas das quais voltadas para interesses sociais.

Em fins da década de 40, fundou com um grupo de senhoras de diferentes correntes políticas, a União Democrática Feminina, destinada a realizar um trabalho "verdadeiramente democrático". A união teria vida curta, pois logo seria marcada pelo velho rótulo do comunismo.

A vida de Nair Alves tem sido de constante atuação. Atualmente, com pouco mais de 70 anos, encontra-se mais ligada à promoção de eventos artísticos, sobretudo na área musical.³⁰

Lili Tosta

Lamentavelmente não pudemos conhecer mais sobre Lili

Tosta, essa bem preparada josnslista e feminista convicta. São da sua autoria expressiva parte dos artigos publicados na imprensa, especialmente aqueles em defesa do voto feminino. Foi fundadora da Federação, sua 2ª vice-presidente em alguns mandatos e professora de inglês.

Sabemos que residiu nove anos em Londres, onde seu pai fora tesoureiro da embaixada do Brasil. Ali estudou e provavelmente começou a interessar-se pelo movimento feminista, que era bastante desenvolvido. Segundo informações de Nair Alves, Lili "imprimiu na FBPF a marca de sua coragem, a visão universal que tinha no campo político, social, cultural e humano, e sobretudo, sua grandeza moral".³¹

Alice Kelsch

De Alice Kelsch sabemos pouco, mas o suficiente para afirmar que se tratava de uma pessoa muito culta, bonita e que 'pode, como raras mulheres de sua época, romper um casamento.

Pertencendo a uma família de classe média alta — pai francês, joalheiro, e mãe brasileira — Alice estudou em Paris e casou-se muito cedo com um português, farmacêutico, com quem teve uma filha. Não suportando as condições que lhe eram impostas pelo marido, separou-se e resolveu dedicar-se à defesa dos direitos da mulher. Integrou a Federação desde sua fundação em 1931, quando tinha cerca de 40 anos. Aí foi conselheira, tesoureira e presidente da Liga Eleitoral em 1936.

Edith Gama Abreu lembrava que fora com Alice que aprendera as primeiras lições de feminismo.³²

N O T A S

1. José Sêrgio Gabrielli de Azevedo, "Industrialização e Incentivos Fiscais na Bahia: uma tentativa de interpretação histórica", Tese de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 1975, p. 17.
2. Luis Henrique Dias Tavares, O Problema da Involução Industrial na Bahia, Salvador, 1966, pp. 39 e 43.
3. CPE/SEPLANTEC, A Economia Baiana de 1850 a 1930: Algumas Questões, Salvador, 1980, p. 27
4. Apud Thales de Azevedo, Namoro à Antiga, Tradição e Mudança, Salvador, 1975, p. 46.
5. Saffioti, A Mulher na Sociedade de Classes, p. 178. Ainda sobre esse aspecto ver Maria Inácia d'Ávila Neto, O Autoritarismo e a Mulher, o jogo da dominação macho-fêmea no Brasil, Rio de Janeiro, 1980.
6. Luis Henrique Dias Tavares, Duas Reformas da Educação na Bahia, 1895-1925, Salvador, 1968, p. 60.
7. Informações coletadas em O Imparcial, 19.04.1931 e obtidas em entrevistas pessoais de Carmen Germano Costa e Hidelgardes Vianna com a autora.
8. Saffioti, A Mulher na Sociedade de Classes, p. 219. Uma análise retrospectiva da educação feminina no Brasil é feita por essa autora e também por Carmen Barroso, Mulher, Sociedade e Estado no Brasil, São Paulo, 1982.
9. A categoria "profissões liberais" engloba profissionais de de níveis superior e médio e "práticos".
10. A. C. Machado Neto, A Bahia Intelectual (1900-1930), Sal 1972, pp. 5 e 6.
11. Informações obtidas de entrevistas a Thales de Azevedo e Renato Berbert de Castro.
12. Reconstituição feita a partir de entrevistas com algumas mulheres que viveram a época, integrantes ou não da FBPF-Ba.

13. Hildegardes Vianna, A Bahia já foi assim, São Paulo, 1979, pp. 39. 198, 199 e 202.
14. Azevedo, Namoro à Antiga, p. 45. O autor reproduz a lógica tipicamente patriarcal onde as mulheres são sempre colocadas no lugar de objeto de desejo, presas sempre passíveis de serem conquistadas e seduzidas.
15. Hahner, A Mulher Brasileira, pp. 93, 95 4 96.
16. Diário de Notícias, 11.03.1932.
17. Entrevista pessoal de Edith G. Abreu com a autora, outubro de 1981.
18. Hahner, A Mulher Brasileira, p. 103.
19. FBPF, Livro Corrente, 1931-1934.
20. Moreira Alves, Ideologia e Feminismo, p. 127.
21. Revista da Academia Bahiana de Letras, nº 7, p. 84.
22. Informações obtidas em entrevista pessoal de Edith G. Abreu e Judith Mendes (sua irmã) com a autora.
23. Carta de Maria Luíza Bittencourt a Bertha Lutz, Documentos da Federação Brasileira, 27.03.1937, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.
24. Informações obtidas em entrevista pessoal de Maria Luíza Bittencourt com Consuelo Novais Sampaio, 1975. Agradeço a Consuelo por colocar à minha disposição a gravação da entrevista.
25. FBPF, Livro de Atas, 21.04.1939.
26. Informações fornecidas por seus familiares.
27. Informações fornecidas por seus familiares.
28. Informações obtidas em entrevista pessoal de Carmen Germano Costa com a autora.
29. Informações obtidas em entrevista pessoal de Maria Lícia Costa de Souza com a autora.
30. Informações fornecidas por Nair Alves, através de cartas, à autora.
31. Informações obtidas em jornais e fornecidas por Nair Alves a autora.
32. Informações fornecidas por seus familiares.

CAPÍTULO 3

A CAMPANHA PELOS DIREITOS POLÍTICOS

A Conquista do Voto e o Alistamento Eleitoral

O voto feminino foi a questão que mais mobilizou as mulheres em toda essa primeira fase das manifestações feministas e do movimento organizado no país. Já no final do século passado, era assunto dos jornais femininos e tornou-se polêmico quando da primeira constituição republicana, em 1891, cujo artigo 70 definia como eleitores os cidadãos maiores de 21 anos, excetuando os mendigos, analfabetos, soldados e membros de ordens religiosas. O termo "cidadãos" era objeto de controvérsias de gênero. Uma emenda que explicitava o direito da mulher ao voto, embora com limitações, foi rejeitada por grande maioria e por cerrado apoio dos constituintes adeptos do positivismo, para quem as mulheres deveriam ser mantidas estritamente na reclusão do lar.

As expectativas em torno de um regime republicano com uma estrutura política mais aberta e a influência de idéias inspiradas no liberalismo, abriram caminho para o debate acerca da igualdade de direitos, em que o sufrágio feminino cabia perfeitamente. Não obstante, o voto da mulher permane

ceria considerado inconstitucional, quase por consenso, não havendo êxitos significativos na campanha até mais ou menos os anos 20 deste século.

O conturbado quadro sócio-político que marcaria toda a década de 20 propiciou um campo fértil para a retomada da luta. Os processos de industrialização e urbanização teceram as bases de uma nova ordem: a emergência de uma burguesia industrial disposta a disputar uma fatia do poder central — até então voltado para os interesses agrários —, de um operariado que começava a se organizar e aparecer como força social, e de uma classe média em busca de canais de participação. Esses setores sociais contribuíram para o desencadeamento de novos fatos e idéias.

A República Velha estava longe de atender aos anseios democráticos e interesses econômicos desses setores; ao contrário, vigorava a corrupção, o clientelismo, a violência coronelista e o voto fraudulento, práticas cristalizadas em uma estrutura de poder dominada por oligarquias estaduais e sob a hegemonia da burguesia cafeeira. As cisões dentro dos grupos dominantes não tardariam. A situação política e econômica da nação afigurava-se complexa. De um lado, o sistema político sustentado por essas oligarquias — ainda respaldadas na tradição da política de governadores instituída nos primeiros anos da República —, "se baseava formalmente numa contradição entre regionalismo e presidencialismo, entre autonomias estaduais e poder federal cujos efeitos práticos se traduziriam em violentas lutas políticas locais com interven

ções armadas do poder federal".¹ De outro, as constantes reivindicações de maior participação política a nível federal por parte dos Estados importantes excluídos do pacto do "café com leite". Completando este quadro, a crescente insatisfação da burguesia cafeeira por não se sentir inteiramente beneficiada pelas medidas governamentais em seu favor, situação agravada no final da década quando Washington Luís abandonara a defesa do café.

O Exército, por seu turno, subordinado aos interesses oligárquicos, também começava a apresentar fissuras. De seus quadros emergiria o movimento tenentista, principal força de oposição capaz de aglutinar e traduzir os anseios dos setores descontentes da sociedade. Sua ideologia, de cunho reformista e vagamente nacionalista, ao lado de reivindicações por um governo republicano federativo, representativo e pela moralização do processo eleitoral, logo se identificaria com as aspirações de alguns desses setores urbanos, particularmente o da pequena burguesia.²

Toda a ênfase dada ao voto secreto não chegou, contudo, a suscitar publicamente a questão do voto feminino que, seguramente, não fazia parte das preocupações do conjunto da nação, nem mesmo da maioria das mulheres. A campanha sufragista se desenrolaria num outro cenário, o da instância parlamentar do governo, dentro de uma estratégia mais limitada, porém talvez mais realista e eficaz.

Por iniciativa própria, mais raramente, ou por pressão/influência de líderes feministas representantes de partidos

e do movimento organizado — tais como o Partido Republicano Feminino fundado em 1910 pela professora Leolinda Daltro, o Partido Liberal Feminino fundado por Julita Monteiro Soares em 1925, e a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher (1919) e a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (1922) fundadas por Bertha Lutz — alguns dos poucos deputados e senadores favoráveis à causa das mulheres, inclusive o senador baiano Moniz Sodré, a partir de 1917 encaminharam ao Congresso sucessivos projetos de lei, instituindo o sufrágio feminino. Alguns desses projetos sequer foram discutidos e outros, aprovados em instâncias intermediárias, morariam nas gavetas aguardando os extensos prazos estipulados para novas discussões.

Vale ressaltar a iniciativa do senador pelo Rio Grande do Norte, Juvenal Lamartine, que em 1927 incluía em sua plataforma de candidatura ao governo do Estado o direito da mulher ao voto. Neste mesmo ano já conseguiria que constasse na lei eleitoral estadual o artigo seguinte: "poderão votar e ser votados, sem distinção de sexo, todos os cidadãos..." Ocorreram então os primeiros alistamentos e votos femininos, que entretanto não foram reconhecidos por se tratarem de eleições a cargos legislativos federais. Em protesto, a Federação Brasileira lançou em 1928 uma "Declaração dos Direitos da Mulher", onde a defesa do voto feminino era feita tendo como base os fundamentos dos direitos humanos.³

Motivadas pelo relativo sucesso das riograndenses — pelo menos votaram em eleições locais — algumas mulheres em

diversos estados do país tomariam a iniciativa de requerer alistamento, tentativas nem sempre bem sucedidas.

A disputa sucessória que culminaria na revolução de 30 e a subsequente chegada de Getúlio Vargas ao poder, abririam perspectivas renovadas de luta feminista. Júlio Prestes, um dos candidatos, declarava-se simpatizante do voto feminino e provavelmente já contava com o discreto apoio das feministas, que não queriam comprometimentos partidários explícitos. Getúlio, embora não parecesse tão simpático à reivindicação, quando no poder cederia facilmente aos anseios eleitorais das mulheres. O momento político era delicado e exigia habilidade do executivo na conciliação, atendimento de certas reivindicações e cooptação dos mais diversos setores da sociedade.

A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, praticamente a única organização feminista atuando naquele momento, patrocinaria em 1931, no Rio de Janeiro, o IIº Congresso Internacional Feminista, onde se voltou a discutir o voto. Ao lado disso, as oligarquias estaduais em aliança, para fazer frente ao tenentismo, tinha como ponto do seu programa, além do voto secreto, a igualdade de direitos para ambos os sexos.⁴ O clima político era realmente favorável.

A reforma do Código Eleitoral em 1931, principal reivindicação da Aliança Liberal que apoiou Getúlio, incluía o voto feminino com restrições. As líderes do movimento foram protestar contra estas diretamente ao chefe do governo, que se comprometeu a retirá-las. Em 1932, finalmente, o voto secreto e o voto feminino eram incluídos no Código Eleitoral

pelo Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932. Uma outra vitória foi alcançada: a participação de duas mulheres, Bertha Lutz e Nathércia da Silveira, na comissão de estudo do anteprojeto constitucional de 1934, que incorporaria em definitivo o sufrágio feminino à Constituição do país.⁵

Ainda em 1932 a Federação Brasileira daria outro passo ao criar a Liga Eleitoral Independente, destinada a instruir a mulher para o exercício de seus direitos políticos através do alistamento.

O contexto político baiano não seria menos propício ao movimento feminista. Desde o início do período republicano dominada pelos conservadores grupos oligárquicos que se alternavam no poder, a Bahia, quando colhida pelos acontecimentos de 1930, "repentinamente se tornaria revolucionária". Em bora permanecesse o clima de disputa entre mais ou menos os mesmos grupos políticos, o estado experimentava uma crise econômica e era palco de grande insatisfação social. Após a rápida passagem de dois interventores pelo comando do Estado entre 1930 e 1931, foi escolhido pelo governo federal o jovem tenente Juracy Magalhães, que permaneceria no poder até 1937. Seu nome não foi bem aceito pelas elites, inclusive por não ser baiano. Mas o interventor procurou governar buscando alianças com as diversas facções políticas, esforçando-se para angariar simpatias de diversos setores sociais. Sendo um dos poucos interventores sustentados pelo tenentismo, ele parece ter sido fiel aos princípios do movimento, opondo-se fortemente à idéia da Constituinte e, até mesmo por conta da oposição baiana, em especial dos seabristas, era simpático a

n regime

1930

Juracy

um regime ditatorial.⁶

Mas em matéria de feminismo, Juracy mostrar-se-ia receptivo à Federação Bahiana, participando de suas iniciativas e mantendo, ao que tudo indica, ótimo relacionamento com as mulheres. Edith Gama Abreu chegou a declarar que ele era "bastante feminista", apoiando sem restrições o movimento.⁷

Criada no auge da campanha sufragista, a filial baiana da Federação Brasileira, impossibilitada de ter uma atuação mais direta no parlamento, utilizou-se quase sempre do envio de cartas e mensagens ao chefe do governo federal, à bancada baiana no Congresso e aos líderes das bancadas de outros estados tendo em vista o atendimento de seus pleitos. Quando da reforma do Código Eleitoral, dirigiram apelo à Comissão competente no sentido de serem retiradas as restrições ao voto feminino que no seu modo de ver "só às mulheres desonestas devem atingir".⁸ Ótica aliás representativa da concepção elitista e discriminatória das lideranças do movimento baiano. Contudo em 1932 agradeceriam a Getúlio o decreto que concedia o voto sem distinção de sexo e de "idoneidade moral". Conquistado o direito ao voto, as feministas, embora alertadas por Bertha Lutz a incentivarem a propaganda eleitoral no estado e a fundarem a Liga Eleitoral, não conseguiram se movimentar a contento. Alegavam carência de recursos financeiros para um trabalho de alistamento em postos sob a responsabilidade da Federação e se limitaram à propaganda pela imprensa e aos "conselhos às mulheres para usarem o novo direito".⁹

Um embaraço surgiria em 1934 quando foi proposta uma
voto ↔ serv. militar

emenda vinculando o voto feminino à obrigatoriedade do serviço militar. Algumas líderes se dirigiram a Juracy solicitando a interferência do governo do Estado contra a emenda, no que foram prontamente atendidas. O interventor assegurou "não só a sua influência contra a medida exdrúxula... como telegraphou ao 'leader' Medeiros Neto, informando-o da attitude do governo no assumpto".¹⁰

Nos anos de 1936 e 1937 a Federação Brasileira voltaria a apelar e orientar suas filiais quanto à criação da Liga Eleitoral e da União de Funcionárias Públicas. Era necessário centrar esforços no trabalho de alistamento feminino, pois o apoio de um eleitorado leal às candidaturas femininas se mostrava indispensável para garantir uma bancada comprometida com os interesses das mulheres. A organização de associações de classe visava a escolha de delegadas eleitorais para as "eleições classistas".

A Liga Eleitoral baiana, que seria criada em fins de 1936, funcionou por poucos meses em 1937. As questões em torno de sua instalação junto às candidaturas femininas, foram responsáveis pelos mais sérios desentendimentos e disputas entre as lideranças da Federação. Tratando-se de um órgão político, suscitou grande polêmica a questão da autonomia da Liga em relação à Federação, a sua localização física (se na sede da FBPF ou não) e a escolha de suas dirigentes. Neste caso foram definidos os nomes de Alice Kelsch de Aguiar, (diretora presidente), Marieta do Passo Cunha (diretora secretária) e Laurentina Pugas Tavares (diretora tesoureira). Ficou nítida, no decorrer dos acontecimentos, a exis-

tência de duas forças: de um lado o grupo encabeçado por Edith Gama Abreu e Alice Kelsch e, de outro, o de Marieta do Passo Cunha, Laurentina Pugas Tavares e Maria Luíza Bittencourt. Esta última, na época deputada estadual pela Bahia e consultora jurídica da filial baiana, não obstante desempenhasse uma função mediadora — dado seu brilho intelectual e sua íntima aproximação com Bertha Lutz —, posicionava-se claramente nesse lado.

O cerne da controvérsia era mesmo a questão da autonomia. Edith inicialmente solicitara ao Tribunal Eleitoral um posto de alistamento junto à Federação, justificado em virtude de a Liga não possuir ainda o número legal de integrantes para ter seu próprio posto. Maria Luíza Bittencourt e Laurentina Pugas procuraram esclarecimento do Tribunal quanto a esta questão descobrindo que poderia ser facilmente contornada. Por outro lado, a presidente advogava que a Liga só deveria ser um órgão autônomo no que dissesse respeito à sua administração interna, "nos casos de orientação política nada seria resolvido sem acordo com a Federação Bahiana". O outro grupo não concordava com esta posição e as acaloradas discussões desembocaram em pedido de demissão por parte de Laurentina Pugas e Marieta do Passo Cunha. Esta última revelaria a Bertha Lutz sua posição:

Penso que só se deve colocar na direção da Liga elementos independentes em matéria política e que não trabalhem em causa própria. A Liga deve representar por si, uma das vitórias da Federação como obtenção de direitos entregues as mulheres. Que ela tire as vantagens, sem assumir a responsabilidade de prováveis erros. Haver entre as duas, liga-

ção direta, parece-me perigoso.¹²

Posteriormente, tanto Marieta como Laurentina reconsiderariam por interferência de Maria Luíza Bittencourt o pedido de demissão. A participação da deputada baiana no episódio não parou aí. Informou à líder nacional acerca dos acontecimentos, articulou alianças e tentou colocar nas reuniões formas de resolução do impasse. É interessante acompanharmos sua habilidade política. Numa carta a Bertha Lutz assim se posicionava:

A Liga está paralizada porque Edith, que não quer conceder autonomia a sua diretoria eleita, requereu um posto para a Federação que só ela, como Presidente, pode movimentar, o que desgostou as demais senhoras (Laurentina, etc.)... Para assegurar a independência da Liga em relação a Federação, que deve pairar acima do partidarismo lembrei a seguinte solução. Dar a D. Edith que é eficiente e está mostrando interesse político, a direção da Liga e passar Marieta, boa feminista, generosa e despreendida para a presidência da Federação. Assim, poderei fundar a filial da União de Funcionárias e os núcleos da Federação no interior sem dificuldades na direção da Federação.¹³

Os planos de Maria Luíza quanto a mudanças nas diretorias da Liga e da Federação, não sabemos bem porque, não foram viabilizados. Entretanto, segundo suas próprias palavras a Bertha Lutz, resolveu intervir na questão da autonomia para ver se conseguiria fazer a paz. Além do mais, tinha sido particularmente acusada por Alice Kelsch de ter interesse pessoal no posto da Liga. A deputada estava consciente, inclusive, da questão política mais ampla:

"estamos num momento político de transição e si, hoje, muitos dos dirigentes do país se interessam pelo feminismo, não se sabe

se amanhã temos ainda esse apoio, por isso precisamos ser força de número, para conseguirmos os nossos fins; como é difícil... sejamos pelo menos força moral. Precisamos ter um órgão político... que seja autônomo nas suas resoluções de ordem interna, agindo quanto as de ordem externa de acordo com a mesma.¹⁴

Usando argumento adicional de que o posto, sendo da Liga, caso viesse a fracassar comprometeria a Federação sugere que as diretorias das mesmas assinassem um termo em que a Federação se comprometaria a não interferir na administração interna da Liga. Edith Gama Abreu mostrou-se ofendida, pois tal proposta sugeria que desejava controlar a Liga, e retirou-se da reunião. No final desta, Maria Luíza fez um apelo direto para que Alice Kelsch "demonstre mais sympathia pelo movimento eleitoral e que a Sr^a presidente abstenha-se de intervir na Liga".¹⁵

Estaria assim aparentemente resolvido o episódio da Liga: seria um órgão autônomo, com posto eleitoral próprio localizado apenas provisoriamente na sede da Federação. Meses depois, Alice Kelsch, sua diretora-presidente, parecer ter pedido demissão e Maria Luíza se viria diante de mais um impasse, como revela em carta a Bertha Lutz: "se indico Edith desgosto Laurentina, se indico Laurentina desgosto Edith, se indico Marieta desgosto o governo e não posso me indicar a mim porque desgostaria a todo mundo..."¹⁶

Por conta das divergências, ou talvez por ser o alistamento um trabalho difícil naqueles dias, a Liga não conseguiu avançar muito em seus objetivos. Acreditamos que sua autonomia perante a Federação, defendida com base na argumentação de

que os possíveis insucessos na campanha viessem afetar o nome daquela, estivesse ligada ao fato de que a opção partidária a ser provavelmente assumida não viesse a comprometer o propósito de neutralidade política da Federação. A autonomia em relação aos partidos políticos era mesmo a tônica das preocupações. Mais que uma questão de princípio, era uma boa estratégia. Não apoiando explicitamente nenhuma corrente política, as feministas poderiam beneficiar-se de qualquer situação. As candidaturas femininas, como veremos adiante, ora no partido do governo, ora na oposição, são mostras dessa posição.

Logo em seguida as disputas em torno da Liga e ela própria seriam definitivamente encerradas por um fator externo, a instalação do Estado Novo.

As associações de classe também não vingariam. Somava-se à resistência da presidente da Federação — já mencionada quando da tentativa em 1935 de criação da União Profissional e expressa na carta de Maria Luíza a Bertha Lutz — as dificuldades de organização encontradas no meio profissional feminino baiano, assim traduzidas por Marieta: "Há muita apatia do nosso povo por estas iniciativas, aliás boas. Elas muito lucrariam, reunindo-se para defesa de seus próprios interesses".¹⁷

Em suma, a campanha do voto, desenvolvida sobretudo no âmbito mais restrito da FBPF e do parlamento, através da atuação de poucas mulheres, não contou com o apoio e a mobilização do grande contingente feminino da população. É sabido que isto se deveu à limita-

da concepção das feministas de que a emancipação feminina se daria quase que exclusivamente a partir da igualdade jurídica entre os sexos, levando-as a adotar uma estratégia dissociada das massas femininas. Há que considerarmos entretanto, que aparentemente a questão do voto não repercutiu entre a maioria das mulheres, muito embora as feministas tenham se esforçado para despertar o interesse das mulheres. As feministas baianas, em particular, fizeram um intenso trabalho através da imprensa esclarecendo quanto a importância do sufrágio feminino.

Candidaturas Femininas

Após terem alcançado o direito de eleger, o passo seguinte das mulheres seria conseguirem eleger-se. As líderes feministas começaram a se mobilizar em vários estados e já em 1933 seriam articuladas as primeiras candidaturas, destacando-se a de Bertha Lutz (Rio de Janeiro) e a de Carlota Pereira de Queiroz (São Paulo) para a Câmara Federal. Esta última seria eleita e Bertha entraria como primeira suplente. Nessa mesma época, a Concentração Autonomista — frente de oposição baiana cuja legenda era "A Bahia ainda é a Bahia" — lançaria o nome de Edith Gama Abreu como candidata à Assembleia Nacional Constituinte.

A Concentração Autonomista era a nova versão da recém-criada Liga de Ação Social e Política, partido que aglutinava a oposição no estado. Tendo como presidente o intelectual Aloísio de Carvalho Filho, a LASP reunia jovens intelec-

tuais, professores universitários na maioria, cujas principais reivindicações eram a libertação do estado do jugo militar (leia-se tenente Juracy), um regime de governo parlamentarista e um chefe de governo que fosse baiano e civil. Logo em seguida à sua instalação, Otávio Mangabeira, ao retornar do exílio, assumiu a liderança do partido transformando-o em Concentração Autonomista "com o intuito de congregar todas as facções na luta contra a ditadura". Alia-se à Liga Eleitoral Católica, cedendo às condições impostas para obter o apoio da Igreja. O programa da agremiação, inspirado nos princípios do clássico liberalismo, incluía a questão educacional, os direitos da classe trabalhadora e da mulher na sociedade.¹⁸

A Federação Bahiana declarou que a candidatura de sua presidente não implicava em nenhum compromisso político-partidário, mas por incluir o nome de uma mulher na sua chapa, o partido receberia o apoio do movimento. Isto, segundo elas, era uma prova de fidelidade a um programa inspirado nos ideais do patriotismo e equidade social.¹⁹ (Não sabemos como Juracy reagiu a esse fato). Entre os pontos que defenderia, se eleita, Edith Gama Abreu não incluía nenhuma reivindicação específica sobre a mulher, ressaltando que "sou uma feminina, desde que não se confunda 'feminilidade' com 'futilidade'. Assim, por um instrumento de mulher sobreponho a tudo quatro problemas básicos para o engrandecimento do Brasil".²⁰

Os quatro problemas referidos eram saúde pública, educação, trabalho e paz. A candidata chamava a atenção para o

pouco entusiasmo da mulher independente pelas eleições, exceto feita às filiadas à Liga Eleitoral Católica. Este partido, inclusive, a convidaria, no mesmo ano, para integrar sua chapa mediante o compromisso de ser antidivorcista e a favor do ensino religioso nas escolas.²¹ Mas enquanto candidata pela Concentração Autonomista, embora arregimentando um expressivo número de votos, Edith não logrou ser eleita. Apenas tiveram êxito os nomes de Seabra e Aloísio de Carvalho, contra os 20 representantes do Partido Social Democrático eleitos.²² Aloísio assumiria o compromisso de defender sem restrições as demandas das feministas baianas na Assembléia Constituinte.

As candidaturas femininas cresceriam mesmo a partir da realização da IIª Convenção Feminina em Salvador, em 1934, que resolveu recomendar aos partidos políticos nomes de mulheres candidatas às Constituintes Estaduais. Maria Luíza Bittencourt e Edith Gama Abreu foram indicadas na Bahia. Redigiu-se um manifesto aos partidos para que ficassem cientes da resolução da Federação Brasileira de lançar candidaturas e de apoiar as que se comprometessem com os interesses femininos. Além disso, o manifesto apelava para o espírito democrático de seus interlocutores no sentido de que não fossem "os interesses do povo defendidos inequitativamente por simples representantes masculinos, quando metade da população é de mulheres".²³

Prevaleceria o nome de Maria Luíza, lançado pelo partido situacionista, o Partido Social Democrático. O PSD con-

gregava profissionais liberais na capital, e, no interior, contava com grande base de apoio sob o controle dos grandes proprietários de terra. Além disso, recebia o apoio do ultraconservador Partido Evolucionista, liderado por Pacheco de Oliveira. A plataforma do partido, em tom democrático, continha "proposições mal definidas sobre a família, casamento e instrução religiosa, que haviam sido impostas pela igreja católica". Segundo Consuelo Novaes, não havia diferenças substanciais entre a Concentração Autonomista e o PSD quanto às origens sociais e os princípios ideológicos dos seus membros. Eram homens de alta classe média que não estavam comprometidos com os problemas sócio-econômicos do Estado.²⁴

Maria Luíza Bittencourt é eleita deputada estadual em 1935. Sua vitória seria atribuída a Juracy por ter atendido uma solicitação da Federação Bahiana: a deputada conseguiria, mais uma vez "através da benesse do interventor", incluir nomes de mulheres nas chapas de vereadores ligados ao partido da situação. Na capital, foi eleita Laurentina Pugas Tavares e no interior outros quinze nomes foram eleitos. Não era para menos! Maria Luíza e Laurentina Pugas dirigiram-se pessoalmente à residência do chefe do partido, Pacheco de Oliveira, para solicitar a inclusão de seus nomes. Sendo estes recusados com a justificativa das chapas já estarem completas, foram ao governador que prometeu elegê-las e cumpriu a promessa.²⁵ Durante seu mandato Maria Luíza define um programa legislativo e educativo que "nada contém que seja incompatível com a orientação partidária de quem quer que

seja..." (a preocupação com o apartidarismo permaneceria inalterada, pelo menos no discurso), visando conceder à mulher os direitos e garantias previstos na Constituição Federal.²⁶ A imprensa ressaltou a habilidade política da líder baiana e seu importante papel na elaboração da "Carta Estadual", além de revelar uma preocupação provavelmente presente em boa parte das cabeças masculinas: "É uma invasão em regra nos sectores do sexo forte. E é assistida, convém frizar, com algumas sympathias, porém, com alguma desconfiança..."²⁷

A campanha para as eleições federais de 1937 viria esquentar os ânimos dentro da Federação. Juracy já deixara transparecer sua preferência numa carta dirigida a Bertha Lutz, onde dizia confiar que o nome da deputada Maria Luíza Bittencourt seria sufragado no próximo pleito, realçando o seu valor pessoal e os serviços prestados ao partido.²⁸ Algumas mulheres também comunicaram a Bertha Lutz preferência por Maria Luíza.

Para a Federação, contudo, a escolha não estava tão clara, vindo a constituir-se num episódio de extenso desdobramento. Maria Luíza sugerira os nomes de Marieta do Passo Cunha e Edith Gama Abreu; Laurentina Pugas os de Maria Luíza (sua preferida) e Edith. O(s) nome(s) teria(m) que ser levados ao governador do Estado a fim de serem encaminhados ao Governo Federal. A controvérsia começou aí. Algumas mulheres queriam esperar pela iniciativa de Juracy quanto ao nome, pois assim não pareceria imposição. Uma fala de Laurentina

Pugas ilustra bem a posição débil das mulheres diante do domínio masculino na política e de como percebiam sua inserção nesta esfera: "não se deve impor candidatas pois já é um favor que Jurácy concede e também se corre o risco de serem rejeitadas...".

Enquanto isso, outras mulheres agiam por trás dos bastidores. Alice Kelsch de Aguiar, fiel seguidora de Edith Gama Abreu e então presidente da Liga Eleitoral, extra-oficialmente e, apoiada por algumas companheiras dirigiu ofício ao governador indicando o nome da presidente, anexando diversas assinaturas colhidas em visitas individuais às integrantes do movimento. O fato provocou séria inquietação. A atitude foi considerada irregular e até de má fé. Alice Kelsch chegou inclusive a ser acusada de "cabotina" mas, coincidentemente, ela e Edith não estavam presentes na reunião. Dentre as que assinaram o ofício, algumas alegaram tê-lo feito sem ler, outras por terem sido informadas tratar-se de uma homenagem a Edith. As que eram de oposição ao governo, ou não foram consultadas ou se recusaram a assinar. Laurentina Pugas qualificaria a iniciativa como parte de uma campanha contra Maria Luíza Bittencourt e contra sua proposta de indicação de dois ou três nomes, resolvendo tratar a questão a seu modo. Dirigiu-se ao governador e "abriu o jogo", pelo que foi duramente censurada por suas companheiras. Afinal, isso representava suspender o pano e mostrar uma organização dividida, ferindo o seu prestígio e ao mesmo tempo, a fama de "senhoras bem comportadas" de suas integrantes. O próprio Governador

teria até, paternalmente, recomendado que "resolvessem a questão em família".

Diante dos acontecimentos, Maria Luíza Bittencourt declarou considerar-se impedida de continuar a campanha pela candidatura de Edith Abreu e eximia-se previamente de culpa caso a Federação viesse a perder lugar na chapa federal. Acrescentou que, se eleita, o seria como pessedista e não como feminista. Ficou acertado em reunião encaminhar-se um ofício ao governador esclarecendo os fatos e pondo em aberto a candidatura feminista — embora a Federação demonstrasse saber do ofício encaminhado por um grupo de senhoras indicando o nome de Edith. Expressariam ainda que não tencionavam intervir em assuntos internos do PSD, assegurando apoiar a este ou qualquer outro nome digno da confiança partidária.

Alice Kelsch, ausente das reuniões, enviou carta ao grupo, onde, na qualidade de presidente da Liga, reafirmava seu direito de articular um movimento em prol da candidatura de Edith Gama Abreu e até seu dever de assim proceder, dados os méritos da escolhida. Edith, comparecendo a uma reunião um mês mais tarde, enfrentaria uma acirrada discussão com Maria Luíza. Alegou só ter tomado conhecimento do ofício ao governador no dia do seu envio, que se soubesse não teria concordado, embora achasse legítimo tal procedimento pois não considerava imposição a indicação de um nome ao partido e sim um apelo. Relembra a Maria Luíza Bittencourt o caso de sua candidatura e da de Laurentina Pugas em 1935, solicitadas diretamente ao governador — ao que esta retrucou ter sido in-

dicada pela Convenção. Edith encerrou a reunião protestando contra o termo "cabotina" usado para qualificar Alice Kelsch, e pontificando que "palavras em desacordo com nossa educação não fossem pronunciadas". Marieta P. Cunha abre uma brecha para as eventuais "saídas de linha" ao sugerir que, no caso de serem pronunciadas, não constassem de ata. As aparências precisavam ser mantidas.²⁹

Mais uma vez o curso dos acontecimentos seria barrado pelo golpe de Estado. Mas sem dúvidas eles foram suficientes para esfriar as relações entre algumas mulheres, e contribuíram para apressar o já declinante ritmo do movimento.

Poucas feministas baianas ultrapassaram o limite da política local para preocupar-se com as questões nacionais. Entretanto, as que o fizeram, pareciam não ter opinião ou posição firmada acerca do jogo partidário para a sucessão presidencial. Maria Luíza Bittencourt era uma delas. Estava constantemente dialogando com Bertha Lutz sobre o momento político, solicitando sua opinião sobre a intervenção, o integralismo, as candidaturas etc. Marieta do P. Cunha também se manifestava. Numa carta a Bertha Lutz dizia estar preocupada sobretudo em manter a neutralidade política da Federação, que no seu modo de ver não podia nem devia acompanhar nenhum partido. É ilustrativa sua fala: "o que precisamos só os governos nos podem dar, sejam eles quais forem. É indispensável estarmos bem com todos". Nesse sentido julgava imprudente e precipitada a atitude de Maria Luíza e Maria Sabina de terem levado a José Américo a solidariedade da Liga Eleito -

ral. Demonstra habilidade ao observar que isto não deveria ser feito em nome de uma associação que contava com eleitoras da situação e da oposição. Suas preocupações faziam sentido pois segundo ela "aqui na Bahia a impressão foi má, já olham a Federação como partido do governo e eu fiquei em dificuldades com a oposição. Desejava atrair as simpatias delas para a Federação, caso o cenário atual se modifique, se vier o Armando Salles?"³⁰

Esta senhora chegaria a tomar iniciativas de caráter individual, não tão bem vistas pela Federação, respaldada na condição de mulher de importante político (o ex-prefeito Pacheco de Oliveira) e ativa participante do movimento, o que torna sua posição mais interessante ainda. Uma dessas iniciativas consistiu em encaminhar a Carlota Pereira de Queiroz, deputada por São Paulo e adversária das feministas da FBPF, uma relação de mulheres baianas da oposição para trabalharem pela candidatura de Armando Salles.

Com o restabelecimento das franquias democráticas em 1945, as candidaturas femininas voltariam à cena, só que não mais representando o movimento feminista organizado. Edith Gama Abreu e Laurentina Pugas Tavares, sempre atuantes, participam da instalação da Ala Feminina da União Democrática Nacional, partido do governo, cuja discussão central girou em torno das alternativas de sua vinculação ao partido: como ala periférica ou integrada ao próprio organismo udenista. Laurentina toca num ponto fundamental, ao chamar a atenção para o preconceito existente em relação ao sexo feminino. Se

gundo ela, qualquer que fosse a alternativa, "a participação da mulher teria sempre um retraimento". Vence a proposta de considerar-se a Ala como unidade separada do diretório do partido. Escolhidas como presidentes de honra Lavignia Magalhães (senhora Juracy Magalhães) e Ester Mangabeira (senhora Otávio Mangabeira), o que na prática já comprometia qualquer intenção de autonomia. Na composição da diretoria, Edith assumiria o cargo mais alto de "presidente intelectual" e Laurentina o de oradora.³¹ Nas eleições de 1947, essa última se elegeria mais uma vez para a Câmara de Vereadores³² e Edith seria de novo derrotada. Sua plataforma continha os mesmos pontos gerais que apresentara em 1933. Sob a desafiante e debochada manchete "As mulheres preferiram votar nos homens", "A Tarde" noticiou a fragorosa derrota feminina nas eleições para as câmaras estaduais. Na Bahia foram lançadas além de Edith Gama Abreu pela UDN, Jacinta Passos, poetisa e escritora, pelo Partido Comunista Brasileiro, Ana Dantas Martins e Eulália Miranda Mota pelo Partido de Representação Popular (integralista) e Nita Costa pelo Partido Trabalhista. Todas derrotadas.³³

Além dessas grandes campanhas do voto e das candidaturas femininas, outras atividades foram desenvolvidas pelos membros da Federação Bahiana para a conquista de direitos civis. Contudo, no importante trabalho de elaboração de emendas à Constituição de 1934, essas feministas ficaram de fora. Contribuiu sensivelmente para isto a prática centralizadora da Federação Brasileira em todas as iniciativas de maior am-

plitude e, especificamente, naquelas que requeriam um trabalho de maior elaboração intelectual. As baianas limitaram-se a conscientizar os legisladores para que apoiassem as emendas. Neste sentido, se destacam Aloísio de Carvalho Filho, Medeiros Neto, Seabra, Marques dos Reis e Pacheco de Oliveira, pelas promessas de apoio aos ideais feministas. O saldo dessa campanha, em âmbito nacional, foi entretanto muito positivo. Muitas propostas das mulheres foram incorporadas à Constituição: acesso a cargos públicos sem distinção de sexo ou estado civil; licença maternidade de 3 meses com vencimentos integrais; definição das atribuições da União, dos Estados e dos Municípios no amparo à maternidade e à infância, sendo a prestação desses serviços entregues preferencialmente a mulheres habilitadas; não inclusão da mulher no serviço militar etc.³⁴

Na área trabalhista, a Federação Bahiana teria uma atuação pontuada em questões de âmbito mais restrito. Por exemplo, contactou a Associação dos Empregados do Comércio solicitando para que fosse observado o direito dos empregados de se sentar durante as oito horas de trabalho, solicitação motivada, segundo as feministas, por ser um procedimento que atingia muitas mulheres.³⁵ Outro ofício foi encaminhado ao presidente do Departamento de Administração e Serviço Público (DASP), protestando contra a negação de inscrição de duas engenheiras no Concurso para ingresso no Departamento de Estrada de Ferro.³⁶

Em 1935 Edith Gama Abreu, Lili Tosta e posteriormente

Laurentina Pugas, substituindo esta última, foram convidadas a participar dos Conselhos de Educação e Cultura e de Assistência Social, criados pela Constituição Estadual. Não temos informações sobre o trabalho que elas aí desenvolveram em favor da causa da mulher, mas a presença de feministas em entidades governamentais, tão almejada pelo atual movimento, pode ter representado um importante canal de atuação.

Na luta pelos seus direitos as mulheres se utilizaram de duas importantes táticas: A primeira foi a pressão direta sobre os líderes políticos, facilitada tanto pelos vínculos de parentesco que muitas vezes uniam políticos e feministas, quanto pelo fato de, por afinidade de classe, terem acesso à elite do poder. Afinal, como vimos no Capítulo 2, o movimento era dirigido por "senhoras da sociedade", que souberam fazer bom uso de suas relações pessoais. Num segundo momento, a estratégia evoluiu para a colocação das próprias representantes feministas nas Câmaras Estadual e Federal, o que veio reforçar a campanha. Por outro lado, elas desenvolveram um intenso e amplo trabalho de conscientização e convencimento da opinião pública acerca do feminismo, para o que contaram com o apoio da imprensa baiana. As resistências não eram poucas, sendo necessária uma sólida argumentação. O ponto de partida foi o direito ao voto e a parte mais geral dessa argumentação tomava sempre o exemplo de outros países, onde inclusive a mulher não tinha sido obrigada a prestar serviço militar. Segundo as feministas a maternidade seria o "tribu

to de sangue" pago pela mulher à nação. Ainda tomando o mesmo parâmetro, criticavam aqueles que consideravam o Brasil um modelo de democracia moderna, quando a metade da população estava privada de sua personalidade jurídica. O exercício do voto era visto como uma expressão de civismo e uma arma de defesa da pátria, portanto obrigação e direito de todos os cidadãos. Representava uma força moral que extrapolava o ato em si.

Para justificar os interesses das mulheres pelo voto, as feministas levantaram pontos que iam desde a necessidade de acompanhar as idéias progressistas do Ocidente, passando pelo anseio de atingir o máximo desenvolvimento individual até alegar o direito "natural e lógico" de intervir diretamente nos assuntos da Nação. Além disso, afigurava-se quase um insulto para mulheres com certa cultura para a época, a concessão do direito do voto a homens com nível de instrução considerado inferior e não a elas. O preconceito de classe levavam-nas a exigir do Estado o que elas próprias negavam a outros setores.

A questão mais específica e delicada a ser enfrentada pelas feministas dizia respeito às supostas implicações do voto na modificação dos papéis tradicionais femininos. Foi preciso muita fala para convencer que a conquista desse direito não afastaria as mulheres do lar. Ao contrário, elas argumentariam que, participando da vida nacional e se informando, poderiam estar mais habilitadas para cumprir com mais eficiência os deveres familiares. Lili Tosta tocava em as-

pectos essenciais: "Dizem os anti-feministas que a mulher foi creada para dar filhos a Pátria! Perfeitamente. Mas será uma simples questão de augumento da população ou queremos o aperfeiçoamento physico, moral e intellectual da raça brasileira? É preciso pois aperfeiçoar a mulher".³⁷

Quanto ao argumento de que ainda não estavam preparadas para votar a mesma Lili lançava mão de idéias não muito elevadas: Perguntava se o Brasil estava por acaso preparado para o regime republicano quando declarou a República e se os negros, escravos, também estavam a altura de serem homens livres quando foi abolida a escravidão. Segundo ela tudo dependia do treino.³⁸

Mas de fato, as feministas não acreditavam estarem as mulheres em geral preparadas para a vida política. No início da campanha mostraram-se favoráveis às restrições ao sufrágio feminino. Partilhavam da idéia de que se fazia necessário avançar por etapas. As mulheres "ilustradas" deveriam ser beneficiadas em primeiro lugar por "saberem" cumprir com suas novas obrigações de cidadania, enquanto as demais não estivessem aptas a cumpri-las. O voto municipal seria aceito como espécie de treinamento para o exercício pleno do voto. Estabeleciam um paralelo entre a administração da casa e a do município — este visto como um conjunto de famílias. Não haveria portanto incompatibilidade entre a função doméstica familiar e a participação da mulher nos assuntos municipais, já que seus atributos teriam uma função no governo "justo naqueles serviços que são extensão do trabalho doméstico".

Diário da Bahia

e que requerem maior abnegação e carinho".³⁹

Os direitos políticos e, secundariamente os direitos trabalhistas e civis, mais que importantes reivindicações das feministas, seria a própria essência do feminismo de então.

N O T A S

1. Ricardo Maranhão e Antonio Mendes Jr., Brasil História, 3 República Velha, São Paulo, 1979, p. 334.
2. Boris Fausto, A Revolução de 30, São Paulo, , 1970. pp. 57 e 63.
3. Hahner, A Mulher Brasileira, p. 117.
4. Edgard Carone, Revoluções do Brasil Contemporâneo (1922-1938), Rio de Janeiro, 1977, p. 107.
5. Moreira Alves, Ideologia e Feminismo, pp. 125-126. A autora chama atenção para o fato de que o voto feminino é concedido no momento em que o governo punha um ponto final nos movimentos sindicais autônomos, p. 101.
6. Consuelo Novais Sampaio, "Crisis in the Brazilian Oligarchical System: A Case Study on Bahia, 1889-1937", Tese de Doutorado, Universidade de Johns Hopkins, 1979, pp. 175 e 217.
7. Edith Gama Abreu in Folha da Noite (SP), 05.08.1936.
8. FBPF, Livro de Atas, 25.09.1931.
9. FBPF, Livro de Atas, 16.01.1933 e Relatório de Atividades - des, 1931-1933.
10. FBPF, Relatório de Atividades 1934, AEGA.
11. FBPF, Livro de Atas, 28.10.1936
12. Carta de Marieta do Passo Cunha a Bertha Lutz, 15.06.1936, Documentos da Federação Brasileira, Arquivo Nacional.
13. Carta de Maria Luíza Bittencourt a Bertha Lutz, 27.03.1937, Documentos da Federação Brasileira, Arquivo Nacional.
14. Carta de Maria Luíza Bittencourt a Bertha Lutz, 29.04.1937, Documentos da Federação Brasileira, Arquivo Nacional.
15. FBPF, Livro de Atas, 28.04.1937.
16. Carta de Maria Luíza Bittencourt a Bertha Lutz, 14.09.1937, Documentos da Federação Brasileira, Arquivo Nacional. O marido de Marieta, o ex-prefeito Arnaldo Pimenta da Cu-

nha, estava indisposto com Juracy desde 1933 quando deixara o cargo.

17. Carta de Marieta do Passo Cunha a Bertha Lutz, 15.06.1937, Documentos da Federação Brasileira, Arquivo Nacional.
18. Sampaio, "Crisis in the Brazilian Oligarchical Sistem", pp. 231-233.
19. FBPF, Publicação nº 2 e Relatório de Atividades, 1931 - 1933, AEGA.
20. Edith Gama Abreu in Diário de Notícias, 23.05.1933.
21. FBPF, Livro de Atas, 26.04.1933.
22. Sampaio, "Crisis in the Brazilian Oligarchical Sistem", p. 233.
23. FBPF, Documento, AEGA.
24. Sampaio, "Crisis in the Brazilian Oligarchical Sistem", pp. 223, 227 4 235.
25. FBPF, Publicação nº 2 e Livro de Atas, 25.08.1937.
26. FBPF, Documento interno, AEGA.
27. O Estado da Bahia, 04.11.1935
28. Carta de Juracy Magalhães a Bertha Lutz, 02.03.1937, Documentos da Federação Brasileira, Arquivo Nacional.
29. FBPF, Livro de Atas, 30.06, 30.07, 02.08 de 1937.
30. Carta de Marieta do Passo Cunha a Bertha Lutz, 15.06.1937, Documentos da Federação Brasileira, Arquivo Nacional.
31. O Estado da Bahia, 10.05.1946.
32. Infelizmente foi impossível localizar nos Anais da Câmara os pronunciamentos de Laurentina Pugas, essa atuante política que pela terceira vez exerceria um mandato na segunda metade da década de 50.
33. FBPF/CRJ. Sobre Nita Costa, sabemos que foi eleita posteriormente (1954) deputada federal por essa mesma legenda. Com uma proposta feminista desvinculada do movimento organizado, seu canal de expressão foi a política partidária. Segundo Zahidé Machado Neto, Nita Costa preocupava-se com o envolvimento do Estado em questões relativas à gravidez, maternidade, aborto, creches e direitos trabalhistas da mulher. Ao contrário das feministas da Federa

ção Bahiana, ela soube refletir acerca das "razões econômicas e sociais da discriminação e os possíveis mecanismos de transformação. Jornal da Bahia, 19.03.1983.

34. Federação Brasileira, Documento interno, AEGA.
35. O Imparcial, 16.04.1937.
36. FBPF, Livro de Atas, 17.05.1944.
37. Lili Tosta in Diário da Bahia, 03.05.1931.
38. Lili Tosta in Diário da Bahia, 10.05.1931
39. FBPF/CRJ. A autora se fundamentava no escritor francês Mardeau a quem era atribuída a seguinte fala: "A ação harmoniosa dos dois sexos é tão essencial para o governo do país como o lar".

CAPÍTULO 4

O DISCURSO FEMINISTA OCUPA UM ESPAÇO

O discurso feminista, aqui referido à produção e veiculação de idéias feministas, sobretudo na imprensa baiana, foi parte fundamental do movimento. Para as integrantes da Federação Bahiana, viabilizar suas propostas implicava na criação prévia de um clima receptivo às novas idéias, exigia trabalho de conscientização da opinião pública acerca dos objetivos e intenções do feminismo. Sem isso, pouco poderiam avançar. Sua fala era dirigida mais para os homens do que para suas companheiras de sexo. Isto nos leva a admitir que vencer os primeiros como obstáculo, contava mais que a difícil tarefa de mobilizar as segundas.

Infelizmente, pouco sabemos sobre a simpatia, ou antipatia das mulheres baianas pelo feminismo. Encontramos poucos artigos escritos por mulheres não ligadas à Federação, apoiando ou criticando o movimento.

Para os homens, principais interlocutores e alvos das feministas, era importante manifestarem-se. O feminismo per passando o âmbito das relações entre os sexos e direcionando grande parte de suas reivindicações para o campo da igual-

dade de direitos, trazia-os para o centro do debate.

Intelectuais e profissionais liberais, médicos em particular¹, não só responderam ao cordial convite das feministas ao diálogo, como foram além, apoiando o movimento e mesmo esclarecendo seus pares sobre seus méritos. Entretanto, muitos também se colocaram na defensiva e fizeram cerrada campanha anti-feminista.

A Fala das Mulheres

É surpreendente a quantidade de artigos divulgados nos jornais ao longo dos primeiros seis anos da Federação Bahiana, período de maior atuação do grupo. Neles, algumas feministas em particular, davam mostras de sua refinada cultura. Citavam inúmeros autores estrangeiros, filósofos e pensadores alemães, franceses e ingleses que escreveram sobre a mulher. Neste rol, não faltaria o pioneiro Stuart Mill, um ardoroso defensor da emancipação feminina. O conteúdo dos artigos era um tanto repetitivo, o que pode ser visto tanto como parte de uma estratégia de persuasão, como representativo do limitado questionamento que tinham no tocante à complexa e vasta rede de determinações presentes na condição de desigual do sexo feminino.

Ao contrário do abundante material produzido para a imprensa, é escasso o material encontrado nas atas de reuniões e publicações do grupo quanto à problemática feminina. Isto nos sugere que, internamente, havia pouca reflexão sobre o feminismo, ou mesmo, pouca partilha de vivências de

mulher entre as integrantes do movimento.

Não existem diferenças substanciais entre o discurso feminista adotado nacionalmente e o aqui produzido, embora este último apresente uma certa tonalidade local. A ênfase sobre determinados aspectos, a cautela na abordagem de outros, as respostas às objeções do meio baiano, etc., não estão dissociadas da base social do movimento local, nem do contexto sócio-cultural da cidade. É possível observar uma unidade de pensamento entre as feministas, a despeito de suas diversas trajetórias de vida e formação intelectual haverem imprimido diferenças de enfoques entre elas. Por outro lado, as peculiaridades da sociedade baiana, menor e mais conservadora que o Rio de Janeiro, centro irradiador do movimento, recomendavam prudência. As feministas da Federação Brasileira tiveram um lastro mais oportuno e rico a partir do qual puderam refletir e falar mais destemidamente.

De um modo geral, podemos caracterizar o discurso feminista no Brasil, na época, como um discurso político militante no sentido conferido por Haquira Osakabe: "condicionado e determinado na sua estrutura pelo ato de persuadir"². A todo momento as integrantes da Federação visavam inteirar e convencer seus interlocutores da propriedade, justiça e inofensividade de sua luta.

As feministas procuravam fundamentar seus propósitos lançando mão de alguns conceitos e princípios da ideologia dominante. A ética burguesa de igualdade de direitos, a moralidade cristã, a idéia de progresso social e a associação

Usavam conceitos/princ. da ideol. dominante, A ética burguesa de igualdade de direitos, a moralidade cristã, a ideia de progresso social e a anarquia
do feminismo a "causas públicas" legitimizantes — como o nacionalismo e a luta pela paz — serão alguns dos elementos presentes na argumentação. Praticamente inexistia uma perspectiva crítica quanto à posição feminina no sistema capitalista, embora por essa época já se encontrassem disponíveis, para as leitoras brasileiras, obras de tradição marxista que serviam de inspiração à corrente socialista do movimento. Obras como as de Engels e de Alexandra Kollontai³, por exemplo, que abordam alguns dos mecanismos de subordinação da mulher na sociedade de classes e criticam a hipocrisia da moral sexual burguesa, não estavam na lista de leituras dessas feministas. Temas como a crítica ao casamento e à família, o elogio do amor livre, etc., que tocassem mais profundamente no **status quo**, eram evitados por completo.

O movimento absorve a ideologia burguesa, paradoxalmente beneficiando-se dela e nela encontrando seus limites. Por um lado, o princípio geral da igualdade entre os indivíduos, serviu como o principal móvel da luta. Por outro, aceitando sem questionamentos uma socialização fundada na "mística feminina"⁴, as feministas nela encontrariam os entraves para avançar mais rumo a emancipação da mulher. Contudo, essa mística, tão cara ao mundo dos homens, servia a elas como base legitimadora, como verdadeira proteção contra à idéia de que a igualdade que queriam seria subversiva.

De par com o liberalismo burguês, o papel do cristianismo foi duplamente marcante nessa primeira etapa do feminismo, notadamente aqui na Bahia, imprimindo-lhe mais ainda

um cunho conservador. Primeiro, inspirando-o com seus ideais de igualdade, caridade, fraternidade, justiça, solidariedade, prática do bem, etc., tão de acordo com a acatada "natureza feminina". No discurso inaugural da Federação Bahiana, sua presidente assim dizia: "Lá está a FBPF num amplo programa de aperfeiçoamento humano pela evangelização da paz e da caridade". Outras falas suas como "a alma da mulher é sempre voltada para as grandes cruzadas do bem", "ser mulher é compadecer-se da miséria da criatura é realizar dia por dia o milagre da redenção", "feminilidade... percepção mais apurada dos deveres da fraternidade humana...", também evidenciam essa inclinação cristã⁵.

Do mesmo modo, "sacralizando" o espaço doméstico, e dentro dele a figura materna, as doutrinas cristãs têm sido unânimes em reforçar o mito feminino de mãe e esposa⁶. Em todas elas, ao longo dos séculos, e apesar das necessárias adequações às transformações da sociedade — que têm levado a Igreja a assumir certas posições progressistas —, um mesmo substrato: a subordinação das mulheres aos homens, a quem devem obedecer e servir.

No plano prático as feministas baianas, na quase totalidade católicas convictas e praticantes, bem souberam conquistar o endosso da Igreja em benefício de seus interesses. Ocuparam-se em diversos artigos em esclarecer a amistosa relação entre o feminismo e religião, ao contrário do que postulavam seus críticos. Embora declarando a neutralidade religiosa da Federação⁷, procuravam obter pronunciamentos favoráveis dos mais ilustres representantes do clero local. Padres

= sexos perante Deus/sociedade

*ESP
domést.*

e bispos não hesitaram em anunciar a igualdade dos sexos perante Deus e perante a sociedade. Segundo o bispo D. José Pereira Alves "a Igreja abençoa tanto a mulher que trabalha para viver honradamente... como a que vai purificar as urnas com a sua fé intencional e participar da vida pública do país"⁸. Para esses homens de batina, o feminismo não afastaria as mulheres do lar. Ademais, certamente eram simpáticos às inúmeras atividades filantrópicas desenvolvidas pela Federação, perfeitamente consonantes com a linha de trabalho da Igreja.

Ainda em sintonia com as idéias vigentes na sociedade, o feminismo adota as concepções de progresso e civilização como lemas de sua campanha. Neste sentido é bem significativa a inclusão da palavra "progresso" no próprio nome da organização. Partindo da noção de que há uma evolução progressiva, automática e natural no sentido do aprimoramento da humanidade, estas concepções, já disseminadas no Brasil pelo positivismo, foram com algumas variantes fartamente utilizadas pelo governo "revolucionário" de 1930 e serviram de guia as suas ações. Veja-se, por exemplo, a análise feita por Haqira dos discursos de Getúlio⁹.

Segundo Rachel Soihet, Bertha Lutz "acreditava na interação entre a ascensão feminina e o progresso do país"¹⁰. O feminismo da FBPF toma a crença no progresso como um esteio para sua campanha, segundo três diferentes perspectivas. A primeira delas situava a participação social da mulher como parte promotora do progresso: "Para o Brasil progredir e se tornar uma grande nação é preciso que a ação do homem se allie a influencia directa das mulheres"¹¹. A Federação Ba-

hiana e a União Universitária, sua associação filiada, tinham como um dos seus fins "collaborar na solução dos problemas relacionados com o progresso...¹². Uma outra perspectiva estabelecia o elo entre progresso/civilização e a emancipação feminina através da instrução escolar, reforçando e abrindo espaço para este essencial reclamo do feminismo: "A mulher instruindo-se, reivindicando seus justos direitos, não está a sofrer um deslocamento forçado, mas a acompanhar a trajetória natural, nacional, infallível, gizada pelo progresso e civilização Universal"¹³. Por fim, o próprio movimento feminista teria surgido sob o patrocínio de tais concepções, como se refere mais uma vez a atuante Lili Tosta: "A campanha feminista é a consequencia lógica e natural de inúmeras leis físicas, morais e sociais... a emancipação completa da mulher, tinha forçosamente de vir com a civilização dos povos e a diffusão da instrução!"¹⁴

Ao lado de incorporarem a idéia de progresso, as mulheres mais do que nunca precisavam endossar, e oferecer sua contribuição, à causa nacional-democrática que impregnava o ambiente sócio-cultural e político dos anos 30. Até porque, o chefe do governo afigurava-se mereceder de todo o apoio feminino pois o direito ao voto e algumas outras conquistas eram em parte atribuídas a favorecimentos seus. Diziam estar empenhadas na reconstrução da pátria e compreendiam que trabalhando para a emancipação da mulher estariam trabalhando "para a renovação da política nacional e por um Brasil realmente democrático"¹⁵.

Uma outra causa a que as feministas estavam associadas era o "pacifismo". As baianas foram destacadas defensoras da paz, tanto através de seus constantes pronunciamentos sobre o tema em sua representação mais geral, como por meio de apelos aos chefes de governos estaduais onde se desenrolava o conturbado quadro político do país no período 1930-1937.

As feministas, encontravam e justificavam sua motivação anti-belicista na própria "mística feminina": a mulher, como provedora da vida, deveria lutar para manter a vida, assumir seu "natural destino pacificador". Nesse particular, seus pronunciamentos são ricos e falam por si só. Vale destacar um trecho do artigo de Lili Tosta, já referido no primeiro capítulo:

"Entre outras cousas temos que trabalhar para a paz do nosso Estado, do nosso país e finalmente para a paz universal. Quem ousará dizer que esse ideal de paz não esteja em harmonia com as atribuições femininas?"¹⁶

É no entanto da autoria da presidente da Federação a maior parte das falas sobre o tema:

A mulher feminista tem horror em contribuir para os misteres guerreiros. O móvel primordial de nossa recusa é a convicção de nosso destino pacificador...¹⁷

A mulher, depositária da vida, trairá seu destino sempre que tiver pendores guerreiros. Só a uma desnaturada poderá faltar este instinto materno que costuma vibrar nas células femininas, levando-as a apiedar-se so sofrimento. A mulher moralmente sã, tem o dever de uma propaganda contínua contra ela [a guerra], ainda que tudo pareça indicar-lhe a utopia.¹⁸

Não somos anarquistas, queremos ordem, respeito às autoridades constituídas, não podemos fazer nenhum movimento guerreiro, pois o nosso lema é a paz..."¹⁹

Nesta última fala, em 1938, a questão da "paz" traça os contornos do próprio ritmo da campanha feminista. Nada que perturbasse essa paz. Essa postura estava em sintonia com os propósitos do Estado Novo de obter a paz social no país a qualquer custo. Lembremos que nesse ano, o governo já cercava efetivamente todas as manifestações políticas.

Coerente com esse ideário, as feministas definiam o seu movimento como reformista. Ao iniciar a exposição de suas finalidades, a Federação Bahiana diz estar "confiante na colaboração dos que lhe compreendem a obra reformadora, na qual se moureja pacificamente, cathechizando, persuadindo, convencendo,..."²⁰

A concepção de reforma é incorporada ao discurso feminista no sentido de reorganização e aprimoramento da sociedade em contraposição a de revolução, vinculada ao comunismo e ao anarquismo. Aliás o momento político e os próprios objetivos do movimento assim comportavam. Contudo, não obstante os esclarecimentos quanto a suas intenções ordeiras e pacíficas as feministas não foram poupadas da acusação de extremistas e comunistas. Respondendo a uma delas, Edith Gama Abreu afirma que seus lemas são "Lei, Trabalho, Ideal e Paz... A anarquia sempre lhes repugnou desde que seu plano de reforma social é orientado pelo respeito à Lei"²¹. Em outra ocasião diz serem taxadas de comunistas porque o movimento feminista é internacional, entretanto, argumenta: "na-

da mais internacional do que a religião cathólica que tanto combate o comunismo.²² Evidentemente, um toque que sabia - mente reintroduz o insuspeitável exemplo da Igreja. Lili Tosta entrava mais diretamente nos méritos do feminismo ao assegurar que o movimento não era anti-natural ou subversivo: "O amor, o matrimônio e a família, esta pedra triangular que serve de base a toda sociedade permanecerão de pé com toda sua fortaleza".²³ Em outra matéria intitulada "O Feminismo não é bolchevismo" a mesma autora enfatizava: "O movimento feminista nada tem em comum com o bolchevismo e o comunismo. Nós não queremos modificar as leis que nos governam. Estamos dentro da lei, obedecendo a lei, trabalhando pela lei"²⁴.

Ainda que só aparentemente, a presidente da Federação de Alagoas, Lili Lages, que viveu um período em Salvador, ousava ir adiante. Em matéria dirigida a um jornal, taxando de injustas as acusações de pregação do comunismo, assumia que se tratava de socialismo. Mas que socialismo era este?

Que é socialismo não há dúvida, porque se trata de uma collectividade, que comunga as mesmas idéias, cohesa por um só ideal... Mister frizar, porém, a existencia de diversas modalidades de socialismo; O que tem por fim proteger os fracos sob o ponto de vista moral e material, sem opprimir, sem pretender lesar os fortes, não é 'infecundo', 'tristonho' e 'dissipador' ..."²⁵

Na perspectiva mais estrita do feminismo - de certa forma já referida anteriormente -, realçaremos aqueles as-

pectos que consubstanciavam o eixo central dos discursos. Antes porém, e seguindo o mesmo itinerário da estrutura argumentativa das feministas, vale destacar o que identifica - mos como as duas principais categorias legitimadoras do seu discurso: a historicidade e a universalidade. Via de regra, iniciavam as alocações tentando situar a "questão feminina" no tempo e no espaço, em busca de um passado que revelasse uma posição mais digna das mulheres e de um presente que servisse de referencia positiva para o movimento, em diversas sociedades.

De um modo geral, iam encontrar no "berço" da civilização Ocidental - Grécia, Roma, Egito - exemplos de sociedades onde as mulheres cultivavam o físico, usufruíam de uma formação intelectual fora do lar e auxiliavam os homens nas funções de governo. Entretanto, a tentativa de revelar uma historicidade da condição feminina não chegava a tocar nas questões originais e essenciais em torno da desigualdade dos sexos. Algumas vezes seus argumentos beiravam a ingenuidade. A vice-presidente da União Universitária Feminina e promotora pública, Hermelina Paes, por exemplo, responsabilizava a invasão bárbara e a subsequente decadência de Roma pela introdução "de princípios do Oriente atinentes à opressão da mulher", levando-a a uma posição de inferioridade em relação ao homem.²⁶ Outras vezes denunciava-se o passado e anunciava-se a sua superação: "O feminismo é o brado de revolta inevitável contra o estado de servilismo e de escravidão, de injustiças e humilhações, em que viviam nossas antecessoras."²⁷

Em se tratando de universalidade do feminismo nas sociedades contemporâneas, adotavam como parâmetro principalmente os Estados Unidos. Por essa preferência passava um ideal de identificação num pacto feminista panamericano, que certamente contaria para fortalecer o movimento. Ademais o feminismo americano era tido como melhor sucedido e mais apropriado, porquanto mais pacífico, "sadio" e moralizador do que o inglês. As "sufragettes" inglesas eram tidas como mulheres radicais, masculinizadas e responsáveis por um feminismo "errado".²⁸

No artigo de Lili Tosta "O feminismo nos Estados Unidos", vamos encontrar esse discurso típico: informava acerca do 1º Congresso Feminista realizado naquele país em 1848 e da participação das mulheres na campanha abolicionista. Em seguida, apresentava um histórico completo das conquistas eleitorais desde 1869, a partir de quando, adverte a autora, as mulheres "votaram até nas eleições presidenciais e apesar disto a nação americana se tornou a la. nação do mundo...! Logo a interferência feminista não foi funesta como diziam os antifeministas". Após expor as reivindicações da mulher brasileira relativas à educação e à participação política, assim concluía: "É universal o movimento de ressurreição da mulher. A nossa Bahia, gloriosa e pacata há muito lhe vem sentindo as influências".²⁹ Assim estava feita a conexão Salvador-New York.

O superenfaticado caráter internacional do movimento foi sem dúvida um importante suporte para as feministas bra-

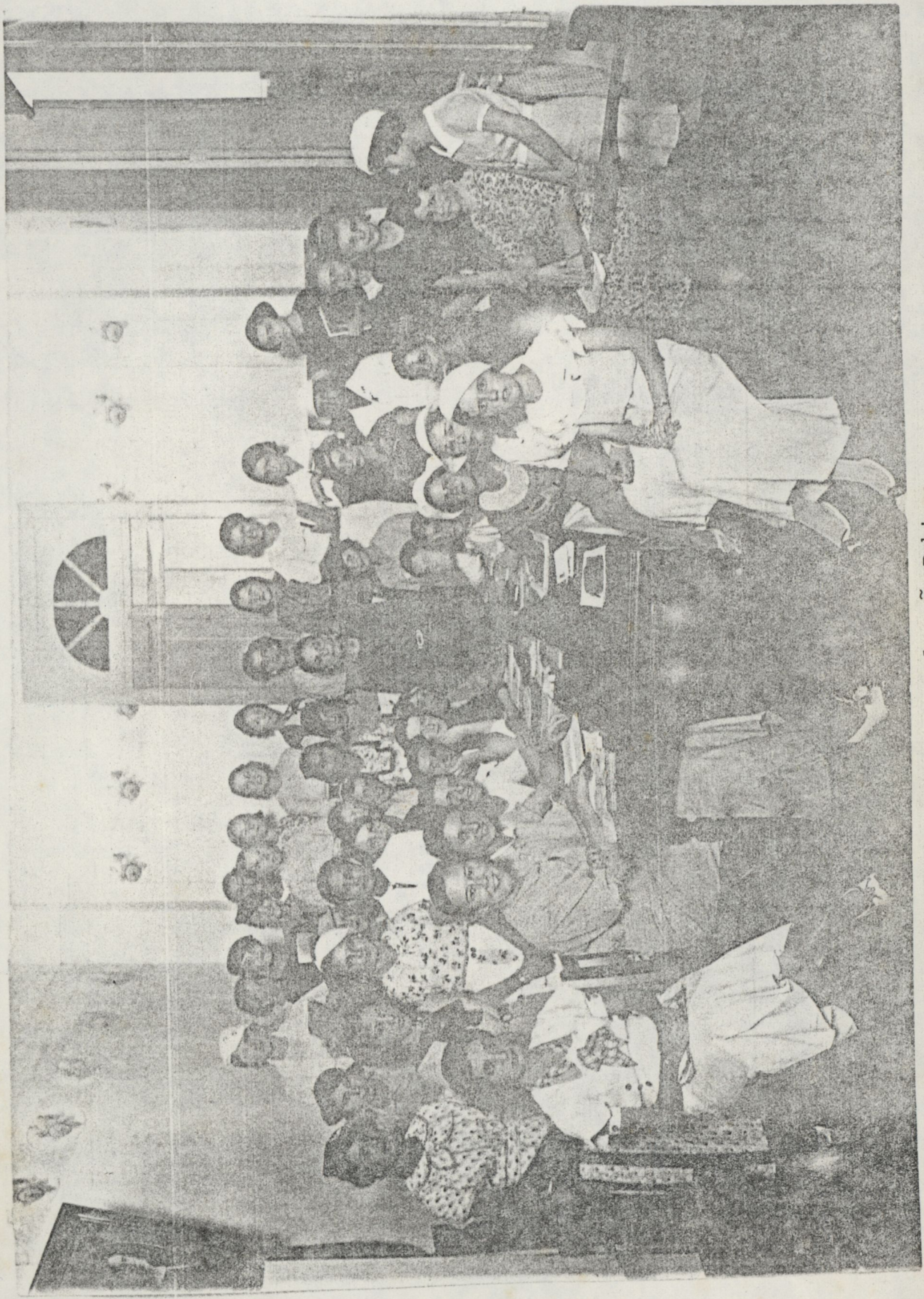
sileiras. Frequentemente os artigos noticiavam sobre os direitos civis e políticos da mulher nos países mais avançados do mundo ocidental. A qualificação de "mais avançados" era pontual: Nada mais acertado para sensibilizar um país ansioso pelo progresso e pelo destaque e com uma elite de mentalidade colonizada.

Para definirem o feminismo, as mulheres antes precisavam tornar bem claro o que não era feminismo. Forma estratégica de estruturar o discurso, destinada a quebrar logo de início as resistências do leitor e, inclusive, de responder às objeções e críticas ao movimento. Feminismo não seria "masculinização", "guerra ao homem", "abolição do casamento", "abolição da maternidade", "negação do próprio sexo", etc. Carmem Lins Coelho, exprimia o que pensava entenderem alguns por feminista: "Este tipo de mulher — homem de andar deselegante e formas másculas que ponga aos bondes e tem as chaves da casa, que governa o marido e traz sempre aos lábios um cigarro aceso..."

E levantava outros aspectos do que considerava não ser feminismo:

Não é um grupo de senhoras desocupadas que se reúnem para discutir política e planejam o melhor meio de ascensão a cargos públicos... não é um movimento de burguesas esquecidas de mulheres de outras camadas sociais, preocupadas com os seus próprios interesses ou com o prestígio político social que possam gozar.³⁰

Após muitos esclarecimentos, chegavam a uma definição positiva do que seria o feminismo baiano, cuja idéia mais



Edith Mendes Gama Abreu (ao centro) e alunas da Federação Bahiana.

completa pode ser bem ilustrada por esse discurso da presidente da Federação:

O feminismo é o problema da justiça em solução e o ideal da benemerencia em actividade, que elle procura resolver a questão da mulher pela igualdade de direito, baseando-se na equivalencia dos sexos. Como a mulher não poderá compreender os seus próprios direitos se não tiver o espirito formado pela cultura intellectual e o coração pela cultura moral, não só a moral brasileira que faz com que ella seja honesta para com o seu marido e seus filhos, mas a moral baseada na justiça..."³¹

(É interessante, verdadeiro e ainda atual que a moral brasileira prescindia de ideais de justiça.)

Afora os temas mais gerais do feminismo, como vimos anteriormente, ligados as questões — também gerais — de pacificação nacional, progresso, reforma social, etc., dois foram os objetivos norteadores da campanha mais especificamente relativos a condição feminina: a igualdade de direitos políticos entre os sexos e a educação. Garantir o acesso das mulheres à instrução foi uma permanente preocupação do movimento a nível nacional. Tanto assim que uma das mais incentivadas associações federadas, a União Universitária Feminina — que contudo não logrou êxito na Bahia —, tinha por fim promover o seu desenvolvimento intelectual. Além disso, os cursos promovidos pela Federação Bahiana constituíram a atividade de maior peso e continuidade no decorrer do movimento.

A instrução era vista como fator de grande importância para a emancipação da mulher e para o progresso do país. As feministas se pautavam em dois pontos: a mulher, mãe e pro-

fessora, é a educadora do homem por excelência, e instruí-la seria o primeiro passo para a reforma da sociedade; que a mulher culta não se distanciaria do doméstico "ideal feminino".

Os pronunciamentos eram enfáticos:

O verdadeiro feminismo é aquelle que elevando mentalmente a mulher, tornando-a colaboradora inestimável nas atividades, quasi, até então de outro sexo, conserva-a delicada sensível e meiga.³²

Eis o delicto do feminismo, meus senhores: despertar na mulher o estímulo pela cultura intelectual para exigir o direito devido a competencia... Não temais por isso a extinção do espírito da família, o declínio do sentimentalismo o arrefecimento do amor. O coração não fica em trevas por estar o cérebro iluminado.³³

A mulher não recusava permanecer fonte geradora de emoção, mas queria ver reconhecido seu direito à inteligência. Queria ser cabeça sem deixar de ser coração.

A líder nacional do movimento, Bertha Lutz, enfatizava tanto a importância sócio-econômica da educação feminina, tendo em vista prepará-la para sua subsistência, como sua contribuição para a elevação do nível cultural da família.³⁴ As feministas baianas parecem ter realçado sobretudo esse último aspecto. Nem a educação era considerada explicitamente como condição essencial para o trabalho, nem o trabalho feminino por si só, outra forte preocupação da Federação Brasileira, foi ponto de destaque do movimento baiano. Apesar de postular a necessidade das mulheres atuarem na esfera pública, não definiram bem o papel do trabalho. Este, quando mencionado, era referido apenas com relação à mulher da classe trabalhadora, como imprescindível para sua sobrevivência.

Isto nos sugere que esse lado da "nova mulher" não tocava diretamente o universo das preocupações de classe de nossas feministas e também ainda não era uma questão emergente na atrasada estrutura econômica baiana.

Mas as preocupações relativas a educação da mulher e a mudança de seu *status*, por um lado, e a manutenção de um *ethos* feminino por outro, sugerem que as feministas enfrentavam o dilema difícil da relação entre igualdade e identidade.

A questão da igualdade, eleita estímulo principal do feminismo, (pelo menos no que se refere a igualdade de direitos), não era nem é uma questão simples. Tsvetan Todorov demonstra essa complexidade, ilustrando-a ao estudar as relações desiguais entre os indígenas mexicanos e os conquistadores espanhóis:

Desde a sua primeira formulação, essa doutrina da desigualdade [que segundo o autor implica numa relação hierárquica, superior/inferior] será combatida por uma outra, que, ao contrário afirma a igualdade de todos os homens... Ora, esse debate não põe em jogo somente a oposição igualdade/desigualdade, mas também aquela entre identidade e diferença; e esta nova oposição, cujos termos não são mais neutros no plano ético do que os da precedente, torna mais difícil julgar as duas posições... A diferença se degrada em desigualdade; a igualdade em identidade; são essas as duas grandes figuras da relação com o outro, que delimitam seu espaço inevitável.³⁵

As feministas baianas oscilavam na objetivação dessa questão. Iguais a quem e em que? Nem sempre a questão da igualdade era colocada nesses termos. A própria palavra igualdade era frequentemente substituída por equidade e equivalência, que soavam mais leves. Ainda assim, na maioria das

vezes, a conotação era bem vaga: feminismo como "compreensão da equidade", "procura de normas sociais mais equitativas", etc. Mas, tornava-se necessário ir esclarecendo, aos poucos o que desejavam: "partilha equitativa de direitos"; ou então a quem se referiam: "equivalencia ao homem mas não igualdade"; até chegarem afinal ao cerne da reivindicação: a igualdade jurídica com os homens, especialmente direitos políticos iguais. Assim elucidada Lili Tosta:

O que desejamos é a igualdade completa do homem e da mulher perante essas mesmas leis que já existem e nos governam... O feminismo é a luta pela reivindicação dos direitos legítimos de cidadania brasileira... Sobre tudo necessita a mulher de sua emancipação... quer não só a igualdade perante a lei, relativamente ao homem, mas também intervir na discussão das leis a cujo império se submeterá tal qual o homem.³⁶

Duas questões essenciais, entretanto, não estavam ao alcance da visão daquelas feministas. A primeira, e por certa miopia social, é que a limitada igualdade arrogada, embora importante, não resolvia a questão da discriminação feminina como acreditavam. O que poderia ter sido percebido e explicitado era a inexistente igualdade entre os sexos, no plano dos valores e práticas sociais, ainda hoje aspecto central da discriminação feminina. A outra parte da questão, decorrente dessa e talvez impossível de ser pensada naquele momento histórico, diz respeito à compreensão de que a desejada igualdade entre mulheres e homens seria, mais do que simples condição para sua emancipação, um resultado do desvendamento dos mecanismos sociais de subordinação feminina e sua conseqüente transformação.

Com uma coisa as feministas não se iludiram. A igualdade que cogitavam não passava pela questão de identidade com o outro, ou seja, não enxergavam no outro o seu ideal de eu. Ao contrário, estavam convictas de sua natureza feminina, diferente daquela do homem. Contudo, o que poderia significar a busca de uma configuração existencial de "ser mulher", dados os limites ideológicos daquele momento, resultou no reforço do modelo feminino estabelecido, que lhes definia certos atributos psicológicos (bondade, doçura, santidade, passividade) e circunscrevia seus papéis na sociedade àqueles de mãe e esposa ou, no máximo, prescrevia a extensão desses papéis ao âmbito público.

Com a Palavra os Homens

A Federação Baiana incluía explicitamente os homens como alvos do processo de conscientização que pretendia desencadear. Num de seus documentos, lê-se:

Seu objetivo essencial é um duplo esclarecimento de consciência: da mulher, para que perceba as injustiças de que é vítima e tenha a nobre coragem de lutar contra ellas...; do homem, para que avance no rumo do aperfeiçoamento social recuando no caminho dos privilégios masculinos³⁷.

As feministas falavam deles num tom que reiterava as diferenças de atributos entre os sexos e chamava à conciliação. Num de seus artigos, Edith Gama Abreu prega a convergência entre o masculino e o feminino:

Chegaste vós, os homens, à superioridade intelectual pela cultura muito mais intensa do cérebro; chegamos nós, as mulheres à superioridade moral pelo amanhã muito mais a-

purado do sentimento. Como a vossa, entretanto é nossa inteligência; como o nosso vosso coração. Subirdes até onde subimos, avançaremos até onde avançastes, aí está uma fórmula social digna...³⁸

Os homens baianos corresponderam às expectativas de participação no debate. Usaram muito da palavra (de atos não sabemos... mas provavelmente bem menos) para se colocarem do lado das mulheres. Suas opiniões eram crivadas pela mesma lógica da ideologia patriarcal assimilada pelas mulheres, ou seja, reservavam primordialmente para elas as clássicas funções de mãe e esposa e um lugar secundário no mundo público. Também falavam praticamente a mesma linguagem que elas, buscando no ideário de referência tomado pelo feminismo e em exemplos de movimentos de outros países — parâmetro de julgamento do brasileiro —, a inspiração e a fundamentação para suas intervenções.

As noções de progresso, cristianismo, patriotismo, etc. foram igualmente empregadas para qualificar o feminismo. Dr. Heitor Prager Frões, médico e marido da também médica Dra. Francisca Prager Frões, presidente da União Universitária Feminina, soube precisar o propósito das mulheres: "O movimento não visa conseguir que a mulher o arremede ou iguale o homem em todas as suas ações; mas aspira a instrução da mulher, a sua liberdade de pensamento e o direito de voto, reunindo-se tudo num grande ideal de patriotismo".³⁹ Um autor não identificado, numa coluna intitulada "Opinião Masculina", também colocava sua taxativa impressão:

O feminismo venceu... A marcha natural de nossa sociedade, pela sua inevitável evolu-

ção não podia consentir continuar a mulher naquella injustificável situação de inferioridade... A mulher actual... é um elemento positivo na equação do progresso do país⁴⁰.

A defesa do feminismo recebia fundamentações bem variadas. Na "Página Feminista" de O ESTADO DA BAHIA, Edgard Mata resgata a positividade do feminismo para a reafirmação aberta da dominação masculina. Exorta as mulheres a transformar suas atuais condições de vida "em busca de seu ideal superior, que, vale dizer está no homem, no homem superior, que ella pretende produzir para a humanidade"⁴¹. Já Belfort Saraiva, atribuía um papel mais hegemônico à mulher emancipada:

A regeneração dos nossos costumes, da nossa sociedade, e da nossa política se iniciará quando um novo typo de mulher de vigor moral e intellectual fortes, porque conscientes de sua feminilidade, sahirem dos limites do lar... onde possam com os grandes homens fazer sua obra social e philantrópica⁴².

As associações feministas eram consideradas por muitos homens como "santuários de idéias tranquilizadoras", empenhados em trabalhar pela moral e pelo bem. A Federação Bahiana, em particular, recebia elogios por não ter confundido feminismo com extremismo e por reagir aos planos "bolchevistas" que encontraram guarida em grupos feministas do Rio de Janeiro⁴³.

Entretanto, a peculiaridade principal do discurso masculino era o seu tom prescritivo. Os homens estavam frequentemente definindo o que era e o que não era o bom feminismo. Existia uma disposição em aceitá-lo e apoiá-lo que caminhava junto à necessidade de traçar-lhe os contornos, de dar a re-

ceita. Dois intelectuais, Henrique Cândia e Belfort Saraiva, falam nesse tom:

É marcante a beleza de atitudes com que ellas pontificam como sacerdotizas de um feminismo integral de brasilidade, de elevação espiritual, da família e da comunhão. É este o feminismo que elogia e propaga porque não desloca a mulher da órbita do lar e da pátria para as mysticas sanguinárias do pão e da terra, da liberdade até a licença do amor livre, do eclipse cahótico da alma⁴⁴.

A vós é chegado o momento para fazerdes a vossa revolução... E como ireis fazê-la? Com as armas, com insultos, violencias?... Não sereis propagandistas de um feminismo exaltado, militante, materialista e libertário... Ireis antes fazer a vossa revolução... pregando um feminismo são, sensato, prudente e racional que promova a harmonia complementar dos sexos⁴⁵.

A imprensa não deixava por menos. Numa matéria intitulada "O Bom Feminismo" o Jornal O IMPARCIAL também distinguia os feminismo:

Nem pensem que ha somente o feminismo exagerado, o feminismo intransigente que só comprehende a mulher rival do homem, o sexo frágil concorrente do sexo forte... Nada disso: Há um feminismo melhor comprehendido, que vê a mulher como ella é, de facto, sem pretendidos exageros de pintura que somente conseguem diminuí-la...⁴⁶

Havia quem depositasse excessiva dose de confiança no desempenho de um feminismo "bem orientado". Dois médicos baianos, Heitor Prager Frões e Adolpho Leite, previam que o movimento traria melhorias para a educação dos filhos e a vida conjugal, o amor, a moral e até a reprodução da espécie! Ainda segundo este último, o egoísmo do homem "causador de muitas desgraças sociais, inclusive até certo ponto a prostituição", também poderia ser minimizado com a difusão das idéias femi-

nistas⁴⁷.

Naquilo que o feminismo tocava mais de perto a questão mulher-homem, o discurso masculino, de forma silimar ao das feministas, levantava inúmeras variantes em torno do binômio igualdade-desigualdade. Pregava-se desde a igualdade total, até a mais restrita. Às vezes, parece que se buscava nas diferenças existentes entre os sexos a inevitabilidade da desigualdade. "Não há inferioridade. Há desigualdade. São diferentes suas faculdades intellectuais, as qualidades morais e aspectos físicos. Se há inferioridade intellectual só será possível apreciá-la sob o ponto de vista social"⁴⁸. O autor aproxima-se da clássica posição de complementariedade entre os sexos, embora considere o papel do social na demarcação de certos atributos femininos específicos. Não se dá conta, entretanto, de que há sempre uma implicação hierárquica na condição de desigualdade, como vimos com Todorov.

Já o educador Anísio Teixeira, mesmo desprezando a igualdade de direito entre os sexos e até responsabilizando a pelos desvios e erros iniciais do feminismo, introduzia uma interessante e nova abordagem para a época:

Objetivos e funções podem ser diversos e nem por isso a mulher deixará de ser independente e livre. O que importa é a identidade subjetiva do direito à livre disposição da própria vida e sua livre direção nos moldes que mais convenham ao sexo.

Bonito e desejável caminho, não fossem os fortes condicionamentos sócio-culturais, não considerados pelo autor, que de-

signam o lugar subordinada da mulher na sociedade. Mas a sensibilidade de Anísio Teixeira colocava-o à frente de seus contemporâneos na percepção de um ponto válido, em parte, ainda hoje, para as mulheres que anseiam romper com seu tradicional papel: "perigos novos de ordem física, social e moral passaram a ocorrer com as mulheres, libertas de suas dependências mas desobrigadas de suas proteções"⁴⁹.

Na tentativa de compreender historicamente a condição da mulher, as análises masculinas, em geral, não ultrapassavam rasas constatações. Algumas consideravam o problema feminino como "simplesmente de cultura e não de diferenças fisiológicas"⁵⁰. Outras associavam a "inferioridade" da mulher a outras formas sociais de sujeição, principalmente à escravidão. O advogado, professor e deputado Rogério de Faria, expressava genericamente esse aspecto, num tom de indignação: "Admittir que a fatalidade do sexo implique a liberdade ou sujeição é restaurar na era actual do pensamento uma ideologia esclavagista... A dependencia do homem é uma forma disfarçada de escravidão, que se incrusta nos lindes da hypocrisia social"⁵¹. Já Paiva Sarmiento no seu artigo "A Mulher na História" tentava resgatar, como as feministas, o exemplo de mulheres, em diferentes épocas e culturas, que gozavam de direitos iguais aos dos homens e participavam ativamente da vida pública⁵².

Foi, contudo, sobre o trabalho e a participação política das mulheres, temas que tinham uma maior ressonância no plano da prática social, que os homens mais se detiveram. E tratando desses aspectos, uma constante ressalva: que a inserção da mulher nessas atividades não ocorresse em detrimento de seus deveres de mãe e esposa.

Apesar da aparente boa vontade dispensada ao feminismo, a suposta "invasão" do mercado de trabalho da classe média pelo sexo feminino, área até então de inteiro domínio dos homens, chegava a configurar uma ameaça concreta, e eles foram quase unânimes em oferecer resistências. Uma divertida passagem de um texto de Bastos Tigres ilustra a tão temida "invasão", especialmente no Serviço Público: "é difícil manusear-se um contrato, um ofício, uma portaria que não tenha a ilustrá-la marcas recentes de carmim e batom". Mais adiante o autor diz que não culpava as mulheres, os homens é que precisavam agir, senão a vitória das "saias" se daria em todos os campos de atividade, pois embora elas não fossem superiores, eram mais ativas e perseverantes.⁵³

O fato é que os homens vislumbravam um prenúncio de crise, mas, por outro lado, pressentiam a inevitabilidade da participação feminina no trabalho social mais qualificado. Daí porque a posição mais disseminada era o alerta para a necessidade de regulamentá-la. Aqui também, ceder e aceitar implicavam em definir limites. Dentre as sugestões ventiladas, as que encontravam maior receptividade propunham restringir o campo de trabalho do sexo "frágil" a setores

como escolas primárias, maternidades e hospitais onde a "função pública e social se entrelaçam com o lar no culminante prisma educativo, cívico e humanitário".⁵⁴ Uma outra sugestão, considerando que as mulheres estariam em condição vantajosa em relação aos homens, pretendia que fossem nivelados os deveres entre os sexos, "uma vez que a liberdade de nossa legislação social vigente tende cada dia igualar-lhes os direitos aos do homem". Isto soa como revanche à conquista de alguns direitos, e o autor, responsabilizando o governo de certa forma, cobrava destas medidas tais como "uma credencial obrigatória, análoga ou equivalente à caderneta de reservista do exército" para as mulheres.⁵⁵ Já que a mulher podia livremente trabalhar e votar, devia também guerrear. Existiam ainda posições mais conservadoras e classistas, que defendiam o trabalho da mulher fora do lar apenas quando fosse imprescindível para sua manutenção.

No que se refere à participação feminina na esfera política, os adeptos do feminismo eram normalmente favoráveis, e sem restrições, tanto a sua condição de eleitoras como de elegíveis. O argumento de defesa levantava várias razões: a mulher era grande colaboradora do homem e portanto confiável; ela tinha direito à individualidade (desde que não perdesse os atributos naturais do sexo); Moniz Sodré, chega a ver o sexo feminino como portador de qualidades apropriadas para a política — "maior clarividência, percepção rápida e intuitiva, maior ardor e sinceridade" — e de virtudes em que se estéia a "verdadeira política": "Ellas representam a mais

elevada expressão do gênio do sacrifício e do espírito de abnegação..."⁵⁶

Encontramos defesas ainda mais extremadas da atuação política da mulher, só que, para "avançar" tanto, a elaboração masculina sugere uma inusitada operação de resgate da "natureza" feminina. É o que nos revela Alvaro de Carvalho, em artigo com o sugestivo título de "O Homem". Lembra o momento de dificuldades do país e diz que para salvá-lo "Só há um homem... que é uma mulher!" Mais adiante declara estar farto dos homens, de suas imperfeições e erros, e conclui:

O de que o Brasil mais precisa é de uma boa dona de casa, que lembre ordem, asseio, tudo nos seus logares, por entre a cor e o perfume das flores... e, como dona de casa não há homem... que se compare com a previdência, a pertinência e a meticulosa organização feminina... com essa vocação inveterada de heroína e mártir, só a mulher terá heroísmo bastante para o martírio de governar o Brasil. Somente uma mulher poderá ser o 'homem' deste paiz!⁵⁷

Interessante lógica... os homens não deram certo dado sua natureza; a mulher põe "sua mística" a serviço de um papel masculino — a função de governo. Assim poder-se-ia chegar a igualdade dos termos.

Principais Críticas ao Feminismo

Foram poucas as críticas ao feminismo. Raras foram as mulheres não militantes que falaram publicamente sobre a questão, e as que o fizeram, a exemplo de Laudelina Figuei-

redo, deixaram transparecer sua radical aversão:

Penso que a mulher não nasceu para principalmente comandar exércitos, para administrar justiça, nem para governar Estados! TRABALHAR PELA GRANDEZA DA PÁTRIA E FELICIDADE DA FAMÍLIA SIM! Nada haverá de mais sublime... seu destino natural é na família... E-mancipação! Será isto no meu modo de pensar attingir as raias da política administrativa, da lucta physica, da hypocrisia... da inveja, da ambição do poder?! Creio que não.⁵⁸

Podemos observar na fala de Laudelina uma polarização dos papéis feminino e masculino e seus correspondentes mundos privado e público; o primeiro, representado pela família, é visto positivamente; o segundo, representado pela política, é a expressão máxima da negatividade.

Não surpreende que foi de mulheres muito religiosas que proveio uma campanha anti-feminista mais acirrada. Bertha Lutz, a líder nacional, e Maria Luíza Bittencourt, representante local, tornaram-se os principais alvos de crítica dessas baianas. A médica Carmen Mesquita certamente traduziu com fidelidade a opinião corrente no meio católico feminino:

Para gáudio da mulher baiana que não se diz feminista, mas, que, se torna capaz de exercer todos os direitos civis e políticos dentro das normas de um povo cathólico, a Dra. Bertha Lutz deixou bem claro os pontos de vista defendidos pela Associação pelo Progresso Feminino. Defendem a moral sem Deus e a Religião Positivista de Augusto Comte, se podemos chamar religião, ou melhor, o conceito agnóstico... as feministas não emprestam o calor de seu applauso às reivindicações oportunas dos cathólicos, que estão a servir de baluarte contra o perigo máximo — o comunismo...

... as Sras. Cathólicas Brasileiras pela sua quase totalidade não lhe podem dar apoio, pois participam daquelle feminismo sadio de que nos fala Crevoisier... Ellas estão identificadas na sua missão e não pretendem galgar as posições de honra nas sociedades civis ou políticas.

... Sras. Feministas, o nosso feminismo se distancia do vosso, porque busca preparar a mulher para o ideal de que nos fala Spencer — para a vida completa. Não basta a mulher política — a mulher cidadã. Cumpre-nos exaltá-la até a perfeição-Deus.⁵⁹

Uma outra crítica feminina, de origem não identificada, dizia que o feminismo baiano, "tem sofrido a preponderante influência de doutrinas e sentimentos que não são absolutamente representativas das convicções da mulher baiana". O recado era declaradamente para Maria Luíza, repudiando sua vitória na Assembléia Legislativa e acusando-a de atêia por ter votado contra um projeto que pretendia oficializar o ensino religioso nas escolas. A autora termina conclamando as mulheres a ingressarem nas "fileiras do verdadeiro feminismo que são as Ligas de Ação Cathólica".⁶⁰

Se foi entre os homens que as feministas encontravam seus mais fortes aliados, foi também entre eles que apareceram os mais ferrenhos adversários do movimento. As objeções mais representativas levantavam-se também contra Bertha Lutz e Maria Luíza Bittencourt, numa defesa mais secular da ordem social e da ordem masculina. As acusações a Bertha não eram nada elegantes, nem sutis. Júlio de Magalhães, por exemplo, taxava-a de "simuladora" e "desleal"⁶¹ e Heitor Lima de "trahidora dos ideais da mulher brasileira, pois fez do seu 'suposto feminismo' uma escada para galgar posições". Este

último, em matéria intitulada "Feminismo ou Burla", assim entendia o feminismo da Federação:

... é um feminismo cauteloso e trapaceiro que não quer comprometer-se porque deseja lucrar e vive de mystificações... começou pelo fim, mas esse fim daria lucro imediato; começou pelo voto... realizam obra negativa, porque fazem supor que o feminismo consiste em atascar a mulher aos mesmos vícios e erros que caracterizavam os manejos masculinos, rebaixando ao nível que os homens tem descido.

A baiana Maria Luíza seria igualmente atingida pelo mordaz Heitor Lima:

É acto de elementar justiça assignalar como figura das mais assanhadas desse ajuntamento uma graciosa mocinha de nome Maria Luíza Bitencourt, prodigioso papagaio de quitanda, capaz de falar cinco horas a fio, sem dizer nada que se aproveite.

Ainda no mesmo artigo apresentava sua alternativa ao que rotulava o "idiota decálogo feminista" (ver apêndice) lançado durante a Convenção aqui na Bahia:

Sabe a Sra. Bertha, que pertence ao genero neutro e é assim incapaz de compreender a alma feminina o que a mulher deseja? Eis aqui:

- 1 - Ser feliz pelo amor
- 2 - Sentir-se independente no lar
- 3 - Ter garantias economicas

E sabe qual o dever da mulher? Eis aqui:

- 1 - Educar os filhos no culto a mulher
- 2 - Dar aos filhos uma educação que lhe garanta a independencia
- 3 - Repellir o homem que não se mostrar digno de seu affecto.⁶²

Se por um lado o movimento baiano era taxado de aristocrático pelo seu distanciamento das mulheres de camadas sociais mais baixas, por outro, havia quem o associasse ao socialismo, o que se dava mais frequentemente. Orlando Ribeiro toma o feminismo como um dos aspectos do socialismo, "com

o rótulo pomposo e sugestivo de empreendimento meritório. Assim sendo tudo que trespassa a 'soviet' é infecundo e dissipador". O que mais temia, caso o movimento vingasse, eram os abalos na "sagrada instituição da família". Entrando no mérito da questão feminina, e portanto naquilo que ameaçava o mundo masculino, o mesmo autor dizia não ver inferioridade intelectual e moral na mulher nem ser defensor de sua "incultura", e esclarecia:

Somos apenas um revoltado contra o deslocamento forçado a que se pretende expô-la, sem se attentar no veemente protesto de factores vários de ordem moral, religiosa, psicológica e sobretudo biológica. É o próprio organismo da mulher e a finalidade da função que lhe são próprias as maiores barreiras a vencer... A grandeza da mulher não descansa na rigidez do músculo nem tampouco nos lampejos da intelligencia; se acalenta ao sol das expansões beatíficas dos sentimentos e se alcañadora na ternura do coração.

No final de seu artigo, Ribeiro reforçava seu prognóstico inicial de que o feminismo estaria fadado ao insucesso e com ele decairia a própria mulher: "fatalmente ele mesmo virá a ser o túmulo da omnipotencia discreta que a mulher vem desfructando..."⁶³. A idéia subjacente parece ser esta: elas já eram fortes, estavam seguras, que mais queriam?

Dentro desse mesmo enfoque, Benedicto Cardoso qualifica va de infame a "ideologia feminista" e considerava-a um "collário forçado do socialismo". Ao mesmo tempo, expressava um ressentimento ou sentimento anti-mulher, também presente na fala de outros homens:

A mulher quer ter direitos iguais aos dos homens. Já não lhe basta sua autonomia affectiva, o agir sorratamente sobre a vida in-

teira de um homem, em troca de uma moeda maior que ella mesma... Os exageros das doutrinas socialistas querem mais para a mulher. Querem o amor livre. Querem a extinção do matrimonio como processo imoral da união entre os sexos!

O autor investe contra os "anarchistas radicais" como Mira-beau e J. Novicow, citando trechos dos mesmos contra a monogamia e a favor do amor livre. Em contraposição, menciona autores que atribuíam o declínio de algumas civilizações à desmoralização do casamento. E termina caindo na clássica defesa da "mística":

A mulher, a esposa afectuosa, a mãe amantíssima, a irmã estremecida, deixa de ser tudo isto, para, em prejuízo de suas tendencias naturais, de sua missão quase divina na terra ser o elemento esterelizador das sociedades... A vida dessas sociedades acha-se assim, na iminencia de um grande perigo... a decadencia da maternidade... resultado lógico das tendencias anarchicas dos pregadores do feminismo.⁶⁴

Fica bem claro nesse artigo a perene preocupação com a função reprodutiva da mulher, dimensão que os homens pouco poderiam controlar.

Outras vezes os homens dirigiam sua indignação para um raso ataque à figura feminina, ou então expressavam a visão mais corrente do anti-feminismo, a que o identificava com "masculinismo". No primeiro caso, Haquino Tapajós foi o porta voz mais extremado da misoginia:

O feminismo não nega ser dirigido por mulheres pois falta-lhe base, vigor e beleza... O movimento teria vida precária não fosse o arrojo das mulheres. De par com o arrojo está a feiura... Dá a entender mesmo que se trata de um movimento de despeito... a 'deblaque' [sic] que se avizinha não repousa

nos postulados do movimento... A falencia do feminismo está no horrível de suas representantes.⁶⁵

Quanto ao "masculinismo", Bastos Tigre parecia irracionalmente recear uma possível transmutação biológica: "A mulher vae adquirindo cérebro de homem, alma de homem, caráter de homem, coisas que não se afeiçoam as formas externas e muito menos a organização interna da mulher, a mais bella porção da humanidade". O Sr. Tigre atribuia a instrução feminina, dada através dos mesmos métodos adotados para os homens, a causa de sua masculinização e propunha um programa especial de estudos onde:

... uma senhorita terá todos os elementos senão para conquistar a glória, para fazer a conquista de um bom marido. Não chegará talvez a ter assento na câmara, como 'pae da pátria' mas será em sua casa uma excelente mãe de filhos e na sociedade um ornamento brilhantissimamente feminino.⁶⁶

Todas essas críticas tinham como contraponto o culto à mulher. Culto que pressupunha sua "natureza específica" e que se destinava a afastá-la de tudo que pudesse vir a ameaçar seu costumeiro lugar na família e no mundo. As mulheres em geral maldiziam o feminismo em nome dos princípios cristãos, e os homens em nome da ciência e da (ir)razão.

N O T A S

1. A predominância de médicos certamente liga-se ao fato de que muito do debate feminista da época passava pelo campo da biologia. Questões relativas a fragilidade física e tamanho do cérebro da mulher, por exemplo, eram frequentemente levantadas.
2. Haquira Osakabe, Argumentação e Discurso Político, São Paulo, 1979, p. 91.
3. Jornal baiano da época já resenhava o livro de Kollontai, "A Mulher e a Nova Moral Sexual".
4. A "mística feminina", conceito inaugurado por Betty Friedan, diz respeito a produção pelas sociedades capitalistas, de certas racionalizações a partir da função reprodutora da mulher, destinadas a legitimar a desigualdade entre os sexos, apesar da sua lógica aparentemente igualitária. A "fragilidade física" e o "natural destino de mãe", passam a configurar um ideal feminino, onde os atributos de passividade, bondade, emoção, limitada capacidade intelectual, etc., lhe são intrínsecos ou melhor "naturais". Ideal que coloca a mulher no estratégico papel de reprodutora das desigualdades sociais e no qual se assenta a ideologia patriarcal, responsável por mantê-la subordinada ao homem. (Para um maior aprofundamento da questão da desigualdade feminina na sociedade burguesa, ver o excelente trabalho de Verena Stolcke, Mulheres e Trabalho, Estudos CEBRAP (26), 1980, pp. 81-117.)
5. O Imparcial, 14.04.1931 e FBPF/CRJ.
6. Sobre as origens e dimensão desse aspecto da "sacralização" ver Luis Tarlei de Aração, Em Nome da Mãe in Perspectivas Antropológicas da Mulher Nº 3, Rio de Janeiro, 1983, pp. 117-125. E Saffioti, A Mulher na Sociedade de Classes, pp. 90-105, faz um minucioso apanhado da posição feminina segundo o corpo doutrinário da Igreja.
7. Edith G. Abreu, in Diário da Bahia, 04.04.1931. No artigo intitulado "Feminismo e Espírito Religioso", esclarece que "uma vez que as normas da moral sejam respeitadas (e a moral brasileira é a moral cristã) não há razões para querer-se de alguém que deseje operar uma associação de finalidade cívica o título de sua fé religiosa".
8. FBPF/CRJ., (O Imparcial, 04.1932).
9. Osakabe, Argumentação e Discurso Político, p. 84.
10. Soihet, "Bertha Lutz e a Ascensão Social da Mulher", p. 58

11. Lili Tosta in O Imparcial, 02.05.1931
12. Diário da Bahia, 09.04.1931.
13. Diário da Bahia, 21.04.1931.
14. FBPF/CRJ, (Lili Tosta, "Feminismo e Religião").
15. Diário de Notícias, 11.04.1931 e O Imparcial, 02.05.1931.
16. Lili Tosta in Diário da Bahia, 09.04.1931.
17. Edith G. Abreu in O Imparcial, 11.04.1931.
18. Edith G. Abreu in O Estado da Bahia, 31.12.1936, "Página Feminista".
19. FBPF, Livro de Atas, 09.04.1938.
20. FBPF, Publicação nº 2, AEGA.
21. Edith G. Abreu in A Tarde, 05.12.1935.
22. FBPF, Livro de Atas, 09.04.1938
23. Lili Tosta in Diário da Bahia, 09.03.1932.
24. Lili Tosta in Diário da Bahia, 16.12.1931.
25. Diário da Bahia, 21.04.1931.
26. O Imparcial, 19.04.1931.
27. Carmen Lins Coelho in O Estado da Bahia, 03.12.1936. Carmen era integrante da ala moça da FBPF.
28. FBPF/CRJ, (Lili Tosta, "A feminista não é nem quer ser masculinizada", 1931).
29. Lili Tosta in O Imparcial, 02.05.1931. Grifo nosso.
30. Carmen Lins Coelho in O Estado da Bahia, 03.12.1936, "Página Feminista".
31. FBPF, Livro de Atas, 28.04.1937.
32. Lili Lages in Diário da Bahia, 21.04.1931.
33. Edith G. Abreu in O Imparcial, 24.04.1931.
34. Soihet, "Bertha Lutz e a Ascensão Social da Mulher", pp. 32-33.

35. Tzvetan Todorov, A Conquista da América — a questão do outro, São Paulo, 1983, p. 143.
36. Lili Tosta, in Diário da Bahia, 16.12.1931.
37. FBPF, Publicação nº 2, AEGA, p. 4.
38. FBPF/CRJ, (Edith G. Abreu, O Imparcial, 04.1932, "Feminismo, Família, Sociedade e Religião").
39. FBPF/CRJ, (Heitor Prager Frões, "A iniciativa da mulher baiana").
40. O Estado da Bahia, 09.02.1935.
41. Edgard Mata in O Estado da Bahia, 03.12.1936. Mata era um famoso advogado do júri, na época.
42. Belfort Saraiva in Diário de Notícias, 30.06.1931.
43. FBPF/CRJ, ("Feminismo e Extremismo").
44. FBPF/CRJ, (Henrique Cândia, "Minha impressão do feminis mo.) Cândia era jornalista de "A Tarde" e inaugurou a crônica social com o pseudônimo de Maria Lúcia.
45. FBPF/CRJ, (Belfort Saraiva, "O feminismo na família").
46. O Imparcial, 15.08.1935.
47. FBPF/CRJ, (Heitor Prager Frões, "A iniciativa da mulher baiana") e Adolpho Leite in Diário de Notícias, 29.04.1931.
48. FBPF/CRJ, (Álvaro de Alencastro, "Feminismo") Alencastro era Coronel do Exército e autor de inúmeros artigos sobre o tema.
49. Anísio Teixeira in Cidade do Salvador, 20.05.1935.
50. Carlos Chiacchio in O Estado da Bahia, 09.02.1937.
51. FBPF/CRJ, (Rogério de Faria, "O Direito da Mulher").
52. O Imparcial, 28.07.1934.
53. FBPF/CRJ, (Bastos Tigre, "A guerra dos Sexos").
54. FBPF/CRJ, (Negreiro Falcão, "Problema da Atualidade") Falcão era advogado e ex-deputado pela Bahia na época.
55. FBPF/CRJ, (Enéas Torreão da Costa, "As mulheres nos cargos públicos".) Costa era médico e boêmio.

56. Moniz Sodré in Diário da Bahia, 22.03.1931.
57. FBPF/CRJ, (Álvaro de Carvalho, professor da Faculdade de Medicina).
58. Diário da Bahia, 27.05.1931.
59. O Imparcial, 02.09.1934.
60. FBPF/CRJ, ("Educação Sexual - Representação Política - Atheísmo").
61. O Imparcial, 18.10.34 e 08.11.34.
62. O Imparcial, 04.10.1934.
63. Diário de Notícias, 15.04.1931.
64. Diário de Notícias, 06.04.1931. É interessante uma citação que o autor atribui a Mirabeau: "Parece monstruoso, um crime de lesa humanidade o matrimônio que entrega as infecundas baixesas de um só homem, as admiráveis fecundidades da mulher!"
65. FBPF/CRJ, (Haquino Tapajós, "A falencia do feminismo").
66. O Imparcial, 07.06.37.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância maior do feminismo dos anos 30 na Bahia não reside em sua dimensão de movimento reivindicatório. Reside no fato de ter inaugurado um espaço para a difusão de idéias sobre a mulher, em ter tornado a mulher ativista, "a nova mulher", em assunto de jornal. Idéias que certamente abriram caminho para que as mulheres se tornassem membros ativos da sociedade, com acesso a alguns direitos elementares, antes reservados aos homens apenas — a exemplo da instrução e do exercício de uma atividade profissional. Mas idéias que não acenaram como perspectivas de mudança nas relações assimétricas e hierárquicas entre os sexos. Isso se reflete no papel atribuído aos homens pelas feministas. Muito embora na mira dessas mulheres, eles figuravam principalmente como importantes avalistas para a causa que defendiam. Quase nunca eram questionados enquanto agentes e beneficiários da discriminação feminina.

O ideário do feminismo baiano, apesar do cunho mais conservador e cristão, não se diferenciava muito daquele da Federação Brasileira no Rio de Janeiro. O que se buscava com esse feminismo era a integração não subordinada das mulheres na sociedade. Uma sociedade onde as questões de cidadania, despertada pelos princípios do liberalismo e

da participação feminina no processo de trabalho do capitalismo estavam em pauta.

Assim, a "questão feminina" surge com a "questão social", embora sem a força e a potencialidade subversiva desta tal como expressa em greves como as de 1917 e a formação de um sindicalismo militante.

Se por um lado o exercício de atividades políticas e profissionais por parte das mulheres significava uma ruptura com o status quo feminino, supostamente ameaçando a forma tradicional de seu desempenho no papel de mãe e esposa, por outro, a "nova mulher" terminaria sendo absorvida com certa tranquilidade pelas práticas sociais predominantes.

As causas que sustentam a discriminação feminina, as-sentadas sobretudo na família patriarcal e no sistema de re-produção vigente na sociedade capitalista, escapavam às feministas de então. Elas batalharam muito, mas contra os aspectos socialmente mais evidentes dessa discriminação. (Não é que idéias mais avançadas inexistissem. Maria Lacerda de Moura, por exemplo, contemporânea das feministas da FBPF, já expunha propostas de mudança mais radical da condição feminina, tocando em questões da família, do amor, da moral sexual vigente, da relação da mulher com o seu corpo, etc.).

Esse escopo ideológico do movimento tendia a encerrá-lo numa dada classe, a reduzi-lo a integrantes pertencentes a um universo de mulheres instruídas e quase sempre profissionalizadas ou bem casadas. Na Bahia, enquanto as mulheres na sua maioria eram negras e pobres as integrantes da FBPF

eram mulheres de elite e brancas.

Entretanto, se as feministas não puderam avançar muito no campo ideológico, é inegável sua contribuição no plano normativo da sociedade. Muitas das reivindicações por direitos políticos, civis e trabalhistas que visavam beneficiar o sexo feminino ainda são válidas para o feminismo de hoje. Muitas de suas conquistas, notadamente o voto, significaram um largo passo na caminhada pela emancipação da mulher. Só para termos uma idéia do salto que representou suas propostas, desde a Constituição de 1934, quando ficaram assegurados o princípio de igualdade entre os sexos, o direito ao voto e a proteção à trabalhadora, não houve praticamente nenhum avanço na legislação relativa ao sexo feminino até 1962 — data em que houve modificações no Código Civil, ampliando os direitos da mulher casada.

Pode-se talvez dizer que o **status** jurídico da mulher na década de 1930 terminou por ficar além das práticas sociais quanto aos papéis e comportamento femininos. Atualmente esta não correspondência se dá de forma inversa: as leis não têm acompanhado as crescentes mudanças da posição da mulher na sociedade.

No que se refere à estratégia de ação nacional, as feministas contaram com o beneplácito governamental para o encaminhamento de propostas através de políticas públicas (o que nos faz lembrar os recém-criados Conselhos da Condição Feminina nas esferas federal, estadual e municipal). Embora não tenham conseguido participar diretamente da estrutura

executiva do governo — como pretendiam com a criação de Departamentos Femininos em diversos órgãos — e raras foram as que ocuparam cargos legislativos, as feministas estiveram sempre muito próximas do poder. Sua condição de classe e o comprometimento que tinham com a elite dirigente facilitaram sobremodo a obtenção de algumas conquistas.

Sabemos que a Federação Bahiana não esteve à frente do movimento nacional. Mas apesar do limitado número do seu quadro de associadas atuantes e da distância que a separava do centro irradiador e decisório da campanha feminista, a Federação fez o possível para se integrar a ele.

As lideranças do movimento baiano estavam preocupadas principalmente com a educação e a participação política da mulher. Neste sentido, as candidaturas femininas a cargos políticos angariaram maior atenção da FBPF e certamente tiveram alguma repercussão na cidade. Já o impacto da conquista do sufrágio feminino, e também de garantias trabalhistas, foi de efeito menor para a sociedade baiana. Vivendo num meio social de costumes mais tradicionais, onde era incipiente o processo de industrialização, as baianas não se interessaram muito por essas medidas. A instrução feminina, por sua vez, incentivada diretamente pela FBPF através dos diversos cursos que oferecia, foi importante canal de contato com um contingente mais amplo de mulheres, despertando-as para a necessidade de se "elevarem culturalmente", como propalavam.

Finalmente, vale ressaltar que o feminismo dos anos 20 e 30 foi a voz das mulheres pelos seus direitos e pela sua

emancipação num momento em que a sociedade brasileira experimentava importantes mudanças, com a emergência de diversos segmentos sociais.

Foi também um movimento inovador. As mulheres foram feministas dentro do espaço que historicamente puderam dispor no Brasil e Bahia da época e dentro dos limites colocados por sua posição social. Enfim dentro do horizonte ideológico que lhes era possível.

Hoje, continua a tentativa de viver a igualdade na diferença.

APÊNDICE 1

"Cerimonial Visual e Auditivo da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino". Este material integra o arquivo pessoal de Edith Mendes Gama Abreu.

Cerimonial Visual

O symbolismo visual será interpretado pelo symbolo, o Pavilhão, as Flamulas, os Distintivos, as Cores e a Flor.

O SYMBOLO representará a synthese do pensamento e da acção. Será objectivado em escultura e collocado em lugar de honra na sêde social, podendo ser reproduzido para as filiaes.

O PAVILHÃO, nas cores rituaes, trará inscripto o lemma "VIRIBUS UNITIS". Será collocado atraz da mesa da presidencia, nas sessões solemnes, campanhas ou convenções.

Poderá ser conferido às filiaes, a titulo de distinção honrosa, o direito ao do pavilhão pela Diretoria Nacional da Federação.

As FLAMULAS serão em numero de 9 - sendo 8 menores e 1 maior. A maior terá o lemma IDEAL, circumdado das palavras: Sabedoria, Justiça, Paz e Belleza e as menores terão as palavras symbolicas dos 8 departamentos que são:

Relações Interiores	Disciplina
Relações Exteriores	Serenidade
Acção Politica	Tolerancia
Acção Legislativa	Perseverança
Acção Cultural	Cultura
Acção Economico-Social	Prudencia
Propaganda	Energia
Finanças	Coragem

Essas flamulas serão afixadas na sêde social, quer na Capital quer nos Estados e desfraldadas ao vento por occasião das bandeiras e excursões.

O DISTINTIVO trará as iniciaes da F.B.P.F. e o symbolo, sendo usado pelas dirigentes, as cooperadoras voluntárias, as socias contribuintes e as pessoas a quem fôr conferido como distinção, por serviços de excepcional valor.

As CÔRES serão laranja e preto e serão usadas em todo o material decorativo e nas publicações.

A FLOR será a Calendula (Malmequer) ou outra flor alaranjada, segundo a epocha do anno, por exemplo: a trepadeira de S. João.

Cerimonial Auditivo

O Cerimonial Auditivo será composto de Credo, do Compromisso de Acção, do Decalogo e do Hymno.

O CREDO e o DECALOGO serão lidos e assignados na occasião do ingresso no corpo activo e social da Federação.

O COMPROMISSO DE ACCÇÃO que incluye a formula synthetica será prestado pelas dirigentes e cooperadoras voluntárias, sendo lida tambem a PROFISSÃO DE FÉ. O compromisso das Directoras Nacionaes, será prestado perante a leader com solemnidade e o desta, perante aquellas reunidas.

O das presidentes estaduaes diante das Directoras reunidas e o destas perante a Presidente Estadual.

O das cooperadoras voluntarias, perante as respectivas Directoras, sempre após um periodo de tirocinio.

O HYMNO será cantado no final das Secções solemnes, na abertura e encerramento das Convenções.

C R E D O

Creio sincera e inabalavelmente
que todos os direitos são iguaes;
que denegar direitos em virtude
do sexo differente, é com certeza,
ã metade do povo desta Terra
recusar a justiça elementar.

Creio que este reinado de equidade
completa, só virá para a Mulher,
quando este lemma: "Ergue-te e caminha!"
for a mola central do seu viver;
que seus direitos só serão guardados,
que outros, mais amplos, so conquistarão,
se bem conhesas forem suas vistas,
e se completa fôr sua união.

Creio que o movimento feminino,
 é para nós o da emancipação
 economica; á força do trabalho
 intellectual; á clara voz do estudo,
 collectiva: ampliando o nosso esforço,
 do governo também participando,
 collaborando no fazer das leis.

Creio que a cada um dos seus Direitos
 corresponde um Dever para a Mulher:
 A Ela, que é fonte e guardiã da vida
 cabe a missão formosa e maternal
 de velar pelo bem da Humanidade,
 pelo equilibrio, pela perfeição
 das relações dos homens no Universo
 pela Paz e harmonia das nações.

DECALOGO

- 1º - Exercer seus direitos politicos e cumprir seus deveres civicos.
- 2º - Interessar-se pelas questões publicas nacionaes e internacionaes.
- 3º - Ter occupação util á sociedade.
- 4º - Alistar-se e votar.
- 5º - Votar consciante e criteriosamente.
- 6º - Não entregar seu titulo eleitoral á ninguem.
- 7º - Dedicar-se ao movimento feminino, crente do triumpho de seus ideaes.
- 8º - Votar somente em quem fôr favoravel á causa da mulher.
- 9º - Bater-se pela conquista e pleno exercicio de seus direitos sociaes e politicos.
- 10º - Trabalhar pelo aperfeiçoamento moral, intellectual, social e civico da mulher.

COMPROMISSO DE ACÇÃO

Eu,..... prometto acceitar o Decalogo do movimento feminino; tomar como directriz a emancipação intellectual, pelo estudo; economica, pelo trabalho; a juridica, pela participação da mulher no governo, na legislação e na justiça, baseada no principio de valor igual entre os sexos; contribuir para o seu exito cumprindo os deveres livremente assumidos como..... da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

PROFISSÃO DE FÉ

E dentro deste Credo, eu aqui faço, minha sincera PROFISSÃO DE FÉ tomando este solemne compromisso.

EMANCIPAR-ME eu mesmo e procurar cooperar nesta emancipação das irmãs do meu sexo feminino pelo trabalho que nos dignifica, pelo estudo que rasga ao nosso espirito perspectivas immensas, luminosas, pela directa participação do movimento feminino de hoje dentro da esphera a mim delimitada.

MANTER a dignidade feminina no padrão elevado que puder sem esquecer que todos os meus actos irão, de certo, todos reflectir no conceito geral em que se tenha

A MULHER

USUFRRIR dignamente os meus Direitos
e bem desempenhar
qualquer dos postos publicos que um dia
circunstancias talvez me venham a dar,
não para o gozo meu egoista e exclusivo
mas para o beneficio
de toda a Humanidade e da Mulher

CULTUAR em mim mesma
no ambiente que me cerca projectar
as qualidades de que necessito
para as humanas relações. no mundo
poder aperfeiçoar,
a coragem unida á tolerancia
a prudencia, a cultura, a disciplina
a energia, a exemplar serenidade
a firme e singular perseverança
na busca de IDEAL para a Mulher

MANTER eternamente a chamma viva
deste puro ideal
cujo symbolo é a synthese sincera
da eterna aspiração
as luzes claras da SABEDORIA
ao culto da BELLEZA e da JUSTIÇA
e ao triumpho da PAZ

APÊNDICE 2

Neste apêndice reproduzimos uma enquete realizada pelo jornal .A TARDE com algumas feministas baianas por ocasião da fundação da FBPF em abril/maio de 1931 e publicada numa coluna intitulada "A Tribuna Feminista". Este material encontra-se entre os papéis da Federação Bahiana pelo Progresso Feminino, no Arquivo da Academia de Letras da Bahia.

COMO A PROFESSORA LILI TOSTA ENCARA O GRANDE MOVIMENTO
Recordações da Vida Escolar Inglesa

A senhorita Lili Tosta attende hoje ao questionário da A Tarde e diz de publico as suas razões de ser feminista. A profa. Lili Tosta, educada que foi na Inglaterra, em contacto portanto com um meio completamente extranho ao nosso e onde a cruzada em prol do progresso feminino tem o seu berço, por dize-lo, é um espírito elevado e forrado por uma variada cultura. Conhecedora como poucas dos problemas feministas a sua palavra, jovem e auctorizada, ha de justamente ser acatada com a attenção de que é merecedora.

Assim, abrimos espaço para registrar as suas impressões ilustradas por interessante photographia em que ella se nos apresenta remando no Tamisa em companhia de amigas.

Ei-las:

— E feminista? Porque?

— Se sou feminista? Quem poderia nega-lo? Nunca fui outra cousa na vida desde que me entendo! Creio que já nasci com este germen perigoso! Na adolescência sempre fui uma revoltada contra os preconceitos sociais. No entanto, fui creada nelles, me submetti de muito mã vontade.

Durante os nove annos que passei na Europa apezar do meio muito favorável ás minhas theorias, tive de conquistar a minha liberdade, pouco a pouco, numa luta diaria contra as tradições e os ideaes familiares.

Meu pae em quem predominavam uma excessiva modestia e uma não menor tolerancia, no convivio social, fora das horas de combate, ouvia divertido e silencioso a exposição de minhas ideas mas, até hoje, não sei dizer ao certo, quaes foram as suas opiniões sobre o feminismo! Escutava com um sorriso benevolo as minhas theorias, porém, nunca me animou a pratical-as.

Durante os dois annos que estudei na Escola Polytechnica de Londres, o convivio diario de cinco horas de trabalho naquelle pequeno mundo de nove mil estudantes, de ambos os sexos, e de todos os ramos de estudos, muito concorreram para a expansão do que, então, chamavam algumas pessoas, "as minhas idéas subversivas". Estudei o feminismo no seu berço, por assim dizer, e me irmanei com as suas lutas e os seus triumphos.

Finalmente, voltei ao ninho patrio! Triste experiência! Quasi asphyxio!

Durante dois longos annos lutei desesperadamente para me acclimatar, para me adaptar aos preconceitos locais! A cada passo tropeçava num impecilho. Uma luta titanica entre os meus ideaes e a desharmonia do meio. Felizes aquelles que nunca conheceram esta qualidade de luta! Mas como para tudo há remedio, consegui equilibrar-me, sendo feminista pratica, dando expansão pratica aos meus ideaes e, ao mesmo tempo, tolerando e respeitando o meio.

Porém, desde 1922 que venho exteriorisando, mui discretamente, as minhas theorias por meio de artigos, publicados nos jornaes desta Capital, com o pseudonymo russo de Sonia Makaroff e algumas vezes com nome de homem. Sou, por consequente, feminista innata, convicta e de facto!

Porque acho que a mulher tem capacidades intellectuais e moraes equivalentes ás do homem, digo equivalentes e não iguaes porque tudo na natureza é harmoniosamente differente!

— Como recebe a participação da mulher na vida pública?

— Recebo com o maximo enthusiasmo, como a recompensa natural de tantos annos de grandes lutas de milhares de mulheres em todas as nações civilizadas.

— Aceitando a participação da mulher na vida pública, quaes os assumptos que a devem preoccupar?

— Ella deve se preoccupar com todos os assumptos referentes ao seu sexo e ás suas funções maternas. Exemplos: a defesa dos direitos femininos sob todos os seus aspectos; a

defesa da infancia desvalida; o auxilio e a defesa da mulher que trabalha, exigindo igualdade de salario para igualdade de trabalho, sem considerações de sexo; o conforto material, physico e moral das operarias; a protecção e auxilio á maternidade; a protecção material e moral á mulher criminosa e á mulher decahida, favorecendo o seu alevantamento moral e material no seio da sociedade; guerra ao trafico da escrava branca, este flagello do seculo XX; guerra emfim á prostituição, esta grande humilhação para a mulher, através dos seculos, cujo exemplo typico era o famoso harem turco, hoje em dia, felizmente, em plena decadencia; o alevantamento do nivel politico da nação; a realidade do voto, e mil e um problemas que interessam de perto a mulher e a creança.

Penso que a mulher se poderá tornar um factor importante para a renovação dos ideaes nacionaes cooperando com o homem para o engrandecimento patrio. O voto se modificará naturalmente. Por toda a parte onde a mulher penetra, o homem sente a necessidade moral de se elevar, de modificar os seus modos e as suas palavras.

A rivalidade de sexos é cousa triste e vergonhosa; as feministas não a querem; porém, o estimulo entre pessoas de sexos differentes é o maior tonico para a renovação dos ideaes e para o progresso do paiz.

Tudo isto é assim, em these, já se vê, porque uma mulher sem ideaes, sem personalidade, á mercê de quantos lhe incensam o amor próprio, uma mulher ignorante, desconhecendo os seus deveres, os seus direitos e as suas responsabilidades e com influencia politica seria um grande perigo para a nação e a sociedade. Portanto, não queiramos precipitar os acontecimentos. Preparemos conscientemente a nova geração de mulheres para poderem tomar uma parte mais activa nos destinos do nosso caro Brasil, cada uma dellas se dedicando á profissões liberaes, a vida publica, etc. Só depois de longos annos de luta e de trabalho chegaremos á realização completa dos nossos ideaes. É possivel que a victoria final ainda não seja para os nossos dias! Que importa! Assim

como as gerações passadas semeiaram para nós colhermos, assim também que cada uma de nós plante o seu grãozinho, sem interesses pessoais, sem preocupações de vaidades e de rivalidades, inspiradas todas nós, em idealismo, fortes pelos laços de amizade, comunhão de ideias, de verdadeira camaradagem e de muita tolerância e no futuro aquelas que colherem os frutos do nosso modesto labor bemdirão as lutadoras desconhecidas e honrarão suas memórias como actualmente honramos e veneramos a memória dos soldados desconhecidos, que tanto trabalharam e se sacrificaram pela pátria. E aqui tem A Tarde a minha humilde porém sincera participação á sua "enquete" pedindo desculpas, se, por acaso, não corresponderi satisfactoriamente á sua expectativa.

"A SENHORA PIMENTA DA CUNHA RESPONDE AO QUESTIONÁRIO
Revisão e Reformas das Leis Civas

A sra. d. Marieta do Passo Pimenta da Cunha, correspondendo ao nosso appello, responde hoje á "enquete" da "A TARDE", dizendo, com as suas responsabilidades de elemento de relevo na alta sociedade da Bahia, porque é feminista e como vê a participação da mulher na vida publica".

Augmentando a sua delicadeza para com a "A TARDE", a distincta senhora, modelo de tantas virtudes, quiz preceder suas respostas do seguinte trecho:

"Unicamente para satisfazer á gentil solicitação da "A TARDE", é, que venho, respondendo os quisitos dados pelo apreciado vespertino, expor em poucas palavras ás distinctas conterraneas, as minhas idéas sobre o movimento feminista que nestes ultimos dias tanto interesse tem dispertado no nosso meio e que nada mais é que uma das consequencias naturaes da nossa evolução social".

— É feminista? Porque?

— Sou feminista, porque sou a favor da emancipação da mulher.

— Como recebe a participação da mulher na vida publica?

— A participação da mulher na vida publica é uma necessidade.

Dotada de fino espírito observador, baseiada em uma cultura mais ampla e aperfeiçoada, a mulher brasileira, como começa a comprehender, que mais que um simples ornamento, ella precisa ser o principal factor do equilibrio e do progresso social.

Sem a sua participação na vida publica, sem o seu contacto directo com as diversas camadas sociaes, creada exclusivamente no recesso do lar, nunca poderá a mulher conhecer e interessar-se pelos magnos e complexos problemas da vida

material, que cedo ou tarde terá a resolver.

Vivendo afastada e portanto alheia ignorando as aspernas e as dificuldades que surgem a cada passo, desconhecendo as manchas e as hypocrisias da sociedade, como poderá a filha comprehender o esforço e muitas vezes o sacrifício de uma mãe para a manutenção e conforto da sua prole?

Como dar a esposa o devido valor ao trabalho do seu marido!

Como encaminhar a mãe a educação dos seus filhos, oriental-os na sua instrução, guial-os com sabios e efficientes conselhos, na sua vida publica a iniciar?

Como substituir a viúva o seu chefe desaparecido, deixando a seu cargo e sob a sua responsabilidade uma família, por vezes numerosa, e o que não é raro, negócios a resolver ou a continuar?

Emfim, como agir a mulher com segurança e acerto nestes momento da sua vida, se não tiver adquirido, em tempo, a prática e os conhecimentos necessários para a efficacia da sua actuação na grande luta pela existencia?

"A INAUGURAÇÃO DA ESTATUA DE MRS. PANKHURST
Como Opina uma Legionária do Movimento

Os "itens" do questionário de "A TARDE" sobre o movimento feminista, agora iniciado entre nos, são respondidos hoje por um dos elementos de mais destaque na sociedade bahiana, a exma. viúva d. Alice Kelsch de Aguiar.

A distincta senhora que foi educada na Europa justamente no momento em que a cruzada pró-emancipação do bello sexo, mais sacudia o velho mundo, pode de perto, a par das suas idéas inatas, acompanhar e estudar o que era o feminismo comprehendido na sua accepção própria que é a melhora da Mulher pela conquista de uns tantos direitos que lhe têm sido negado. Assim ella traz hoje sua contribuição valiosa aureolada pelo prestígio de seu nome respeitável.

Ei-la:

— É feminista? Porque?

— Desde que se começou a organizar o movimento feminista na Inglaterra, o qual acompanhei sempre com o mais vivo interesse, que me ouviram quantos de mim se abeirava a adhesão formal áquelle movimento e entusiasmo sincero por aquella reivindicação de justiça.

.....
Haja visto a Inglaterra onde a mulher já conquistou todos os direitos, havendo entrado na Camara dos Lords, e na dos Communs e recentemente se erigiu em uma das praças publicas a estatua da primeira chefe feminista Mrs. Pankhurst.

Tanta relevancia logrou ter a cerimonia de inauguração desta estatua, que foi presidida pelo antigo chefe do partido conservador M. Baldwin.

E o governo, a sociedade, o lar, continuam lá perfeitamente organizados.

— Como recebe a participação da mulher na vida pública?

— Não é dos dias presentes a tendencia de cooperar a mulher na vida pública.

Desde Platão que se cuida de semelhante assumpto e se o discute.

Hoje, porém, os problemas sociais se fizeram tantos que a mulher carece interferir na solução delles, já para auxiliar o homem, já para velar pelos interesses do seu sexo.

Por altruísmo e por egoísmo, poder-se-ia dizê-lo sem paradoxo.

— Aceitando a participação da mulher na vida publica, quaes os principaes problemas que a devem preocupar?

— Cooperando a mulher na vida pública acho que uma cousa sobre todas deve preocupa-la: a questão de educação no sentido lato da palavra. Educação physica para melhorar o estado sanitário da humanidade, contaminada de mil doenças que lhe minam as energias; educação moral para desenvolver-lhe cada vez mais as virtudes de character e coração, fazendo decrescer as dores da sociedade e subir o indice do bem e educação intellectual — para despertar o gozo clarividente da vida em cada espírito, como na collectividade.

A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA VIDA PUBLICA É CONSEQUENCIA DO
PROGRESSO MUNDIAL

Opiniões e Idéas da Doutora Prager Frões

Adeantamos hontem que, attendendo ao appello feito pela "A TARDE", ás feministas bahianas responderia hoje ao nosso questionario a illustre sra. d. Prager Frões.

E abaixo estampamos as respostas aos "itens" do nosso questionario e pelo qual mais uma vez a distincta senhora, diz das razões porque participa da cruzada do feminismo.

Eis a sua opinião:

— É feminista? Porque?

— Eu sou por convicção e por herança pois, a minha pro-
genitora, espirito altivo e independente de mulher superior,
com a limitada instrucção prodiagalizada ás suas conterraneas
naquella epocha em que o lar constituia o limite das aspi-
rações femininas já em 1880, attendia á solicitação do "Diá-
rio de Notícias" ás senhoras bahianas, publicando no seu Al-
manack trechos como o que se segue:

"Ainda que brasileira e que o amor do progresso apenas
germine e se desenvolva no coração masculino, não posso ler
um só artigo traçado por mãos femininas sem que me sinta in-
flammada de um santo amor pelo que é grande e nobre, por um
sentimento que tende a nos nivelar na esphera humana sem dis-
tincção de sexo! É por essa razão que, lendo no "Diário de
Notícias" o artigo "As mulheres eleitoras" do intimo d'alma
exultei, dando graças ao Creador por ter inspirado a esse
grupo de francezas o justo direito de conquistarem nas elei-
ções o logar que reclamam e que realmente lhes compete.

Avante senhoras!

De todas as nações levantam-se as mulheres a reivindi-
carém os seus direitos ha tantos seculos usurpados pelo e-

goísmo dos homens! Basta de ignominia, resgatemos nossa glória; basta de captiveiro, conquistemos nossa liberdade massacrando o monstro da ignorancia que nos tem embrutecido o espírito, tornando-nos inhabeis para tudo.

Avante senhoras!

Illustrae-vos meninas de todas as nações e o futuro será vosso".

E foi assim que me fez feminista, animada pelas santas incitações do amor materno, que me acompanharam e animaram em todo o tirocinio academico e na minha vida social.

Em 1917 pediu "A TARDE" o meu pensar sobre o acesso da mulher às profissões liberaes; satisfiz a todos os quesitos, com a mesma segurança de idéas que externo ainda agora.

— Como recebe a participação da mulher na vida pública, no momento actual?

— A participação da mulher na vida publica é uma consequencia natural do progresso mundial; é o corollario obrigado do problema domestico, insufficiente e incompleto diante da amplitude das aspirações femininas hodiernas.

A mulher consciente do valor de sua personalidade sente necessidade de uma atmospheria de vida mais ampla, mais independente, menos asphyxiante e portanto mais proveitosa. É como o maior desvanecimento que acompanho, sempre interessada, essa turba de batalhadoras infatigaveis, estrangeiras e nacionaes, trazendo cada qual o seu contingente em prol da valorisação do proprio sexo, tão mal comprehendido e ludibriado por leis absurdas e pelos que a elaboraram. É com o máximo carinho que observo a mulher que se instrue, a mulher que trabalha, a mulher que se liberta.

E que nella não veja o homem, como pensam muitos, uma adversária, uma nova concorrente; é mais uma alliada que incita ao labor em proveito da familia e da sociedade.

— Acceitando a participação da mulher na vida publica, quaes os assumptos que mais a devem preocupar?

— São multiplos e complexos os assumptos que preocupam a mulher na vida publica: o voto, o divorcio, o exame médico

pre-nupcial, e egualdade de direitos e de deveres conjugais, a reivindicação da capacidade feminina, etc.

a) O voto feminino — Dentre esses cabe a primazia ao voto feminino, em prol do qual me externei já em 1917 em publicação solicitada pela "Revista Feminina" de São Paulo, n. 93. Fiz, entre outras considerações, as seguintes:

"A subordinação legal do sexo feminino é talvez a origem principal das desharmonias matrimoniaes; é effectivamente ridicula ironia o conjugar seres que se não podem absolutamente ligar, desde que ao predomínio intensivo do direito do mais forte se ha de curvar necessariamente o indefeso. Qual o inconveniente da liberdade do voto?

Julgam as minhas pátricias que é preciso abandonar o santuario domestico para estacionar diante das urnas eleitoraes?

Que na sua totalidade serão obrigadas as mulheres a votar e ser votadas, como si fossem regimentos que partissem para a guerra?

Que todas serão deputadas e senadoras?

Que irão discursar e palrar futil e incessantemente nas sessões parlamentares?

Nada disso succederá. Abrace a mulher o direito do voto, cuja oportunidade não deve repellir, guarde com carinhoso cuidado mais esta valiosa arma que lhe deve o sexo opposto, rendido á evidencia dos factos; empregue-a exclusivamente na defesa dos seus direitos e verá que nenhum desproveito lhe advirá dahi, porque não faltarão corajosas para enfrentar com moderação, mas com energia, a campanha que urge da unificação dos deveres e direitos do seu sexo.

b) O divorcio — A sua oportunidade virá após o voto; antes disso seria, a meu ver, mais uma arma manejada com parcialidade e desequilibrio legal, beneficiando somente aquella que chamou a si todos os direitos e proveitos da vida.

c) — O exame medico pre-nupcial, cujas vantagens para a familia e para a humanidade inteira procurei demonstrar em pequeno opusculo publicado em agosto de 1923 no "Jornal dos

Clinidos" do Rio de Janeiro, é mais um sério problema a ser estudado e resolvido na actualidade.

d) - A igualdade dos direitos e deveres matrimoniais é de necessidade absoluta para o equilibrio do affecto conjugal e a perfectibilidade da prole.

e) A reivindicação da capacidade feminina é uma questão de máximo interesse pessoal a ser resolvida, não devendo permanecer por mais tempo (monstruosidade inconcebível!) as leis iniquas que a isso se referem e regem ainda o nosso paiz.

São estas as considerações que me foram suggeridas pelos quesitos apresentados.

SUSTENTO A IGUALDADE INTELLECTUAL DOS DOIS SEXOS

Respondendo ao Questionário da "A Tarde"

Proseguindo a campanha feminista, pela "A TARDE" agitada em nosso meio, damos publicidade hoje ás respostas ao nosso questionario formuladas pela bacharela d. Hermelinda Paes que gentilmente attendeu ao nosso appello.

Eis abaixo como nos responde a talentosa representante do Ministerio Publico junto á Justiça Militar:

- É Feminista? Porque?

- Sim; sou feminista, comprehendido este vocabulo na sua verdadeira accepção — synonymo de mulher evoluida, perfeitamente educada, que procura libertar-se da escravidão social, imposta pela ignorancia dos seculos passados.

Penso que nasci com o calor da evolução. Só assim poderei explicar o contraste de ter vivido em meio acanhadissimo, como o nosso, educada sob principios os mais austeros, presa em apertado circulo de preconceitos e sentir, desde muito jovem, o avassalamento dos mais nobres e elevados ideaes de liberdade, independencia e igualdade de direitos entre os sexos.

Mas, este meu Ideal, este amplo horizonte que descortinava, qual visionaria era incompativel com as idéas aqui professadas, com os usos e costumes do retrogrado povo baiano, em geral habituado á sujeição da mulher, a humilhál-a sempre que pretendia nivelar-se ao homem.

E assim me tornei incomprehendida, senão uma refractaria.

Mas, que importava a mim o juizo dos que não me comprehendiam? Era grande a minha ansia de progredir, immenso e incontido o desejo de libertar-me do julgo oppressor, que me queria amarrada á tutela em que permanecia e ainda vive a

maior parte das mulheres, e não pequeno o esforço despendido para a conquista da minha personalidade.

Sempre coerente com as minhas idéas, sem nunca desviar-me da rota que havia traçado para attingir a meta que lobrigava, adoptei como lema — a conquista da Glória á custa do meu proprio esforço. Provaria á sociedade que não ha privilegio de sexo, que a fraqueza da mulher está na razão directa da sua ignorancia, que ella será forte sempre que pensar e quizer ser.

Desta maneira iniciei-me na vida, com muito labor e muita difficuldade.

Não me fiz, portanto, feminista.

Em mim, esta qualidade, em estado latente, desenvolvia-se, brotava, e eu seguia, quasi inconsciente, o caminho que me apontava, nasci para a luta, para o progresso, para renovação.

Sustento a igualdade intellectual dos dois sexos, porque convencida estou de que, desenvolvendo-se na mulher a intelligencia, cultivando-se-lhe o espirito, será ella capaz de emprehender o que o homem emprehende, realizar o que elle realiza.

E a prova disso se depara no parallelo encontrado em o nivel intellectual dos selvagens de ambos os sexos.

Nos povos civilizados, onde a educação do homem sempre constituiu um problema a carecer cuidados, é que encontramos a inferioridade da mulher, mas com mera consequencia da incuria ou deficiencia da educação outr'ora ministrada.

Designando-se-lhe o lar como finalidade, incongruente, falho era o preparo que recebia para o bom desempenho das funcções que lhe estavam reservadas — esposa e mãe.

Não se cogitava de fazel-a consciente das responsabilidades deste duplo e delicado papel.

Não lhe formavam o espirito para compartilhar com o homem dos mesmos direitos e regalias, como sua companheira e intelligente educadora da prole, mas sobrecarregavam-na de deveres e atiravam-na á subserviencia, deixando-a em posição

de escrava ou traste de luxo do seu senhor.

Felizmente, já se vae extinguindo a vergonhosa crise.

A mulher de hoje prepara-se convenientemente para a qui etude do lar e para o oceano tormentoso da vida. Já se comprehende a sua actuação no lar como habil esculptora a plasmar cuidadosamente o character da nova geração, e, na socieda de, a batalhadora incansável e victoriosa, na luta contra as agruras que nos offerece a vida.

E estas duas missões não mais se chocam pela incompatibilidade.

Tem, desta sorte, se emancipado a mulher, positivado a sua personalidade, reivindicando, aos poucos, os seus direitos de quem injustamente ós detem.

— Como recebe a participação da mulher na vida publica?

— Recebo a participação da mulher na vida publica como uma necessidade maximé no momento actual.

Constituindo o sexo feminino, entre nós, a maioria da população, como entregar á orientação exclusiva do homem a feitura das leis que têm, muito breve, de vigorar para todos indistinctamente?

Seria dar prova contraria do que tem demonstrado a mulher, quanto á sua capacidade.

Seria perseverar no mesmo desprezo que se lhe tem dado até agora, julgando-a inferior, capaz de tomar parte na vida do Paiz.

Assistindo, porem aos interessados o direito de se manifestarem, pelos seus representantes, é obvio que, sendo a mu lher a maioria interessada, tome parte activa na confecção das leis, zelando deste modo pelos seus direitos, não se jus tificando, porém, fique os mesmos abandonados ao azar, entre gues ao manejo de quem procura absorvelos.

E assim pensando sou pela collaboração da mulher na futura Constituinte.

— Aceitando a participação da mulher na vida publica, quaés os assumptos que mais a devem preoccupar?

- Penso que todos os assumptos que interessam o Paiz devem preoccupar tanto o homem como a mulher, visto como vivem ambos em communitade. Deve, aliás, merecer-lhe especial carinho aquelles concernentes aos interesses exclusivos do sexo, afim de que não sejam suffocados pela ambição do sexo opposto.

A MULHER ELEVANDO-SE INTELLECTUALMENTE NÃO ABANDONARÁ O SUBLIME PAPEL DE FILHA, ESPOSA E MÃE

Retomando a publicação das "enquetes" entre as nossas feministas, inserimos hoje a resposta aos "itens" do nosso questionário formulada pela doutora Lily Lages, alumna laureada ha pouco, pela nossa Faculdade, tendo para coroar o seu curso distincto defendido notavel these que mereceu dos seus mestres as melhores referencias que culminaram na nota maxima accessida de honrosa mensão. Intelligente, culta mas muito modesta, ella, do modo como se vê abaixo synthetisa francamente sua opinião, sobre a cruzada feminista ora em intensa movimentação entre nós:

— É Feminista? Porque?

— Sim. Desde muito, talvez criança, ainda, já começava a sentir admiração por essa causa nobre e justa. De logo nasceu o ideal — ser medica — e, collimando, sempre o vellocínio aureo de minhas aspirações — trabalhar, servir a humanidade, elevar engrandecer o Feminismo. Porque negar á mulher o direito de instruir-se? Porque restringir-lhe o campo de acção ao lar? Não será a sociedade e a vida mesmo lá fóra um prolongamento delle?

No momento actual em que as difficuldades da "struggie for life", dia a dia, mais se patenteiam, quando a necessidade do ganho a todos se impõe, que será feito da mulher sentindo-se falha de meios para enfrentar as vicessitudes do destino? Lança-se aos trabalhos esfalfantes das fabricas e das officinas, que lhe exgotam as forças phisicas, combalem as energias da alma, ao tempo em que a affastam, quase totalmente da familia. Deixando-a ás primeiras horas do dia volve ao crepusculo, exhausta, desfallecida, impossibilitada de exercer os misteres domesticos.

E, porque se não insurgem os antifeministas contra a

"mulher operaria" convergindo apenas as vistas para a mulher das profissões liberaes?

Certamente, não desconhecirão as vantagens que aos patrões offerecem: abnegação immensa no serviço, irreprehen-sível cumprimento do dever, honestidade, e, sobretudo, — me-nor salário!

A mulher elevando-se intellectualmente não abandonará jamais o sublime papel de filha, esposa e mãe. Maior inspi-radora, companheira dedicada, colaboradora, intelligente, se-rá. Possuindo a visão nitida das cousas, torna-se affectuo-sa e terna, como, pelo saber, mais util e melhor ao coração e á razão... Sou feminista porque creio na capacidade da mulher e confio na sua perseverança e coragem que por certo a levarão a transpor os obstaculos ora antepostos.

— Como recebe a participação da mulher na vida publi-ca?

— Com satisfação e entusiasmo. Antes de tudo amo mi-nha Patria e minha gente, e a ascensão politico-social da mulher é directamente proporcional á grandeza e civilização de um povo.

— Quaes os assumptos que mais a devem preoccupar?

— Entrando na vida publica, mais necessitamos de ener-gia e animo para o defrontamento de complexos e graves pro-blemas que se apresentam a todo instante.

Anseio, por isto, seja conferida a igualdade dos direi-tos civis e politicos, e quizera mesmo a organização de um partido, em que melhor defendessemos taes direitos venha a regulamentação scientifica do trabalho e a verdadeira prote-ção ás mulheres operarias; ainda, equiparação de salários; obrigatoriedade do ensino primario; solução da questão re-ligiosa, etc.

"COMO VÊ O PROBLEMA A SENHORA ANÍSIA SEABRA"

A exma. sra. d. Anisia dos Santos Seabra offerece a campanha, uma serena exposição de motivos, da sua convicção feminista, explicando o porque, desde muito moça, veio a abraçar a causa da emancipação da Mulher que a esta hora segue caminho triunphante.

A senhora Antonio Seabra, tão justamente acatada em nossa sociedade pelas qualidades peregrinas do seu coração, da sua intelligencia e da sua fé, acode captivamente ao appello d' "A TARDE", com uma collaboração que registramos desvanecidos. Eis como se expressa a distincta senhora:

— Na idade dos sonhos e phantasias da vida fui attingida pela perda repentina de meu querido pae.

Determinou o destino que assumisse a direcção dos negocios de minha familia, seguindo e praticando naturalmente o que se chama feminismo.

E da direcção dos negocios particulares fui insensivelmente, por força das circumstancias, dirigindo e tomanda a defeza dos direitos dos humildes habitantes do logar onde residia, até 26 annos passados.

A defeza dos direitos daquelles habitantes, comprehendese, consistia no zelo pela garantia dos seus direitos de homens livres perante as leis do paiz, em todos os casos em que fallecesse da parte das autoridades constituídas a justiça ou reconhecimento dos seus direitos.

Eis como ingressei no feminismo, praticando-o sem obstáculos e sem quebra da consideração que, graças a Deus, sempre gosei e goso ainda naquelle logar, dilatada aqui no circulo de minhas relações sociaes.

Não vejo portanto antagonismo no exercer a mulher os mesmos direitos e as mesmas profissões que o homem.

Penso, entretanto, e com experiência bastante, que a mulher, para attingir e igualar os seus direitos aos do homem, precisa de escolas e mais escolas em que cada dia mais procure elevar, como o homem, a sua educação moral, intellectual, civica e domestica.

Com os bons sentimentos bem orientados teremos naturalmente e sem lucta de sexo — realizados os grandes ideaes da humanidade — a paz e alegria santa e sadia dos lares, e porque não dizer tambem — a Paz Universal.

Em qualquer campo de acção do homem vemos exemplos de poder a mulher competir com elle.

Na guerra vemos a nossa historia recordar a grande heroína Maria Quitéria, abandonando o seu lar, trajando a soldado para combater com elles em defeza do seu torrão natal na Independencia de nossa Patria.

Deu a mulher na grande guerra européa de 1914 as maiores provas do seu valor nesse momento tragico, já pensando as feridas nos Hospitaes, já manifestando sua coragem nos campos de batalha recolhendo feridos sob chuvas de ballas das linhas contrarias e dos aviões que destruiam lares e cidades.

Na politica e nos postos de administração não tem ella tido infelizmente actuação directa para firmar sua competencia.

Já votam as mulheres em muitos paizes e em varios Estados do Brasil.

São innumerous os casos de eficiencia da acção da mulher como auxiliar do marido, desde as descobertas scientificas, como por exemplo a de Madame Curie até os demais ramos da actividade humana.

O grande escriptor Smiles não se humilha e sim se eleva quando proclama o grande concurso de sua esposa em toda a sua vida.

Devemos trabalhar com afinco, mães brasileiras, para que futuramente ouçamos dos Smiles e tantos outros que não

se humilham e sim se elevam a proferi-las.

Eduquemos a mulher e tambem o homem com os nossos bons exemplos de acções dignas e de costumes nobres, pois assim conquistamos a emancipação dos erros e preconceitos de que injustamente temos sido victimas.

Compreenda cada qual o peso da responsabilidade dos seus actos, nesta vida — e trabalho com ardor para educar o homem e a mulher sabendo que o cumprimento do dever é a base da felicidade de cada um em particular e de uma nação em geral.

É preciso, porem, obtermos os mesmos direitos de que goza o homem.

SELENCH CARNEIRO DE SOUZA E A SUA CONFIANÇA NA VICTORIA DA GRANDE CAMPANHA

Selench Carneiro de Souza a inspirada poetisa que a Bahia culta tanto conhece e admira é a respondente de hoje ao questionario de "A TARDE". Possuidora de uma intelligencia vibrante e de um espirito moderno, nesta sua profissão de fé feminista ella, mais uma vez revela a independencia das suas idéas como se verá abaixo. Por isto é que com muito desvanecimento, abrimos espaço, ás respostas da jovem poetisa que alia áquellas qualidades intellectuaes a uma acção e capacidade de realização pouco vulgar.

Eis as suas respostas:

— É feminista?

— Sim. De há muito se me arraigou a convicção de que a mulher tem os mesmos valores moraes e intellectuaes que o homem, as mesmas reservas civicas naturalmente relativas, conforme a maior ou menor capacidade de cada um.

— Porque é feminista?

— Porque vejo a realização de um sonho há muito tempo idealizado desde quando com a marcha natural da civilização, com o dynamismo e o progresso dos nossos dias, seria de todo o ponto impossível que a mulher não se collocasse na corrente que vae transformando as condições da vida social.

Dahi a urgente necessidade de fazer valer os seus direitos tão respeitaveis quanto os dos homens.

— Como recebe a participação da mulher na vida publica?

— Com viva alegria e sobretudo com esperanças de victoria. Sei perfeitamente que todo alto objectivo terá de soffrer embaraços para a sua realização completa. Ha de murchar muitas vezes para desabrochar de novo: — a semente ha de ser primeiro entre cardos. Para que nos sejam dadas

as palmas da victoria, certamente teremos primeiro os espinhos. Mas havemos de vencer... Para tanto temos no nosso Gremio intelligencias moças, capazes, e o pensamento sensato de cerebros bem formados. Havemos de vencer. Que não vence a fé bem orientada? Tudo.

— Quais os principaes fins?

— São muitos e são nobres. Ennumerar-os seria repetir o que está de ha muito dito. Mas vale affirmar que darei os pequenos recursos da minha modesta intelligencia e as reservas todas do meu coração para este fim nobilitante. Creio que para os vindouros, para a mocidade que desponta agora, para nós, para a Mulher Brasileira, o feminismo reúne vantagens apreciaveis: — a emancipação da mulher, digo melhor, o reconhecimento completo de seus direitos e a sua participação directa nas grandes cruzadas do bem são motivos de entusiasmo para o pugilo que se alista nas fileiras da nova campanha no Brasil!

UMA LONGA E ELOQUENTE MANIFESTAÇÃO EM PROL DA CAMPANHA

Da intelligente senhorinha Edelzuita Tavares, que a essa qualidade allia uma grande modesta, publicamos a seguir a resposta ao questionario lançado pela "A TARDE" sobre o feminismo. É mais uma valiosa contribuição á triumphante campanha:

— É feminista? Porque?

— Sim.

Como poderia deixar de sel-o quando tenho consciencia da minha individualidade, reconhecendo no meu sexo as faculdades móraes á conquista da emancipação?

Surpreende-me, até, o principio de inquerir-se a uma mulher o porque do ser feminista.

Que se faça o necessario controle intellectual e se reaja juste as funções individuaes, sob a analyse commum das collectividades e a noção do progresso, e sem esforço sente-se a evidencia das condições a que as mulheres e os homens se identificam.

Humanos e por signal racionaes, na vanguarda da existencia, sob o mesmo direito de viver, os seres se devem apontar, se julgar, se conhecer sem as preferencias do sexo.

É a propria natureza que nos responde ao appello da observação. Vêde. Nos planos da materia tudo é uno. As distincções existem apenas na intuição de julgar dos que não vêem e não sentem além do que lhes fazem ver e sentir.

Feminista? Absolutamente feminista. Sel-o-ia se não houvesse o direito de o ser; teria eu, nessa hyphotese, a coragem de ser a primeira a indicar o rumo das minhas aspirações, nesse evangelho de salvar a nossa "independencia".

Estou que as mulheres saberão se elevar no conceito universal tanto lhes cheguem o apoio das leis ellas as que possuem as vantagens da conformação physica mais perfeita, quiçã,

por atavismo isentas das impulsividades do egoismo e das culpas moraes menos rusticas, mais conscientes dos deveres sociaes, por instincto e por educação, em sendo cultas, attingindo sem esforço até onde os homens, isto é muitos homens, não conseguirão chegar.

Numa sociedade aperfeiçoada onde haja a consciencia plena do dever, os principios basicos do direito, é imprescindivel a collaboração da mulher no ideal maximo da condição humana, seja pela sua natural feição de sentimentalismo, seja por sua indole pacifista, pelos seus elementos moraes, pela sua superioridade de altruismo e até mesmo pela sua graça.

Na Finlandia desde 1906 que o suffragio universal reconhece o direito de voto a todos os cidadãos maiores de 24 annos sem distincção de sexo.

Na Noruega, desde 1907 toda mulher maior de 25 annos tem voto independente, bem assim na Suecia e na Dinamarca.

Noz Estados Unidos, vemos em Kansas especialmente o suffragio municipal. Na Australia, já antes de 1900, data da sua constituição federal a mulher exercia o seu direito de voto, occupando funcções distintas.

Na Nova Zelandia a mulher cooparticipa nas funcções municipaes desde 1892.

Basta para melhor julgamento do quanto a mulher de hoje pode pretender, no Brasil, o exemplo da resolução do parlamento da Dinamarca em face da celebre mensagem da Camara de Wyoming a todas as assembléas do mundo.

"Attendendo a que, sem haver sido preciso lançar mão de qualquer legislação oppressiva e violenta, o suffragio feminino contribuiu para banir do Estado, quasi por completo a criminalidade, o pauperismo e o vicio, etc."

Porventura ainda ha quem não reconheça a nossa razão de feminismo?

Não posso comprehender porque o meu jardineiro e o meu creado teem mais de que eu, direitos perante a sociedade os

poderes constituídos do meu paiz.

— Como recebe a participação da mulher na vida publica?

— Ainda o mesmo ironico inquerir. A participação da mulher na vida publica já é factor commum na marcha do progresso.

Ignoraes que os homens publicos, os de maior vulto, os de melhor efficiencia e mais accentuada capacidade de trabalho nunca houvessem trocado idéas ou mesmo precisado e até obedecido ás suas esposas, mães, irmãs, etc.?

Vejamos Napoleão o dominador de um exercito glorioso a pedir auxilio a Josephina.

A Donzela d'Orleans é, talvez, a mais gloriosa figura na historia da humanidade.

Joana Angelica, Maria Quitéria de Jesus, Anna Nery e muitas outras, aqui mesmo, na Bahia, perduram numa aureola de sagração popular, marcos luminosos das glorias do nosso berço.

Na historia, as mulheres tem demonstrações eloquentes de capacidade administrativa. Isabel de Castella, Izabel de Inglaterra, Catharina e Maria de Medicis. Maria Thereza d'Austria, Catharina da Russia, d. Maria II de Portugal, nossa patricia, Rainha Victoria d'Inglaterra e outras souberam em sendo mães e esposas amantissimas, emprestar ás suas patrias o brilho inconfundivel de uma orientação singular.

A capacidade intellectual de Madame Curie, ainda é alvo da admiração do universo.

Carolina Herchell, Maria Sommerville, Maria Mitchel, Dorothea Klumpke são padrões de superior crédito, dirigindo universidades, lhes devendo a sciencia e o mundo um preito de particular veneração.

Victor Hugo, disse:

"A mulher é a humanidade vista pelo lado tranquillo. Dêmos-lhe na lei o logar a que tem direito. A mulher contem o problema social e o misterio humano. Parece a extrema fraqueza e é a grande força".

Belva Leckood advogada que no supremo tribunal de Washington pleiteou a causa da emancipação feminina, é bem digna de ser lembrada nesse momento.

Foi ella figura de destaque nos congressos de Paris, Londres, Berna e Autuerpia, em 1889e 1890, e tal o seu valor que se propoz á Presidencia dos Estados Unidos.

Bertha Sottner na Austria e Maria Diraismer e Eugénie Potorié Pierie na França continuam a merecer a admiração pública.

As nossas patricias Maria Amelia de Queiroz, Leonor Porto, Josephina Alvares de Azevedo, etc., desde muito já fizeram saber com eloquencia a razão do feminismo.

Outras, ainda, muitas outras, quem a historia glorificou numa apotheose de quasi adoração, privo-me de lhes citar os nomes invulneraveis tanto eu os sei gravado no coração de todos os brasileiros.

O exemplo da capacidade productiva de trabalho das mulheres ahi temos, já muito bem confirmado, na vida pratica do commercio em geral e na fundação publica.

A mulher é mais economica que o homem, seus principios de educação e sua natureza mesma, lhe garantem mais consciencia de probidade — (desculpem) — mais efficiencia de servir e mais abnegação de trabalho.

A mulher, dizem as estatisticas feitas pelos homens, exerce com melhor assistencia as suas funcções, e é sem magoas e sem rancores que geralmente sabem enfrentar as humilhações e os desenganos da vida.

Volvamos as nossas vistas para o lar humilde do pobre operario que se foi em busca do sustento para a familia numerosa, como é admiravel a missão da mulher, a braços com a direcção da casa, empregando o seu valioso recurso humano em consolar os filhos, cuidando da situação moral do proprio lar, dentro do seu sublime sacrificio, sem deixar de perceber o quanto de angustia lhe transborda o coração.

Na guerra a missão das enfermeiras sempre foi desempenhada como o mais fiel dos compromissos de patriotismo e de

humanidade.

Ella, a mulher, é a companheira de sempre, seja nas horas rapidas das alegrias seja nas prolongadas afflicções.

E porque o homem e a mulher evoluidos igualmente, com os mesmos sentimentos e identicas aspirações não se comprehendem sob o ponto de vista social?

Porque é o homem o autor de leis que nos vem ferir a nós, tolendo os nossos passos, cerceando os nossos direitos, emprestando-nos uma condição de inferioridade, julgando-nos incapazes e improficuas, quando somos nós mesmas quem o acompanhamos em todas as phases da sua vida, desde o principio do mundo, confortando-os no mais intimo dos nossos cuidados;

Porque?

Onde as mães amantissimas desvelladas pela perfeição do seu character na formação do seu raciocinio, e na guia dos seus sentimentos, como obreiras sinceras e invulneráveis?

— Aceitando a participação da mulher na vida publica quaes os assumptos que mais a devem preocupar?

Todos os assumptos se a condição é a mesma.

No campo da sciencia não ha limite nem excepções para a cultura da mulher.

Assim em tudo o mais.

A mulher, deveis ter a certeza, é por instincto habil timoneira.

Ruy o incomparavel, o divino Ruy confessou publicamente naquella admiravel maneira de dizer, com a mesma soberana attitude de apostolo, quanto lhe foi sempre util a sua esposa... "viva inspiração; maravilhosa luz que sempre o guiou nos caminhos mais difficeis da vida".

"TRABALHAR PARA A GRANDEZA DA PATRIA E FELICIDADE DA FAMILIA"

Prestes a ser encerrado, o questionario sobre a campanha feminista, que tanto tem interessado o publico bahiano, divulgamos hoje como uma das últimas contribuições a da senhorinha Amelia Lopes de Britto, Profa. do Gymnasio do Ypiranga. Feminista por indole e independente no enunciar suas idéas é justo que chamemos a attenção dos nossos leitores para suas respostas.

É feminista? Porque?

Defendo um ideal, tornei-me feminista. O ideal da emancipação da mulher: fazel-a lutar não só para a conservação de sua vida physica, mas também da sua existência intellectual.

Sim, trabalhar, produzir uma evolução que concorra para aprimorar as aptidões moraes sobre as aptidões physicas. Para que tal succeda, faz-se mistér cuidar, desde o berço, da formação physica e psychica da mulher. Incutir-lhe desde a primeira idade, a razão de ser das coisas, trocar-lhe, de quando em quando, nos brinquedos, a boneca por recreações mais espirituaes, como leituras, que a tornem mais apta a defender para o futuro a sua existencia, e principalmente o progresso da Patria. O mesmo direito que têm os homens, têm ellas de a proteger como mãe comum.

Talvez aos dez annos de idade, o meu cerebro pensasse, e, desde então, a vida me inspirava cuidados. O pensamento — trabalhar para a grandeza da Patria e felicidade da Familia — era o meu ideal. E sendo nascida e educada longe dos progressos de uma capital, onde os preconceitos são mais rigorosos, poderia tornar realidade essa utopia? Muito creança ouvia falar naquella heroina serteneja que, ignorante, se incorporara nas fileiras para dar seu sangue pela liberdade do Brasil querido! Essa mulher forte, essa Maria Qui-

téria, influiu no espirito de sua pequena conterranea, fazendo-a entrever entre as enrendilhadas cortinas do futuro, a victoria dos ideaes femininos em surto inesperado, talvez no porto da vida social.

Porque sou feminista?

Como o não ser se entrevejo atravéz dos deslumbrantes raios expedidos pelo feminismo a realização de todos os meus ideaes? Oh! ser util á sociedade, concorrer para melhorar a situação de tantas infelizes projectadas na triste estrada do vicio, consequentemente do crime, zelar pelo interesse da creança, que depende ás vezes de um simples impulso, para de um malandrim que seria, ser um cidadão de meritos!... Haverá nada mais bello, mais sublime? Feminista é toda a mulher de sentimentos altruisticos e feminista me orgulho de ser!

Como recebe a participação da mulher na vida publica?

Terá, por ventura, o homem mais coração do que a mulher, para ter unicamente o privilegio de em publico amar e desejar o bem da Patria?

Então, á mulher que mais em contacto com o menino, forma-lhe em maior parte o character, só lhe é facultado aconselhar no interior do lar ou nas escolas o respeito e defesa das leis do paiz, como tambem o amar e honrar?

Ella que semaia a mancheias os deveres do cidadão futuro, em familia ou em aula, não poderá publicamente demonstrar sua capacidade (igual á do homem) em questão aos interesses communs de patriotismo e mesmo dos inherentes a si mesma?

O exemplo, em geral, é mais imitativo que o conselho.

Os ignorantes, os mediocres, os quasi analphabetos, intervêm, trabalham na vida publica, elegendo, sendo eleitos e ocupando cargos publicos. Vêm-se pelos sertões, homens que talvez ignorem o que seja a palavra Brasil, mas que prestam quasi culto a um chefe politico. Então, não terá capacidade uma mulher educada moral e intellectualmente para pensar no futuro da terra que lhe serviu de berço, e daquelles que

lhes são mais caros na existencia?

A leão defende o seu cachorro devido ao instinto de conservação. A mulher será ainda negado trabalhar e defender a Patria?!!!

Não é crível!

Aceitando a participação da mulher na vida pública, quaes os primeiros problemas que a devem preoccupar?

Não sendo para o futuro negada, por egoismo interesseiro, a maxima utilidade que é o feminismo, o principal dever é a mudança da educação na mulher.

Faz-se mistér que essa mudança não seja effectuada exclusivamente nas cidades e capitaes, deve-se trabalhar para disseminar a educação da mulher no mais longinquo sertão.

Os soberbos caudaes se perdem na Amazonia; quantas intelligencias extraviadas na noite negra da ignorancia!

Quando a mulher comprehender que sua educação é a base para a conservação de sua vida physica e psychica, estará mais apta para vencer as difficuldades, não cairá no primeiro tropeço e será menos enganada e vencida!

COMO A "CONDESSA DE ALYS" OPINA NO INQUERITO

Uma Campanha Prestes a Encerrar-se

Assignada pelo pseudônimo Condessa de Alys recebemos valiosa contribuição para a campanha feminista que A Tarde tomou ao seu cargo. A respondente ao nosso questionario é um elemento distincto da nossa sociedade, não quer por motivos que não vêm a pelo prefere apparecer velada sob pseudônimo.

Eis as respostas que nos enviou a Condessa de Alys:

— Sim, sou feminista porque reconheço a igualdade intellectual dos dois sexos; desde que a mulher seja culta e educada porque negar que possa emprehender e realizar o que os homens tentam?

Se a mulher sempre foi considerada inferior, é isto uma simples consequencia da ignorancia em que era mantida, por proposital deficiencia de educação intellectual.

Mas, se se nega a instrução á uma mulher, porque se lhe exige o dever de ser a companheira do homem, a alentadora das horas difficeis, a educadora que tem a difficil tarefa de formar o character dos filhos, se ella não estando á altura deste mesmo dever nunca poderia preencho-lo?

Se um venal, um tarado, um alcoolatra, um criminoso tem o direito de voto, porque negal-o á mulher culta, intelligente, que tem deste acto a concepção perfeita e o realiza consciensiosamente?

Demais, a mulher vive sob a lei, e se esta lei é absurda, deve lhe ser facultado o direito de modifical-a.

A mulher apta á lucta pela vida melhor poderá desempenhar o seu papel de esposa e mãe; não ha incompatibilidade nos dois papeis.

Não deixaria de ser a Eva de todos os tempos, mas o seu encanto seria accrescido da intelligencia, cultura e es

piritualidade generosamente reconhecidas.

Não seria a escrava infeliz nem a rainha prisioneira sem o direito de pensar e discutir, mas a companheira ideal, na qual o homem pudesse confiar as suas penas, suas aspirações, certo de que seria compreendido, estimulado, secundado.

E, se num casamento não se tivesse encontrado esta mutua communhão de idéas, porque não se ter a oportunidade de desfazel-o, reparando um mal em vez de continual-o?

A todo erro se deve dar oportunidade de reparação, por que pois se negar esta oportunidade ao casamento, se este foi um erro abominavel?

Se uma mulher é ligada a um alcoolatra, a um homem sem character, ignorante, grosseiro, porque não se lhe deve dar occasião de reparar este mal, libertando-a para uma nova união legitima, ou deixando-a presa e entregando-a a prostituição? Desde que haja o divorcio, haverá menos prostituição.

Todos os assumptos que se relacionem a vida publica de vem interessar tanto ao homem como a mulher, porém muito especialmente, muito particularmente os que digam respeito aos interesses do sexo.

Só temem a sua concurrencia os homens que não tem confiança em si, que se reconhecem nullos e temem a derrota.

A Eva moderna será mais forte, instruída e culta mas nem por isso deixará de ser a amante carinhosa e terna, que trará para o homem a doçura do seu affeto, e terá sempre para elle o encanto, que o prenderá eternamente ao seu encanto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arquivos

Arquivo da Academia de Letras da Bahia, Salvador, BA.

Documentos da Federação Bahiana pelo Progresso Feminino.

Arquivo de Edith Mendes Gama Abreu (particular) Salvador, BA.

Documentos da Federação Bahiana pelo Progresso Feminino.

Arquivo do Estado da Bahia, Salvador, BA.

Coleção de Jornais

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

Documentos da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

Arquivo de Renato Berbert de Castro (particular), Salvador, BA.

Livro de Atas da Federação Bahiana pelo Progresso Feminino.

Biblioteca do Instituto Feminino da Bahia, Salvador, BA.

Arquivo Amélia Rodrigues.

Biblioteca Pública da Bahia, Salvador, BA.

Coleção de Jornais

Instituto Geográfico e Histórico, Salvador, BA.

Coleção de Jornais

Documentos impressos, livros, artigos e textos inéditos

Alves, Branca Moreira. Ideologia e Feminismo: A Luta da Mulher pelo Voto no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1980.

- Aragão, Luis Tarlei. "Em Nome da Mãe" in Perspectivas Antropológicas da Mulher 3. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- Azevedo, José Sérgio Gabrielli de. "Industrialização e Incentivos Fiscais na Bahia: uma tentativa de interpretação histórica". Tese de Mestrado. Salvador, UFBA., 1975.
- Azevedo, Thales. Namoro à Antiga, Tradição e Mudança. Salvador, 1975.
- Barroso, Carmem. Mulher, Sociedade e Estado no Brasil. São Paulo, UNICEF/Brasiliense, 1982.
- Carone, Edgard. Revoluções do Brasil Contemporâneo (1922 - 1938). Rio de Janeiro, DIFEL, 3a. edição, 1977.
- Costa, Ana Alice. "Avances y Definiciones del Movimiento Feminista": Tese de Mestrado. México, UNAM, 1981.
- CPE/SEPLANTEC. A Economia Baiana de 1850 a 1930: Algumas Questões. Salvador, 1980.
- Fausto, Boris. A Revolução de 30. São Paulo, Brasiliense, 1970.
- Federação Bahiana pelo Progresso Feminino. Seus Fins, Publicação nº 1. Bahia, Oficinas Graphics d' "A LUVA", 1931.
- _____ . Ligeira exposição de suas finalidades e resumo do programa cumprido e a cumprir. Publicação nº 2. Bahia, Oficinas Graphics d' "A LUVA", 1931-1936.
- _____ . Estatutos. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1931.
- Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Boletim nº 8. Rio de Janeiro, agosto de 1936.
- Firestone, Sulamith. A Dialética do Sexo. Rio de Janeiro, Ed. Labor, 1976.

- Friedam, Betty. A Mística Feminina. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1971.
- Hahner, June E. A Mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937. São Paulo, Braziliense, 1981.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico, 1920 e 1940. Rio de Janeiro, RJ.
- Leite, Miriam Moreira. "Maria Lacerda de Moura, imagem e reflexo" in Mulher, Mulheres, organiz. por Carmem Barroso e Albertina de O. Costa. São Paulo, Cortez Editora, 1983.
- Maranhão, Ricardo e Mendes Jr., Antonio. Brasil História, 3 República Velha. São Paulo, Braziliense, 1979.
- Neto, A.C. Machado. A Bahia Intelectual (1900-1930). Salvador, UFBA./FFCH, Caderno de Pesquisa nº1, 1972.
- Neto, Ma. Inácia d'Avila. O Autoritarismo e a Mulher, o jogo da dominação macho-fêmea no Brasil. Rio de Janeiro, Achiamê, 1980.
- Osakabe, Haquira. Argumentação e Discurso Político. São Paulo, Kairós, 1979.
- Rodrigues, Amélia. Ação Social Feminina. Nicteroy, Escolas Profissionais Salesianas, 1923.
- Saffioti, Heleith. A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 2a. Edição, 1979.
- Sampaio, Consuelo Novaes. "Crises in the Brazilian Oligarchical System: A case study on Bahia, 1889 - 1937". Tese de Doutorado. Baltimore, Maryland, Universidade de Johns Hopkins, 1979.
- Soihet, Rachel. "Bertha Lutz e a Ascensão Social da Mulher, 1919-1937". Tese de Mestrado. Rio de Janeiro, UFF, 1974.

Stolcke, Verena. Mulheres e Trabalho. Estudos CEBRAP (26), 1980.

Tavares, Luis Henrique Dias. O Problema da Involução Industrial na Bahia. Salvador, UFBA., 1966.

_____. Duas Reformas da Educação na Bahia, 1895-1925. Salvador, MEC/INEP, 1968.

Todorov, Tzvetan. A Conquista da América - a questão do outro. São Paulo, Martins Fontes, 1983.

Vianna, Hildegardes. A Bahia já foi assim. São Paulo, CF/GRD, 1979.

Revistas e Jornais

- . Revista da Academia de Letras da Bahia
- . Paladina
- . A Voz
- . O Estado da Bahia
- . O Imparcial
- . Cidade do Salvador
- . Diário de Notícias
- . Diário da Bahia
- . Folha da Noite (SP)
- . Jornal do Brasil (RJ).

